

Rodrigo Setestrello



Monte Caburái

Monte Roraima

Río Maú

Suriname

# o tepuy

Río Tacutu

Serra da Moça

Montanhas Kanaku

Río Rupununi

Guyana

Serra Grande

Serra da Lua

Branco

**UFRR**  
EDIÇÕES

Rodrigo Setestreló



# o tepuy

ou vertentes da savana

2ª Edição, 2024.



o tepuy ou vertentes da savana. Copyright © 2024 by Rodrigo Setestrello. Esta obra está licenciada sob a Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional CC BY.



Esta obra pode ser reproduzida, adaptada ou copiada, desde que mencionada a fonte/autoria. A violação dos direitos dos autores é crime estabelecido pelas leis penais brasileiras (Lei N. 9.610/98 e Código Penal Brasileiro).

#### **UERR Edições**

Universidade Estadual de Roraima  
Rua 7 de Setembro, N. 231.  
Bairro Canarinho. CEP. 69306-530.  
CNPJ: 08.240.695/0001-90  
contato@edicoes.uerr.edu.br

#### **Conselho Editorial**

Isabella Coutinho Costa  
Márcia Teixeira Falcão  
Mário Maciel de Lima Júnior  
Serguei Aily Franco de Camargo  
Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira

#### **Equipe Editorial**

Carlos Eduardo Bezerra Rocha  
Cláudio Souza da Silva Júnior  
Josiane Gabriel Teixeira da Cruz

#### **Universidade Estadual de Roraima**

Cláudio Travassos Delicato, *Reitor*.  
Edson Damas da Silveira, *Vice-Reitor*.  
Francisco Robson Bessa Queiroz, *Pró-Reitor de Ensino e Graduação*.  
Leila Chagas de Souza Costa, *Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação*.  
Isabella Coutinho Costa, *Pró-Reitora de Extensão e Cultura*.  
Alvim Bandeira Neto, *Pró-Reitor de Planejamento e Administração*.  
Ana Lúcia de Souza Mendes, *Pró-Reitora de Orçamento e Finanças*.  
Elemar Kleber Favreto, *Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*.

**Projeto e diagramação:** Cláudio Souza Jr. <claudio@uerr.edu.br>

**Ilustrações:** Lindomar Bach

**Imagens:** Arthur Citó

## 2ª edição

### Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

S495t Setestrello, Rodrigo.  
O Tepuy ou vertentes da savana / Rodrigo Setestrello. – 2. ed.  
Boa Vista, RR:  
UERR Edições, 2024.  
PDF (162 p.) : il.  
ISBN: 978-65-89203-50-6

1. Botânica. 2. Monte Roraima. 3. Scientia amabilis.  
4. Literatura de Cordel. I. Universidade Estadual  
de Roraima.

CDD: 581

*Jeana Garcia Beltrão Macieira (CRB 11/589)*

À Maria Vitória

As Plêiades são da maior importância para o índio determinar as estações do ano, a época certa dos trabalhos na plantação. Quando elas desaparecem no horizonte a oeste, começa a época das chuvas; quando elas reaparecem a leste, começa a estiagem. Seu desaparecimento significa abundância de alimento. Seu reaparecimento lhe indica que é tempo de desmoitar a mata para lavrar a plantação. Assim, podemos falar decididamente de um “ano das Plêiades” do índio.

Theodor Koch-Grünberg

# "Abrição"

Confesso que quando recebi o convite para fazer a apresentação do “o tepuy ou vertentes da savana” fiquei, obviamente, honrado, mas ao mesmo tempo um pouco temeroso de traçar uma linha digna dessa obra literária. Isso porque, pensava eu em princípio, as praias dos rios por onde navego são banhadas por águas distintas daquelas rimadas pelos autores cordelistas, que é o caso clássico de nosso querido Rodrigo de Oliveira. Mas, ao dar as primeiras folheadas no manuscrito, percebi que o texto, na realidade, era um casamento de artes do escrever.

O fio da meada que Rodrigo nos apresenta é baseado no relato de sua participação em uma expedição científica realizada ao Monte Roraima - uma formação geológica de aproximadamente 2730 m de altitude que fica localizada no extremo norte de Roraima. De forma dialogada, o autor aproveitou essa motivação profissional para nos mostrar que o ensino de botânica, sua vertente acadêmica, também pode ser explorada de forma literária, e menos sisuda do que quando apresentada dentro dos tradicionais livros pedagógicos. Obviamente que o texto do autor não foi desenhado para refletir um relatório científico de Botânica no sentido estrito do termo. Mas, ao mesmo tempo, também não há dúvidas de que o autor aproveitou essa contextualização para contar-nos um pouco sobre sua trajetória de vida em Roraima.

Em uma opinião muito pessoal, considero que o autor acertou profundamente ao traçar o enredo do livro coadjuvando seu perfil humano com a arte da Botânica. Ao longo do texto, podemos sentir, mesmo que em alguns momentos de forma disfarçada, um autorrelato sobre o “eu” do autor ou mesmo suas agruras ao longo do marco temporal vivenciado na expedição ao Monte Roraima. Do ponto de vista do leitor, eu apostaria dizer que é quase uma autorização que ele nos dá para também realizarmos reflexões pessoais.

O livro nos mostra que as vertentes de que Rodrigo nos relata são, obviamente, dos elementos que formam a savana que alcança e pulsa aos pés do Monte Roraima, mas são também aquelas que nos entregam

o *modus operandi* de sua trajetória de vida pessoal e profissional. Para isso, e agora sim, o autor se aproveita magistralmente da arte do cordel em algumas partes do livro – sua paixão literária. O cordel está inserido em trechos da obra não como a arte de escrever principal, mas como um elo entre sua atuação profissional, a Botânica, a expedição ao Monte Roraima, e trechos que lembram os rincões do interior de Pernambuco – sua terra natal.

Os cordéis expressos em trechos específicos da obra são, em sua essência, rimados e encaixados para nos dar suaves aulas de poesia e Botânica. O autor se aproveita do conhecimento que possui e de experiências pretéritas para nos mostrar como é possível repassar, didaticamente, informações colhidas a partir de uma expedição científica. Sua obra traça, por assim dizer, um conhecimento leve sobre os principais conceitos da botânica através de elementos regionais, resgatando também diversas passagens de naturalistas que percorreram o que hoje chamamos de estado de Roraima entre os séculos XVIII e XX. Me pareceu uma forma muito inteligente de apresentar o tema chave do livro e, ao mesmo tempo, nos mostrar diálogos e rimas criadas por suas motivações culturais pessoais.

Boa leitura!

**Reinaldo Imbrozio Barbosa (um amigo)**

Boa Vista, Roraima, 2 de março de 2021

# SUMÁRIO

No centro do mundo.....	9
Insônia.....	12
De como eu fui convidado para a expedição.....	16
Como conheci nosso aventureiro.....	21
Uma viola e um pandeiro.....	27
Sentido Norte.....	43
A caminho do Monte.....	48
No acampamento.....	67
Subindo o paredão.....	71
Sobre o Monte.....	74
O último caimbé.....	79
Na gruta do Quati.....	97
A ponte.....	105
Um pouco de descanso.....	111
Uma história roraimense de Botânica.....	120
Poeira que vai no ar.....	131
Makunaima e o diabo na Serra do Sol.....	142
Sob o brilho do Setestrelô.....	150
O autor.....	162

# No Centro do Mundo

Reinava uma alegria geral que afetou a mim mesmo. Sob um céu sorridente, rodeado pelas majestosas montanhas rochosas do Roraima, e entre alegres filhos da natureza, esse dia ficará para sempre na minha memória.

Ernst Ule

Este livro não é apenas um relato de viagem ao Monte Roraima, mas principalmente, é um livro que fala de Botânica. Fala de conhecimentos básicos da disciplina e outras curiosidades a fim de despertar, encantar, sensibilizar e apaixonar o leitor pela *Scientia amabilis*, a ciência das plantas. A proposta central é difundir o conhecimento de forma recreativa para todos.

Dessa forma, seguindo tradições poéticas e da Literatura de Cordel, resolvo incorporar ou me aventurar em uma escrita em prosa narrando esta aventura ao Monte Roraima, no centro do Mundo, um lugar entre a Floresta Amazônica e o Caribe. O texto em moldes didáticos, visando a construção de uma cultura botânica, segue características de livros sobre aventuras infantojuvenis e adulta (por que não?!). Escrevi pensando em um público de todas as idades.

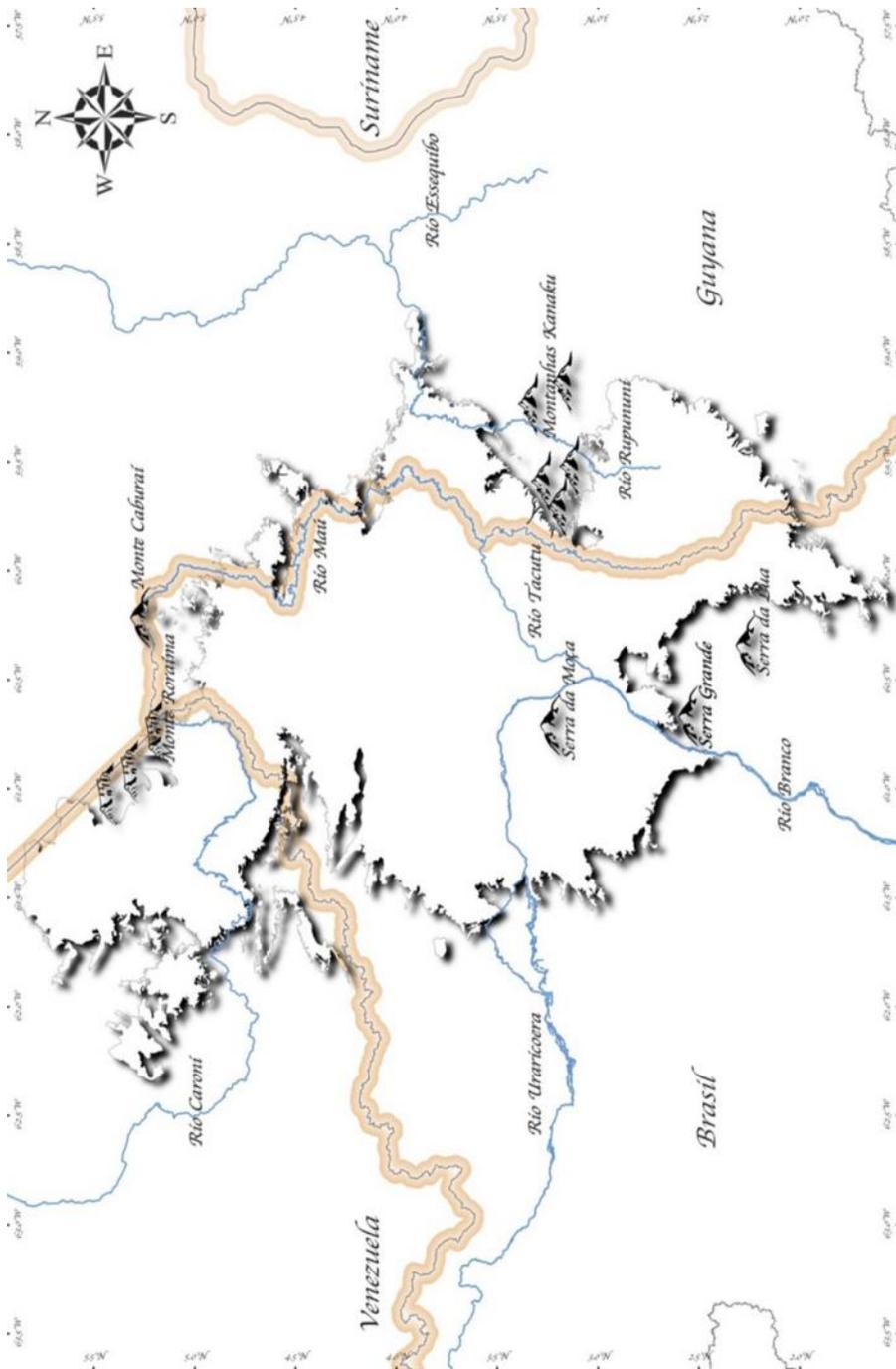
Quando estou diante de pessoas que dividem este mesmo espaço que eu, a cidade de Boa Vista, Roraima, pergunto-lhes sobre as árvores/arbustos da savana (o Lavrado), ambiente em que se encontra nossa cidade, e percebo que pouquíssimas delas conseguem responder. Com o passar dos anos, concluí que esse é um fato preocupante e que ao mesmo tempo nos encaminha para a indiferença das questões ambientais e conseqüentemente o entendimento sobre os povos indígenas, ética, alimentação e etc. Enfim, a verdadeira qualidade de vida para todos. Sim, o tema deve ser sempre pensado na coletividade. Recordo-me da frase de sucesso: ‘muitos querem sombra, poucos plantam árvores’. Esse é o

nosso cenário atual. Não só em Boa Vista, mas, no Brasil inteiro.

Pensando dessa forma, vejo que Boa Vista traz todas as características das metrópoles do país, em tamanho reduzido, claro. Somos uma das menores capitais do Brasil em termos populacionais dentre outros, e menor que muitas cidades interioranas deste país continental. Porém, a vejo com potencial para refazermos as coisas, de buscarmos um equilíbrio e respeito a todos e ao ambiente. Eu desejo que este livro, ou histórias que contei e outras que espero contar germinem estas ideias. Sempre penso na parábola do Semeador, neste momento. Espero que você também aja como um semeador, mesmo quando nem todas as sementes consigam germinar.

Ademais, esta história é baseada em várias histórias, em diferentes pessoas, no entanto, com um único propósito: a manutenção de nossos recursos naturais, fundamentais para as nossas vidas.

*a ponte  
o monte  
a fonte*



# Insônia

Estava coletando ideias, mais do que meramente recolhendo objetos de história natural.

Alexander von Humboldt

Era quase meia-noite e eu estava imerso em uma leitura sobre História do Brasil, no período logo após a abolição dos escravos e os anos consequentes de servidão do povo preto, do afastamento para longe dos centros. Assim como a história indígena de massacre, perda de território e identidade, esse episódio é muito doloroso para mim que vivo no futuro daquele passado. Ou pior, como anteriormente, ouvi. “o Brasil é um país preso no passado”, uma referência às chagas abertas da escravidão. Em minha cidadezinha no interior ouvi uma história ou outra reforçando a trajetória desses povos em meio à fome e à morte. Eram resquícios de algumas famílias, que devem ter sido incorporadas à vida urbana naquela pequena localidade no interior do Nordeste. Essas pessoas não tinham sítios ou fazendas como as pessoas que convivi em minha infância na década de 1980. Elas eram o puro retrato da herança brasileira que nesses meus 35 anos, enfim pude perceber. Essa história estava toda ali ao redor. Não tinha visto, e se vi não me importei.

Daí, bebo mais um café esfumacante e perco o sono pensando nos meus pais, tios, avós e amigos de lá. Café a essa hora da noite além da insônia, certamente deve ir contra a minha pontual duloxetine das 18h. Deito-me. Estou no Extremo Norte da Amazônia, vivendo como um novo retirante, em busca de vida e de sonhos. Sou de novo solitário, preso em medos e inseguranças que trago desde a minha infância. Nesta angústia, lembro que ainda não vi o filme Ser Tão Velho Cerrado. Porém, não o veria. Olho a casa. Está desarrumada, desorganizada, roupas para todo lado.

Já dividi algumas noites como essa com minha avó em sua

residência. Ela entendia muito de plantio, de remédios caseiros, e do uso de cada planta, coisas que só a partir de uma relação muito próxima com elas se poderia saber. Da mesma forma, lembrei das histórias de meu bisavô, pai dessa avó, sobre agricultura, sobre terra ruim, sobre fome, sobre serpentes que apareciam e atacavam sorratamente, sobre as plantas que traziam a cura. Histórias que, vistas de hoje, eram sobre inocência e ingenuidade.

Levantei da cama e fui procurar livros sobre a flora da Caatinga, depois sobre o Lavrado e, em seguida sobre a Amazônia. Pesquisei o significado dos nomes em Tupi e revi artigos do passado. Corri os olhos nas aventuras de Humboldt e Bonpland na América do Sul<sup>1</sup>. Li a travessia deles pelo canal Cassiquiare, que liga o rio Negro ao rio Orinoco, e cuja descoberta foi relatada por La Condamine no século XVIII.

Folheei uma edição recente de um livro antigo sobre o Vale do Rio Branco de mais de 100 anos<sup>2</sup>. Vi o número de povos indígenas e imaginei que a extinção desses foi por motivos de guerras, fome ou incorporação via casamento ou recrutamento com outros povos de mesmo tronco linguístico ou até diferentes.

Observei o histórico do nome *savana*<sup>3</sup>. Descobri que o nome Lavrado foi dado por um político do Amazonas, quando o Vale do Rio Branco ainda fazia parte daquela província. Um nome para quem tinha as suas riquezas vindas do campo e provavelmente a desfrutava bem longe dali, na então capital Manaus.

Mas o Lavrado<sup>4</sup> é simplesmente um campo de solo arenoso com a presença de árvores tortuosas e veredas de buritis que seguem o rastro de água dos córregos e igarapés. É um lugar marcado pela história, com desenhos em pedras, desenterrado em fósseis, sujo por sangue de dominação, de cobiça, de iludidos por um *el dorado* que nunca existiu<sup>5</sup>,

1 WULF, A. A Invenção da Natureza: a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

2 ZOUÉIN, M. E. O; MAIA, A.C.N. O Vale do Rio Branco. Boa Vista: Editora da UFRR, 2017.

3 BARBOSA, R.I.; COSTA E SOUZA, J. M.; XAUD, H. A. M. Savanas de Roraima: Referencial geográfico e histórico In: BARBOSA, R.I.; XAUD, H.A.M.; SOUZA, J.M.C. (Eds). Savanas de Roraima: Etnoecologia, Biodiversidade e Potencialidades Agressilvipastoris. FEMACT, Boa Vista, 2005.

4 IBGE. Manual Técnico da Vegetação Brasileira. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2012.

5 RALEGH, Walter. O caminho de Eldorado.: adaptação e notas de E. San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002.

entretanto, que foi, e ainda é intensamente buscado por fantasiosos sonâmbulos que desejam riqueza fácil. Resquícios de uma colonização saqueada por todos os lados.

Volto o pensamento para a História do Brasil, costumada em golpes. Até Dom Pedro aplicou um em seu pai com a Independência. E depois o próprio, quando rei em Portugal, aplicou o golpe de volta no Brasil, repassando as dívidas ao Império. E, desse modo, a história segue.

Brasil foi o nome dado por aqueles que só extraíam a madeira para comércio e uso. E brasileiro, para quem trabalhava nesse saque e exploração. Sempre fomos um lugar de saques. É praticamente o que lemos sobre a história dos países africanos. Saques, mortes, exploração, escravidão, dominação branca-europeia. Aqui nunca fez parte da América para os europeus. Não como esse nome foi usado para os Estados Unidos. América devia ser só lá. Aqui somos andinos. Se pensar bem, nem o nome Amazônia devia ser reconhecido. Veio primeiro devido às Amazonas da Mitologia grega. Daí, estados em alguns países têm o mesmo nome. E tem a discussão que as Amazonas seriam, na verdade, as Icamiabas que Francisco de Orellana as avistou.

Desse modo, são os nomes em tupi. Talvez nem sejam nomes originais, mas apenas variações dadas pelos portugueses, espanhóis, franceses, alemães ou demais povos que por aqui passaram.

Outra coisa também: Rondônia (RO) e Roraima (RR). Que confusão mais esdrúxula essa que vivem fazendo. Para mim, demonstra a falta de interesse com o todo, com o país por inteiro. E pensar que Roraima se chamava Território Federal do Rio Branco, capital Boa Vista, e confundiam com Rio Branco, capital do Acre. Daí, organizam um plebiscito e mudam o nome para ser como está. O Território Federal do Guaporé vira Rondônia. O Território do Rio Negro vira Amazonas, que o rio inicialmente fora batizado de Orellana, seu “descobridor”. Li anteriormente que o nome seria Paranâhuazú<sup>6</sup>. Amapá e Roraima já foram as Guianas Portuguesas<sup>7</sup>. Também tem isso. Guiana – terra das águas. Podia ser tudo uma Guiana só.

6 VERUNSCHK, M. O som do ruído da onça. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

7 FONSECA, A. A. D. (2015). RORAIMA COMO UMA DAS GUIANAS: o vale do Rio Branco e a “Ilha da Guiana”. Outros Tempos: Pesquisa Em Foco - História, 12(20). <https://doi.org/10.18817/ot.v12i20.487>

E pensar que no Pará, várias cidades têm nomes de municípios portugueses. Belém, Óbidos, Santarém... Santarém, onde nosso Carl Friedrich Phillipp von Martius quase morreu afogado e em agradecimento pela sua vida doou um crucifixo que até hoje está lá na Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Óbidos, terra de dois fundadores da Academia Brasileira de Letras; José Veríssimo, idealizador dela, e Inglês de Sousa, introdutor do Naturalismo. Essa região devia ter outro destino.

Certamente, existem muitas outras coisas que nem sei. Vontade de saber mais, de conhecer mais. A Ilha de Maracá, já foi morada indígena. Pedra Pintada, sem dúvidas certamente tem um nome indígena que ninguém mais fala. O rio Branco também deve ter um. Ouvei falar em *Queceneene*, pelo povo Paravilhana, no entanto, não sei a história. A Serra Grande que era Serra Carauma ou Carumá ou K̄araú-tepö. E o Monte Caburaí?! Olha a luta para se reconhecer como ponto setentrional. Um tema que foi resolvido lá atrás pelo próprio Cândido Rondon, e até hoje fazem confusão. Ou seja, retrato do desinteresse, do descaso. Quando aqui tiver outra sede de exploração, aí vai ser reconhecido. É sempre desse jeito.

Passei a noite acordado.

# De como eu fui convidado para a expedição

O ardente desejo de visitar uma região tropical, para contemplar a exuberância de vida, tanto animal como vegetal, que dizem existir ali, e ver, com os meus próprios olhos, todas as maravilhas que tanto me deliciavam, quando eu lia as descrições feitas pelos viajantes que as contemplaram, foram os motivos que me induziram a romper a trama de meus negócios, os vínculos que me prendiam ao lar, e partir para “alguma terra bem distante, onde reina um sertão constante”.

Alfred Russel Wallace

Estava conferindo meus e-mails na manhã de uma segunda-feira. Não era um bom dia, não por ser uma segunda-feira, mas, por ser um dia após uma longa noite de insônia. Chegar ao trabalho e tomar um café coado esfumacante era a melhor coisa que poderia me acontecer. Como ocorria em todos os dias que sofria com noites em claro, a manhã seguinte no trabalho era um pouco diferente das demais. Fui o primeiro a chegar. Não que eu tivesse o costume de me atrasar nos dias comuns, mas neste caso, eu chegava uma hora antes da estagiária que chegava religiosamente 30 minutos antes do expediente normal, ou seja, às 6h30.

Meu café, já na mesa do computador esfriava um pouco antes de começar a bebê-lo. Na caixa de entrada eu procurava um e-mail convite, porém não tive nenhum contato de pesquisadores do país. Fiquei um pouco frustrado, estava esperando um contato para realizar uma pesquisa em parceria com grandes botânicos do estado de São Paulo, os quais desenvolveriam um levantamento de espécies arbóreas em áreas de difícil acesso da Amazônia, como montanhas, serras, áreas alagadas e outras. Realmente, fiquei um pouco decepcionado. Seria um grande

ganho pessoal e profissional. Não que fosse fazer um bom dinheiro com isso. Ser pesquisador no Brasil é um caso maior de paixão do que riqueza. Em nosso país nem pesquisador é reconhecido como profissão. Além do mais, estou feliz e estável em meu serviço e contribuir para a ciência Botânica brasileira é o meu papel, sempre tive isso em mente.

Fiquei um tempo refletindo e repensando sobre não ser incluído nesta pesquisa. Eu estava há bastante tempo no Extremo Norte da Amazônia, e por vezes me senti esquecido por colegas do restante do país. Essa era mais uma. Apesar de já ter acontecido outras vezes, essa me fez refletir sobre estar tão distante de casa dedicando muito trabalho e esforço para sensibilizar e incentivar o conhecimento e importância do estudo de Botânica naquela região. Isso sim, era muito frustrante!

Então, acessei um aplicativo de rede social para checá-lo. Rede social, apesar de tudo, acredito que pode ser bem usada para específicos fins. Lembro de sempre incentivar meu líder do grupo de pesquisa a ter uma conta e que a usasse como um caráter científico, pois foi assim que consegui muitos artigos para uma pesquisa passada a custo zero. Infelizmente a máquina do sistema chegou ao mundo da Ciência, e muito do que produzimos ainda temos que pagar para publicar. Quer dizer, a frustração só aumenta! A estagiária do qual mencionei já havia chegado. Nos cumprimentamos e começamos a falar de jogos de futebol do domingo anterior. Gostava de conversar com ela sobre isso. Ela acompanhava o campeonato nacional e fazia boas críticas aos jogos. Assistir ao futebol na TV era um tipo de “fuga consciente da realidade”. Nesse meio tempo, recebo uma ligação de um amigo que trabalha em um Instituto que monitora a fauna e a flora em Roraima, onde resido. Do outro lado, ele estava me contando que se preparava para uma expedição ao Monte Roraima dali a três semanas, e estava me convidando para participar da empreitada.

- Fala, meu velho. Tudo tranquilo?

- Tudo, e você?

- Na paz.

- É o seguinte: faremos uma expedição ao Monte Roraima para

a instalação de uma pequena ponte, e precisamos de um botânico para fazer um levantamento das espécies de um local no lado brasileiro. Pensei se você estaria livre para participar. É uma atividade de duas semanas.

- Claro! Disponível!

- Beleza! Sabia que toparia! Daí, vamos instalar parcelas de monitoramento para essas espécies, por conta de um desmatamento ocorrido por visitantes do parque. Amanhã vou te ligar para marcarmos as reuniões de organização.

- Beleza, meu velho. Combinado. Obrigadão!

Esse telefonema foi um grande alívio para a minha frustração em não participar da pesquisa de outrora. E seria, em especial, a maior realização de minha vida acadêmica até o momento. A participação no projeto anterior também seria. Porém, nesse caso, além de conhecer o Monte Roraima, eu realizaria um trabalho como pesquisador principal e também o conheceria; aquele lugar que tanto desejei estar e nunca tivera a oportunidade. Por um instante fiquei a pensar nas situações que tanto desejamos e que não acontecem, e de uma forma inesperada surge uma outra grande oportunidade. Tentei lembrar se já tinha acontecido isso antes em minha vida, contudo, se aconteceu não passou pela memória.

Curiosamente, aquela tarde eu ministraria uma aula de campo no Parque Ecológico Bosque dos Papagaios. Local muito aprazível da cidade, onde podemos encontrar espécies arbustivo-arbóreas da savana de Roraima. O Bosque é um lugar que frequento com uma certa rotina de duas ou até três vezes por semana, para fazer uma caminhada pelo passeio que existe, observar as aves que lá se encontram e, claro, ver as plantas, e aprender um pouco mais sobre esse belo lugar.

As espécies arbustivo-arbóreas nativas da região mais comuns<sup>8</sup> que encontramos no Bosque são mirixi (murici) ou mirixi-vermelho, com flores amarelas (*Byrsonima crassifolia*), mirixi-branco (*Byrsonima coccolobifolia*) com flores brancas, caimbé (*Curatella americana*), sucuba (*Himatanthus*

<sup>8</sup> BARBOSA, R.I.; C. CAMPOS; F. PINTO; P.M. FEARNSTIDE. s/d. The "Lavrados" of Roraima: Biodiversity and conservation of Brazil's Amazonian savannas. Functional Ecosystems and Communities (in press). 2007.

*drasticus*) e espécies comuns de ambientes florestais encontrados na savana, como as ilhas-de-mata, daí temos jenipapo (*Genipa americana*), paricarana (*Bowdichia virgilioides*), pimenta-de-macaco (*Xylopia aromatica*), chapéu-de-sol (*Godmania aesculifolia*), jatobá (*Hymenaea* sp.), mari-mari (*Cassia moschata*) e outras<sup>9</sup>.

O mais importante nessa aula no Bosque, um ambiente não formal de ensino<sup>10</sup>, é a interação dos alunos com o próprio lugar, porque está localizado em uma área da cidade em que muitos estudantes não transitam pela grande distância e, prioritariamente, conhecer as espécies principais, digamos, assim, da flora do Lavrado, que a grande maioria desconhece. Então, funciona como um ‘boas-vindas’, você mora na região do Lavrado e agora vai conhecer algumas de suas espécies vegetais, sua morfologia (caules, folhas, flores, frutos e até raízes, quando podemos observá-las). O Bosque conta, ainda, com espécies exóticas que foram plantadas ao longo de muitos anos antes de sua criação. Aulas como essa, e o grande interesse dos estudantes me trazem uma paz muito grande, com a sensação de dever cumprido em vê-los felizes por aprender e me fazer aprender também.

Na semana seguinte, os preparativos para a viagem envolveram reuniões logísticas e esboços dos desenhos amostrais para a expedição. A construção da ponte (cerca de 10 metros de comprimento) era para a passagem dos visitantes, para não pisotear a vegetação que estava parcialmente destruída. Também conversamos sobre histórias instigantes e curiosas sobre o Monte Roraima, as quais os funcionários do Instituto já tinham vivido ou já ouvido por indígenas e guias brasileiros e venezuelanos. A apreensão e organização de toda a expedição eram bem percebidas pelos meus colegas de trabalho, visto que eu estava mais leve, sorrindo com mais frequência. E planos para fazer este livro vinham poderosos em minha mente. Entretanto, qual história irei contar? Antes, era preciso vivê-la.

---

<sup>9</sup> Os nomes das espécies botânicas não trazem seus respectivos autores, como pede a Nomenclatura Botânica. <sup>10</sup> DOS REIS, E.; RIZZATTI, I.; COSTA DE OLIVEIRA, R. A trilha do Parque Ecológico Bosque dos Papagaios como espaço não formal de aprendizagem da organografia vegetal. Revista Insignare Scientia - RIS, v. 2, n. 4, 2019.



O Monte Roraima

# Como conheci nosso aventureiro

É mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que à ponta da espada.

William Shakespeare

Do outro lado da ligação estava eu, Henrique Bastos, engenheiro florestal e servidor público responsável pela gestão do Monte Roraima e de outros locais no estado há mais de 25 anos. Conheci o botânico convidado para a expedição, João de Sousa, em 2006, numa atividade de campo sob a liderança do ilustre e saudoso botânico Moisés Duarte, que falecera dois anos depois daquela atividade. Naquele momento compartilhamos muito sobre a flora local, e João, com sua formação destacara-se bastante, compreendendo algumas espécies e famílias botânicas. Era realmente um pesquisador de campo e demonstrava que tinha muito a contribuir. Meses depois, estava admitido numa instituição de ensino pública e dedicava seu tempo a entender o funcionamento ecológico de toda essa região e passar seu conhecimento para estudantes, demais pesquisadores e toda a sociedade. Era uma pessoa muito dedicada ao seu ofício.

Desde então, sempre mantivemos contato, realizamos alguns pequenos trabalhos, e eu sabia de sua vontade de trabalhar no Monte Roraima. Apesar disso, sua rotina não permitia, também por conta, inclusive, de questões familiares em Pernambuco, sua terra natal. No entanto, ao saber de sua nova realidade, fiz questão de convidá-lo.

Nosso aventureiro de primeira viagem nasceu em um pequeno vilarejo chamado Nossa Senhora da Assunção, em um município chamado Pedra do Ipê, interior de Pernambuco.

- João, como você começou a se dedicar a conhecer as plantas?  
Perguntei.

- Desde criança aprendi o nome das plantas, dos pássaros, dos insetos, serpentes e outros animais com os mais velhos da minha terra. Minha avó era neta de uma indígena, acho que *Kariri* ou *Caeté*, não sei. Sabia de plantas, animais e coisas da natureza. Sempre gostei de estar na companhia dela e de meu avô, que era mais ligado às questões sociais e culturais da cidade. Por meio deles, aprendi muita coisa sobre as pessoas e sobre as plantas, principalmente.

- Lá em Pernambuco, você estudou o estado todo, como foi?

- Nada, só uma localidade. Minha cidade fica entre a Zona da Mata canavieira, que um dia foi Atlântica, triste isso. Hoje, no verão, parece uma Caatinga. É uma área de transição entre os dois ambientes. Um ecótono. Dessa forma, conheci muitas árvores, tanto de um lugar como de outro: imbiriba, muitos tipos de tento, sucupira, pau-d'arco ou ipê, amarelo em especial, diferentes tipos de cactos, e muitas outras. Anos mais tarde, entrei na faculdade de Biologia, na cidade vizinha, que era maior e tinha ensino superior, Vitória de Santo Antão. Peguei gosto pela Botânica e segui estudando mais e mais.

- Mas e as plantas daqui você conhece muitas?

- Têm plantas aqui que existem por lá.

- Sério?! Perguntou Alfredo curioso.

- Sim, os mirixis, paricarana (que lá é a sucupira), ipês (pau-d'arcos) e outras.

- Não sabia que as plantas davam em lugares tão distantes, ressaltou o jovem Alfredo, guia indígena que iria nos auxiliar na expedição e estava em Boa Vista para os preparativos.

- Pois é, isso chamamos de distribuição das espécies. Muita gente estuda isso. Como as plantas se dispersaram por um lugar, uma região, um continente.

Continuou Alfredo: - Sério!? Tem planta que existe em continentes diferentes?

- Sim. O nosso caimbé é uma espécie que está presente na América do Norte, Central e do Sul.

- Que legal!

- As plantas são impressionantes!

- Só as plantas não, todos os seres vivos! Tudo está interligado, completei.

- Tudo está interligado, repetiu.

Concluiu Alfredo: - Então, se causamos um desequilíbrio, como derrubar árvores, isso pode atingir outros. Meu Deus, os passarinhos!

- Isso mesmo. Pássaros, aves, insetos, bactérias, fungos e muitos mais, que não podemos imaginar. Por isso é tão importante lutarmos pela floresta Amazônica, pelo Cerrado, Caatinga e outros. Nossa vida depende da manutenção do ambiente. Os insetos são muito importantes para a vida no planeta. Sem eles praticamente não existe polinização e não há a produção de frutos, nosso alimento.

Alfredo balançou a cabeça concordando e dando liga à conversa. Desse modo, João continuou: As abelhas só polinizam alguns tipos de flor. As amarelas e azuis, porque são atraídas por elas. No entanto, não polinizam as vermelhas, pois não enxergam essa cor.

- Que interessante!

- As borboletas polinizam geralmente as vermelhas e as mariposas as flores que não são necessariamente coloridas, visto que elas saem à noite. Assim, elas buscam pelo aroma exalado por essas flores.

- Então, quase todo inseto tem uma função com as plantas. Digo, de polinização.

- Isso! Na Biologia isso é chamado de coevolução.

- Coevolução?!

- Sim, é uma adaptação simultânea entre as espécies envolvidas.

Nesse caso, este processo de adaptação dos aparelhos bucais dos insetos com as flores de seus interesses, e vice-versa.

- A natureza é mesmo muito interessante! Está tudo conectado! No conhecimento indígena esse pensamento de conexão de tudo existe há muito tempo. Mas quando a gente vê como é que funciona, a gente fica surpreso!

- Sabia que existem flores que exalam cheiro de carne podre?

- Não, mas vi muitas com um cheiro ruim.

- Algumas dessas são polinizadas por moscas, que são atraídas pelo cheiro. E existem muitos outros casos.

- Certo.

- Uma coisa importante é frisar que as espécies vegetais que têm flores são as Angiospermas. Ou seja, as Gimnospermas, samambaias, musgos e outras são polinizadas pelo vento e pela água, principalmente. Contudo, as Angiospermas desenvolveram mecanismos para crescerem e reproduzirem mais rápido que às demais. Dessa forma, há alguns milhões de anos elas são as dominantes da flora mundial.

- Entendi! O coco então é uma Angiosperma, certo?!

- Certo.

- Pois tem a flor e tem uns insetos miudinhos que devem polinizá-las, certo?!

- Certo. Boa observação.

- Mas eu tenho outra pergunta. Não sei se é meio boba para perguntar. De onde vem a água do coco?

- Essa é uma boa pergunta, Alfredo. Primeiro, o que seria aquele coco menor em que encontramos a água e a “carne”?

Alfredo pensou rapidamente e respondeu com um semblante de dúvida: o fruto?

- E a parte de fora, a casca, que tem toda aquela fibra seria o quê?

- Ah sim, a casca é o fruto. Então, o coco menor é a semente, respondeu Alfredo eufórico.

- É por aí, concordou João.

- E a água? Insistiu Alfredo

- A água faz parte da semente. No interior da semente encontramos o embrião e um tecido que o alimenta, chamado endosperma. Nesse caso do coco, ele está na forma líquida, ficando sólida com o amadurecer dele, isto é, a “carne”.

Tivemos essa conversa em um pequeno restaurante no centro de Boa Vista durante um jantar, após o dia de organização do material para a nossa expedição. Estávamos animados pela viagem que começaria no dia seguinte. Entretanto, João, pernambucano que é, lembrou que um conterrâneo seu estaria numa pequena reunião com amigos para falar de Literatura de Cordel e poesia nordestina em um pequeno centro cultural na periferia da cidade. Fiquei receoso com o horário, uma vez que eu seria o motorista até o município de Pacaraima, tinha que dormir cedo. Contudo, com a animação de João e a curiosidade de Alfredo em conhecer a cultura nordestina fomos ao tal evento.

Chegando ao local a festa estava animada, muita gente do Nordeste e muita gente conhecida do meio cultural de Roraima estava presente. Vi muitos estudantes, professores, casais e filhos e muitos outros também. Algumas pessoas que pareciam ser do meio cultural, eu não as conhecia. Apesar disso, todas elas conheciam o João e vinham cumprimentá-lo e perguntar sobre o que andava escrevendo. Até aquele momento eu não sabia que João se aventurava na arte de escrever. Perguntei-o sobre isso. Ele disse que poderíamos falar sobre o assunto durante a expedição, pois estava muito barulho para nos explicar sobre o que ele escrevia.

Haveria um sarau e, enquanto não começava, um trio tocava um forró pé-de-serra autêntico que animava a todos. Alguns casais já estavam

a dançar no espaço central. Festa bem familiar, parecia uma grande reunião a qual quase todos se conheciam. Às vezes tenho a impressão de que eventos culturais e até movimentos ambientais e sociais que são organizados em Boa Vista são, em sua maioria, frequentados pelas mesmas pessoas. Penso seriamente sobre isso, porque acredito que só poderemos mudar a nossa sociedade se pudermos chegar nas diferentes classes sociais e na juventude, que muda completamente a cada geração. Essa é minha visão.

Pois bem, o trio pé de serra terminou o show, que foi fortemente aplaudido por todos e, em seguida, começou uma movimentação no palco com alguns jovens declamando poesias nordestinas e até músicas mais conhecidas, como *Léngua tirana* de Gonzagão e Humberto Teixeira, imortalizada na voz do Gonzagão. Demais artistas se apresentaram até que chegou o grande momento da noite: *A peleja entre o violeiro Zé Bodeiro do Caranã e o cordelista Têu-têu do Lavrado*, que trazia um pandeiro na mão.

# Uma viola e um pandeiro

Quem gosta de ler não morre só.

Ariano Suassuna

Eu não tinha visto, porém Alfredo depois me contara que João havia sido convidado a fazer a abrição da peleja entre os dois poetas. Então, ele como bom pernambucano, começou:

*O Lavrado de Roraima  
Abriga muitas culturas  
Tantas são desconhecidas  
Bem como suas figuras  
São povos de muitas terras  
Seja do campo ou das serras  
Que vão gerações futuras.*

*Tem gente de todo lado  
Norte, sul e além-mar  
Tem gente que fala rápido  
Gente que anda devagar  
Tem gente que conta história  
Outros têm boa memória  
Alguns que querem rimar.*

*Tem gente de todo jeito  
Que decidiu vir pra cá  
E trouxeram nas bagagens  
As coisas de seu lugar  
E tudo isso misturado  
Só tem engrossado o caldo  
Nos fazendo salutar.*

*Tem gente que vem de longe  
Outros que vem de perto  
Mas muitos são sonhadores  
Outros errados ou certos  
Têm os cheios de direito  
Uns com deveres no peito  
E os metidos a espertos.*

*Tem gente que traz saudade  
Outros trazem todo mundo  
Tem gente que vive só  
E amam bem lá no fundo  
Tem gente de toda idade  
De mentira e de verdade  
E os que passam um segundo.*

*Por isso vim vos contar  
A peleja do Lavrado  
O Seu Têu-têu da savana  
Que tem um certo rimado  
Ele faz rima contando  
Nos dedos e gaguejando  
Mas canta de bom grado.*

Nesse momento, o violeiro Zé Bodeiro interrompeu a declamação de João:

*Mas para este desafio  
Tive que mandar recado  
Pois ele não aparece  
Nem me faz comunicado  
Parece até um distante  
Ou ele se faz tratante  
Que turbina meu rimado.*

*Até que um dia me veio  
Um recado da comadre  
Que o viu cedo na feira  
E ele jurou como um padre  
Que a peleja tá aceita  
E eu logo disse, eita!  
Chegou hora do enquadre.*

*O recado que chegou  
Tão ligeiro me dizia  
“Prepare bem o seu rimado,  
pois não gosto de agonia.  
Quebro rima do senhor  
E não seja roncadador  
Como gato gordo mia”.*

Sem conseguir interromper a rimada de Zé Bodeiro, João olhava ansioso para que ele o deixasse continuar, porém, o público presente, respeitava os 67 anos do Sr. Zé Bodeiro e o acompanhou com risos e algumas palmas. Logo após o término da interrupção, João conseguiu continuar:

*Mas o outro cantador  
É muito bem conhecido  
Afamado Zé Bodeiro  
Um poeta decidido  
Repentista de primeira  
Do Caranã para a feira  
É valente destemido.*

*E também seu Zé Bodeiro:  
Me mandou o seu recado*

Zé Bodeiro interrompeu novamente completando a estrofe:

*“Se o cantador for o gago  
Diga que fique deitado  
Dormindo não tem perigo  
Pois o besta desse amigo  
Vai capinar meu roçado”.*

O público estava eufórico com mais um lampejo de Zé Bodeiro, no entanto, logo em seguida, João já bem mais à vontade, emendou o versejado e continuou narrando os fatos:

*Mas o tal dia chegou  
E eles se encontraram  
Apertaram suas mãos  
E bem sérios se encararam  
Viola com Zé Bodeiro  
Seu Têu-têu no pandeiro  
Eles assim começaram.*

*Agora sim, meus ouvintes!  
Começou esta peleja  
Combinando B com A  
Nos trazendo a bem fazeja  
No final vamos saber  
E certeza conhecer  
O fujão dessa verseja.*

**Zé Bodeiro (ZB):**

*Zé Bodeiro é cantador  
Dessa terra que é bendita  
Reside no Caranã  
De rimado tem pepita  
E quem se atreve com ele  
Não consegue esquecer dele  
Tem na vida um parasita.*

**Téu-téu do Lavrado (TL):**

Pois Seu Téu-téu do Lavrado  
Bebeu leite de cabrita  
De Glória para Roraima  
Cantou rima nessa fita  
Com ele não tem muito dengo  
Quebra Bodeiro no quengo  
Pois Zé não berra, só grita.

**ZB:** Zé Bodeiro quando rima  
Chega o povo se levanta  
Pois sabe que este véio aqui  
É rima forte quando canta  
Seu Téu-téu, se oriente  
Ou diga que tá doente  
Vá rezar pra sua Santa!

**TL:** Seu Téu-téu está aqui  
E o povo não se engana  
Pois quando ele tá presente  
Pega fogo na savana  
Bodeiro, volte pra casa  
Pois pra tu só vai ter brasa  
Corra logo pra Guiana.

**ZB:** Seu Téu-téu, tu é gago  
E não sabe nem rimar  
Rima troncho afolozado  
Que é difícil de falar  
Vá prosar com suas plantas  
Ou com as formigas e as antas  
Que no caminho encontrar.

**TL:** Bodeiro, muda o teu nome!

Te chama Zé Migué  
O enrolão do Cordel  
Que não sabe rimar de pé  
Parece que engoliu um ovo  
Quando de frente com o povo  
Que sai falando bé-bé.

**ZB:** Pois Seu Têu-têu, não me invente!

Pois se eu sou um enrolão  
Tiro as cordas da viola  
E te mostro uma lição  
Vosmicê comigo chora  
Pois quando a taboca tora  
Tu se engasga no refrão.

**TL:** Zé Bodeiro, vá pra casa!

Vá cuidar dos seus bodinhos  
Eu sou que nem uma onça  
E acabo com tudinho  
Vosmicê faça o favor  
Digo, pegue seu motor  
E dispare rapidinho.

E nessa hora levantou-se  
A mulher de seu Thomé  
Logo disse aos cantadores  
Pra deixar de reteté  
Pedi tema lá e cá  
QUE COMECE AGORA JÁ  
COM BOLACHA E COM CAFÉ

**ZB:** Como tareco de manhã  
Como cuscuz de culé  
Boto comida pros bichos  
Vejo quem está de pé  
E canto daqui pra lá  
QUE COMECE AGORA JÁ  
COM BOLACHA E COM CAFÉ

**TL:** Eu bebo leite da ordenha  
E cuscuz como de pé  
Faço reza pro meu Deus  
Porque sei quem ele é  
E depois vou trabalhar  
QUE COMECE AGORA JÁ  
COM BOLACHA E COM CAFÉ

**ZB:** Eu trabalho no roçado  
Tenho minha própria fé  
Chupo cana e assovio  
E toco no arrasta-pé  
Rimando em todo lugar  
QUE COMECE AGORA JÁ  
COM BOLACHA E COM CAFÉ

**TL:** Faço rima de cordel  
Bem melhor que você, Zé  
Canto as coisas de Roraima  
Da farinha ao caimbé  
Buriti e tamanduá  
QUE COMECE AGORA JÁ  
COM BOLACHA E COM CAFÉ

**ZB:** Canto à minha grande terra  
Desde quando era Baré  
Bem falo de nossa gente  
E da onça e do jacaré  
Da Baliza até Cantá  
QUE COMECE AGORA JÁ  
COM BOLACHA E COM CAFÉ

**TL:** Batendo no meu pandeiro  
Cantei lago e igarapé  
Muito andei dum canto a outro  
Do Itã ao Cauamé  
E mostrei como rimar  
QUE COMECE AGORA JÁ  
COM BOLACHA E COM CAFÉ

O que se viu em diante  
Foi uma luta acirrada  
Um poeta versejando  
E o outro na rimada  
Era uma luta feroz  
E que o povo já sem voz  
Aplaudia a pelejada.

Vendo tal situação  
Que não tinha vencedor  
Bem no meio da plateia  
Levantou-se um tocador  
Era João de Aparecida  
Beato da Mãe querida  
Desse bairro morador.

E logo seu João propôs  
Que se fizesse outro mote  
Pois que esse já tinha feito  
Donzela receber dote  
Então emendou que agora  
Já estava mais que na hora  
De tirar ouro do pote.

**ZB:** Obrigado, seu João Beato  
Por usar seu cabeçote  
Mudar esse tal rimado  
Que já parecia um trote  
Mas agora vou mostrar  
Pro Seu Têu-têu se engasgar  
Pois sou cobra dando bote.

**TL:** Zé Bodeiro, se acalme  
Não me provoque um boicote  
Não fujo dessa peleja  
Pois trago é bomba no pote  
Quando menos esperar  
O povo vai lhe vaiar  
Pois pra bode eu sou coiote.

Vendo que os dois se perderam  
A mulher de seu Thomé  
Já se levantou de novo  
E chamou os dois de pé  
- Mudem logo para oitava  
Que a plateia já tá brava  
Pois meu nome é Salomé.

Os dois logo se lançaram  
Começaram bem ligeiro  
E seguindo a mesma ordem  
Começou seu Zé Bodeiro  
Tangendo a sua viola  
Pois Seu Têu-têu não enrola  
E já bate no pandeiro.

**ZB:** Pois o meu nome é Zé Bodeiro  
Andei no Lavrado a pé  
E sei bem como é que é  
Fazer um verso certoiro  
Roço, planto e faço rima  
Sei também mudar o clima  
Não importa quem tá em cima  
No repente sou primeiro.

**TL:** Pois o meu nome é Têu-têu  
E desde a hora primeira  
Eu só escutei besteira  
Que é ver Bodeiro rimar  
Pois pra todos brilha o sol  
Já mostrava o girassol  
Do raiar ao arrebol  
E vá aprender contar.

**ZB:** Faço conta de cabeça  
Já que você não pareça  
Um cantador que mereça  
Eu lhe ensino como faz  
Conte o tempo na viola  
Pois a rima é que nem mola  
E se me pedir esmola  
Sei que não será capaz.

**TL:** Bodeiro aqui tu não mente  
Que esse povo todo sente  
Tu não fica pra semente  
Pra saber do outro dia  
Faço rima do Lavrado  
Que se tu é arrochado  
Vai fazer esse rimado  
Rimando com maestria.

**ZB:** Se quer falar do Lavrado  
Lhe mostro que sou honrado  
E aceito de bom grado  
Pois trago conhecimento  
Nas árvores, mirixi  
Caimbé e buriti  
Paricarana e miri  
Sucuba, angico e tento.

**TL:** Parabéns em responder  
Demonstra seu conhecer  
Mas eu devo lhe dizer  
Que buriti é palmeira  
Não tem tronco, mas estipe  
Que é mole feito na gripe  
Como açai é d'equipe  
Feito coco e bacabeira.

**ZB:** Tudo bem, vá desculpando  
Agradeço admirando  
E já vou continuando  
Com outras perguntas a mais  
Que estão aqui inclusive  
E seja então um detetive  
Fale os bichos que aqui vive  
Me dizendo quem tem mais.

**TL:** Vosmicê pergunta bem  
Mas lhe respondo também  
O que a nossa fauna tem  
Começo com jabuti  
Macaco e tamanduá  
Onça, tatu, tracajá  
Jacaré, caracará  
Mutum, anta e sucuri.

**ZB:** Pra um gago você tá bem  
Mas vamos seguir além  
Pra esse povo dar Amém  
E para continuar  
Deixando povo orgulhoso  
Nós seguimos virtuoso  
Com xote maravilhoso  
Nesse repente embolar.

**TL:** Tudo certo, Zé Bodeiro  
Comece você primeiro  
Vá abrindo seu berreiro  
Pois eu logo lhe acompanho  
Meu pandeiro cadencia  
Minha rima com euforia  
Dia e noite, noite e dia  
Com meus versos sem tamanho.

Os dois poetas fizeram  
Uma ferrenha peleja  
E depois das oitavas  
Foi décima na verseja  
E os dois bardos rimaram  
Que as pessoas aprovaram  
Cantoria sertaneja:

**ZB:** Meu rimado é correto  
Pois tiro o tempo na hora  
Canto firme, sou direto  
Deixo sentido concreto  
E canto pr'ocês agora  
O verso ferve na mente  
Quando sai pela garganta  
O povo todo se encanta  
Faço o fácil diferente  
Que a plateia se levanta.

**TL:** Eu versejo este rincão  
Na alegria roraimense  
Traço o verso num quadrão  
E ele volta um refrão  
Do calor boa-vistense  
É rio, Lavrado e serra  
Que vos trago na cabeça  
Pois eu não quero que esqueça  
Do valor da nossa terra  
Sem que antes você conheça.

Um rapaz se preocupou  
E nos fez um paralelo  
Disse que morava no 13  
E seu nome era Marcelo  
E pediu aos cantadores  
Lhes chamando de senhores  
Que cantassem em Martelo.

Disse que reforçaria  
Inda mais a pelejada  
Pois que a décima ficou  
Meio estranha na rimada  
Os cantadores toparam  
Pois com rapaz concordaram  
E começou tal parada!

**ZB:** *O repente é pro meu povo daqui  
Que você sabe que eu tenho a dizer  
Pois eu só sei falar, não sei escrever  
Mas o que eu falo um dia já vivi  
Fazendo as contas que uma vez perdi  
Na mais louca odisseia do Lavrado  
Pois assim fui puxar o meu arado  
Mas cresci me fazendo ser valente  
Só a gente sabe o nosso presente*  
NO MARTELO QUE VOA AGALOPADO.

**TL:** *Meu cordel já nasceu neste rincão  
É corisco traçado no papel  
É chocalho de cobra cascavel  
É a onça rugindo no torrão  
Que não pode ver uma ingratidão  
Na Ilíada do meu versejado  
Pois boi brabo comigo cai deitado  
Então faço cordel ser diferente  
Canto verso rimado de repente*  
NO MARTELO QUE VOA AGALOPADO.

**ZB:** *Percorri pelas trilhas norte-sul  
Procurando as lições dos ancestrais  
Andei de Saruê até Calais  
Passei em Pedra Fina e em Istambul  
E só vi como céu é todo azul  
Voltei pro meu rincão desenganado  
E pensei no que estava no recado  
Que dizia que é tudo de repente  
E meu verso brotou do inconsciente*  
NO MARTELO QUE VOA AGALOPADO.

**TL:** Fui em todos os reinos do Cordel  
Vi Leandro, Camelo e Minelvino  
Pirauá, Milanês e Zé Galdino  
Zé Pacheco, Romano e Manuel  
Atahyde, Inácio e Rafael  
E com todos foi de muito bom grado  
Vi Cascudo fazendo versegado  
Isso tudo me fez muito contente  
Pois meu verso se fez eficiente  
NO MARTELO QUE VOA AGALOPADO.

**ZB:** Boa Vista é terreno de cultura  
Coração da memória de Roraima  
Chã lendária do mito Makunaima  
É Princesa do Norte. Formosura  
No Cordel tem sua Literatura  
Terra de gente forte e de legado  
Que nos faz sempre ser o convidado  
E que assim nos quer pra sempre presente  
O Cordel se faz todo convincente  
NO MARTELO QUE VOA AGALOPADO.

**TL:** É Roraima um pequeno brasileiro  
Cheio de gente de todo lugar  
É a fonte de todo versejar  
Quem aqui nos faz se sentir primeiro  
É de todos nós o grande vanguardeiro  
Quando se chega aqui é bem tratado  
Pois quem sabe o que leu sem ter cuidado  
Agradece por ser um sobrevivente  
O Cordel se sente um onipresente  
NO MARTELO QUE VOA AGALOPADO.

Esta noite já varava  
A madrugada era fria  
Mas ninguém dava no pé  
A noite virava dia  
Pois a verseja era agora  
Um festival sem demora  
Uma bela cantoria.

E mais pessoas chegavam  
Para ver estripulia  
Desses dois cantadores  
Que tinham muita ousadia  
Um tocando no pandeiro  
E o outro um violeiro  
Canto, verso e poesia.

Dona Salomé enfim  
Ficou muito satisfeita  
Também seu João Beato  
Concordou sem ter suspeita  
Decidiram que a rimada  
Tava de fato empatada  
E pensaram em nova empreita.

Daí os dois cantadores  
Encerraram a rimada  
O povo aplaudiu de pé  
Toda aquela versejada  
De Bodeiro e Seu Têu-têu  
Na qual Boa Vista do céu  
Pra sempre ficou lembrada.

Era quase fim da noite quando fomos ao escritório dormir para sairmos à primeira luz da aurora e seguir viagem a Pacaraima.

## Sentido Norte

Onde há uma palmeira sempre deve ser inventado um mar, eternas ondas morrendo.

Mia Couto

Pela manhã, acabamos perdendo a hora, no entanto, foi talvez melhor assim. Seria mais seguro viajar descansado do que poder causar um acidente. Tomamos um bom café da manhã e combinamos de sair às 11h para não termos maiores contratempos. Ainda pela manhã, demos uma volta no comércio que estava abrindo e compramos castanhas e amendoins para recompor energias durante o período no Monte. Uma coisa fundamental para a viagem é manter um peso adequado de sua mochila para o corpo aguentar firme durante o percurso.

Nossa saída foi rápida e pudemos voltar ao escritório para descansar um pouco mais. Às 11h em ponto saímos de Boa Vista, com o carro abastecido e a presença de Joana Barreto, uma funcionária do Instituto e minha companheira de gestão em áreas de Roraima.

A viagem seguiu tranquila, fizemos uma parada rápida numa lanchonete localizada no '100', ponto que fica a aproximadamente 100 km da saída de Boa Vista, sendo um local muito procurado por viajantes que se aventuram por pontos turísticos na região norte de Roraima. O local era muito conhecido especialmente pela paçoca com banana.

- Boa tarde, o que temos pra essa hora do almoço? Perguntou Joana à senhora que estava atendendo na lanchonete.

- Temos sucos de taperebá, mirixi, manga, limão...

- E pra comer?

- Bolo de carimã, de trigo, queijo coalho e paçoca com banana,

que é a especialidade da casa.

João, que estava há 12 anos em Roraima, ainda não tinha experimentado o suco do mirixi, e o escolheu. Todos escolheram paçoca, com exceção de Joana, que ficou com o bolo de carimã. A roraimense não nega a raiz.

- Para mim, quando saio pelo Lavrado, só tenho vontade de comer paçoca. É a cara do Lavrado. Exclamou João, exaltado.

Alfredo concordou e disse gostar muito do taperebá. Ressaltou que era um suco com a cara do Lavrado. João concordou e disse que o taperebá o lembra de sua infância na zona rural em Pernambuco. Daí, Alfredo perguntou: Tem taperebá lá?

- Sim, só que lá a gente o chama de cajá, mas é a mesma espécie, *Spondias mombin*.

- Que legal! Taperebá e cajá são a mesma espécie.

- Tem uma fruta muito parecida com o taperebá lá no Nordeste, que se chama seriguela. São praticamente irmãs. O nome dela é *Spondias purpurea*.

Eu não aguentei comer o prato de paçoca todo e pedi para a senhora da lanchonete embrulhar em um saco plástico para levar. João curiosamente dirigiu-se ao balcão parecendo que ia pedir outra coisa e todos demos uma leve risada de sua ausência de fastio.

Na mesa, Joana e eu demos instruções para Alfredo de como organizaríamos as coisas quando chegássemos em Pacaraima. Passaríamos a noite por lá e às 5h da manhã nos levantaríamos para sair em direção ao Monte às 6h. Nesse tempo, João voltou à mesa com um palito de dentes e em tom contente nos disse: Vamos!

- Calma, empolgado, temos que pagar a conta, indagou Joana.

- Já paguei, ressaltou João, e se dirigiu ao carro para seguir viagem.

Nos entreolhamos e Joana o respondeu que não podia ser assim, tínhamos que dividir a conta. João respondeu que na volta acertaríamos. Todos sorriram.

De volta à estrada conversamos sobre questões ambientais e histórias de Roraima, que tanto eu como Joana estávamos empolgados em contar. Eram histórias da década de 1970 - 1980, e as de Joana quando era criança na década de 1980 - 1990 já na adolescência e fase adulta. Muito divertido lembrar algumas passagens de nossas vidas e vermos como era ser feliz naqueles tempos em que faltava muita coisa na antiga Boa Vista e que hoje não vivemos sem. Depois de passado a entrada da Comunidade Surumu e subindo a Serra Pacaraima, Joana contou da existência de sítios arqueológicos na região. Incrições rupestres talhadas na rocha.

- Lembrei o que Alfred Russel Wallace documentou com os indígenas Uaupés, atual estado do Amazonas, e lembrei da Pedra do Ingá, no interior da Paraíba, disse João.

À noite, em Pacaraima, após um breve descanso no fim da tarde, saímos para jantar em um pequeno restaurante já conhecido meu e de Joana, que ao menos uma vez ao mês estávamos em Pacaraima para organizar ações logísticas junto às comunidades indígenas e áreas ambientais. O jantar correu bem, todos tomamos uma sopa de legumes. Refeição leve para dormir bem e seguirmos viagem pelo interior da Venezuela e chegar à vila Paraitepuy, território indígena, no Parque Nacional Canaima.

Na volta, durante o caminho para o alojamento do Instituto relembramos fatos curiosos da noite anterior no encontro dos poetas populares. Como alguns casais dançavam engraçados, outros dançavam muito bem e como os senhores com uma idade avançada dominavam o salão e só paravam para beber água, com as camisas encharcadas de suor. Joana lamentou não ter comparecido, dado que estava concentrada para a viagem logo cedo e, em tom de brincadeira, repreendeu-nos pela saída atrasada de Boa Vista. Prometemos não mais descumprir a agenda.

Mas Alfredo tinha alguns comentários a fazer do evento que foi importante para todos nós nos interarmos.

- Esse tipo de poesia é brasileira ou teve origem com os portugueses e espanhóis?

- Boa pergunta, respondeu João, e continuou: Sim, ela chegou ao Brasil por meio dos ibéricos, entretanto, o Cordel, a declamação e outras manifestações culturais têm uma origem um pouco incerta. Muitos acreditam que chegou em Portugal e na Espanha quando os Mouros estiveram por lá, como a presença de instrumentos musicais, como a rabeça, o alaúde e muitas outras coisas.

- Nossos colonizadores trouxeram coisas interessantes além de dor e sofrimento, disse Alfredo, num tom irônico.

- É, se pensarmos que aqui existiam também manifestações culturais dos nativos e que desapareceram, não fica tão bonito assim. Entretanto, muito dessa cultura dos nativos também foi incorporada pelos colonizadores e transformada em outros costumes, disse João.

- É mesmo, ressaltou Alfredo.

- E não podemos esquecer da incorporação da cultura africana nisso tudo, indagou Joana.

- Se pensarmos bem, veremos que a base da cultura brasileira é proveniente da África. Olha o samba e a capoeira aí.

João logo ressaltou outras manifestações como o Maracatu, Caboclinho, Mamulengo, Reisado e Cavalo-marinho. O Brasil é uma reunião de culturas. Imagine que com além de tudo isso, houve a incorporação de espécies vegetais africanas e as que vieram com portugueses, espanhóis, franceses e outros que por aqui passaram. Essa região da Amazônia recebeu muitos estrangeiros. Além desses que falei, tiveram os ingleses e os holandeses.

Alfredo, nesse momento, parecia absorver todo tipo de informação e vagar em seus pensamentos com um ar de alegria e esperança. Todos nós ficamos observando seu silêncio por um instante.

Ao chegarmos ao alojamento, sentamo-nos todos na varanda e João perguntou a Alfredo: Qual a sua história? Alfredo teve um semblante

de espanto sentindo-se especial, todavia, apenas disse que outro dia teríamos muito tempo para ouvirmos a sua história e a de seu povo, e que valeria a pena, que ele a achava muito bonita.

Todos demos um sorriso de apreensão, porém, muito contentes com as palavras de Alfredo. Fomos para a cama.

# A caminho do Monte

O gênio inventivo de cada um foi-se transmitindo, assim, de geração em geração, com observações acumuladas, que foram aperfeiçoando e alargando o campo do conhecimento das plantas.

João Barbosa Rodrigues

De manhã cedo tomamos café bem rápido, forte o bastante para o grande dia. Às 5h30, o carro de uma agência de turismo da Venezuela, contratada para a nossa aventura, chegou e embarcou todo o material. Foi preciso vir mais um carro para nos conduzir. Isso foi rapidamente resolvido e, por volta das 6h10, saímos de Pacaraima, atravessamos a fronteira e seguimos viagem pela Gran Sabana venezuelana.

Após passarmos pela cidade de Santa Elena de Uairén, seguimos pela rodovia, perfeitamente asfaltada em contraste com as nossas no Brasil, especialmente a nossa histórica BR-174. Durante a viagem, fomos apreciando a bela paisagem da região, com seus imensos campos cobertos principalmente por gramíneas e alguns arbustos e árvores. A típica savana<sup>11</sup>. Nada era mais perfeito que a sutileza dos buritis<sup>12</sup> em vereda no horizonte. Algumas cabanas indígenas abrilhantaram as fotos, que dentro do carro tirávamos caprichosamente.

João disse:

-Vendo os buritis, lembrei de uma história que vivi anos atrás em uma comunidade indígena. Já contei essa história várias vezes em quase todo lugar que vou. Então me permitam contá-la novamente? Todos responderam que sim.

11 MIRANDA, Izildinha Souza; ABSY, Maria Lúcia. Fisionomia das savanas de Roraima, Brasil. Acta Amaz. [online]. vol.30, n.3. 2000.

12 Mauritia flexuosa

Todos responderam que sim.

Então. Fazíamos um estudo de uso das plantas em uma comunidade indígena de etnia Macuxi, na Terra indígena São Marcos. E toda vez ao final da entrevista com cada morador eu perguntava: O que é uma árvore?

As respostas quase sempre eram relacionadas ao porte, e se dava flores e frutos. Daí, eu colocava alguns exemplos encontrados na região.

- A copaíba<sup>13</sup> é uma árvore?

- Darora<sup>14</sup> é árvore?

- Angico?

- Taperebá?

E quase todo mundo respondia que sim.

Daí, eu perguntava se o mirixi-orelha-de-burro e o douradão também eram. Como são espécies de porte baixo, alguns ficavam na dúvida na hora de responder.

As duas espécies foram mencionadas nas perguntas com o intuito de esclarecer o conceito de árvore pelos participantes, uma vez que as duas espécies apresentam baixa estatura e caule muito frágil em relação às demais espécies da região. Nesse momento, percebemos que o participante organizava o seu conceito mentalmente antes de responder. Mas respondiam:

- Sim, orelha-de-burro e douradão são árvores, botam flor e fruto, mas não são grandes.

É certo que essas definições locais podem variar de entrevistado para entrevistado devido às diferentes formas de organização das ideias em torno de características morfológicas comuns (ou não) das plantas questionadas.

No entanto, um fato interessante ocorreu com um casal de participantes. Eles moravam um pouco distante da sede da comunidade. A moradia era de madeira e tinha alguma alvenaria. O primeiro fato que me chamou a atenção era que o terreno que circundava a casa era todo cercado, estacas de madeira e em alguns pontos existiam arames farpados.

<sup>13</sup> *Copaifera pubiflora*

<sup>14</sup> *Leptolobium nitens*

O casal tinha filhos e netos na comunidade. Fui indicado por esses familiares e pelos outros moradores que esse casal conhecia muito bem as árvores da região. Chegando lá conheci a história do casal. A senhora era sobrinha do fundador da comunidade, por isso era chamada de tia pela maioria dos moradores, e ele, era um cearense que há muito tempo veio para Roraima se aventurar como vaqueiro. Em um certo momento, se conheceram, casaram, tiveram filhos e etc. Hoje já idosos, estão aposentados e o senhor é reconhecido como indígena.

A entrevista começou em separado, pois uma colega de trabalho fazia também um levantamento de espécies medicinais e tínhamos combinado de fazermos assim e depois trocarmos de participantes. E deu muito certo, tanto que conseguimos perceber semelhanças e diferenças entre os maridos e esposas da comunidade.

Primeiro, o entrevistei, e foi aí que soube de sua trajetória do Ceará para Roraima. Ele me disse que veio para ser vaqueiro em fazendas de gado, e que depois trabalhou em diferentes atividades, até ser agricultor na comunidade. Realmente, ele tinha um grande conhecimento das árvores nativas da região.

E chegou a hora de fazer a entrevista com a senhora. Neste momento ela ajeitava o cabelo fazendo um novo modo de amarrá-lo, e aí percebi que seus cabelos, apesar de brancos, eram bastante longos. A entrevista correu muito bem, e pude catalogar uma espécie que basicamente era medicinal pela comunidade, mas que também fora indicada como alimentícia, fato que me chamou a atenção. A senhora categoricamente respondeu, “a gente toma o chá da planta no lugar de tomar café”. Fiquei novamente muito contente com essa informação.

E após as informações sobre as árvores da região, era chegada a hora da grande pergunta.

- Para a senhora, o que é uma árvore?

Ela me respondeu conforme todos na comunidade, seguiu o critério do porte, das flores e frutos, até que fiz a segunda pergunta:

- Copaíba é uma árvore?

Um pouco pensativa, mas confiante, respondeu que sim e balançando a cabeça positivamente.

- Ok, pensei.

A casa deles ficava às margens de um pequeno igarapé da comunidade, que naquele momento estava seco. Lá avistei os buritis, que eram marcantes naquela paisagem, e perguntei:

- Buriti é árvore?

Ela me respondeu que não.

- O buriti não é uma árvore! Afirmei com um tom de dúvida.

- Não.

- Por que que a copaíba é árvore e o buriti não é?

- Veja só, na copaíba, as folhinhas saem dos ramos da árvore, e no buriti, não tem ramo, as folhas saem do pé. O buriti não tem ramo.

Olhei com um semblante misto de felicidade e de admiração para a senhora.

Ouvir essa resposta nos causou euforia, já que percebemos que a senhora diferenciava uma árvore de uma palmeira utilizando os conceitos de caule simpodial e caule monopodial. Era o conhecimento empírico daquela participante similar ao conhecimento botânico observado na Academia e presente nos livros didáticos de Botânica<sup>15</sup>.

Ao final da história, Joana parecia estar um pouco emocionada. Ela disse que tinha muito carinho e respeito pelos povos indígenas, e que essa história era muito ligada ao território. – Você vê nisso a questão do pertencimento ao local, o entendimento que eles têm das coisas do meio.

Foi uma grande fala da Joana. Todos ficamos um pouco em silêncio logo depois. Acho que pensávamos no que aconteceu com os povos indígenas de nosso país e, principalmente, nos dias atuais.

Entramos pela estrada de terra, próximo à cidade de San Francisco de Yuruaní, e fizemos a primeira parada. João, como estava na sua primeira vez, tinha que tirar uma foto na inscrição Roroimö, feita num

15 Oliveira, R.L.C. *E buriti é árvore?* In: “Quando pensa que não...: contos, crônicas e causos em etnoecologia. Belém: UFPA. 2018.

barranco à beira da estrada, indicando que a aventura estava de fato começando. Pouco mais de 1h de trajeto, chegamos à vila Paraitepuy, onde vimos os sete tepuys à nossa frente da direita para a esquerda: Roraima, Kukenán (também chamado Matawí), Yuruaní, Wadakapiapö, e Karaurin, Tramen e Ilú (que juntos na paisagem parecem um tepuy, porém, os Pemón dizem que estão um à frente do outro, e o Tramen é o maior). É uma visão empolgante! Lembrando que o tepuy popularmente chamado “Roraiminha” (Wei-Assipu) está por trás do Roraima.

Na vila existe um escritório base do órgão responsável pela gestão dos parques venezuelanos. Os tepuys estão na região do Parque Nacional Canaima. Nessa base, contratamos carregadores para levar em todo o material da atividade que fomos fazer. Os carregadores são indígenas Pemón da comunidade e levam algumas bagagens e o material em seus jamaxis, um tipo de cesto confeccionado a partir de folhas de palmeiras, que parecem como mochilas nas costas. Então, informamos o período que permaneceríamos no parque para controle do órgão.

Durante o percurso, os guias da empresa de turismo levaram frutas para hidratação, o que foi mais um caso para Alfredo se interessar pela Botânica.

- João, melancia e melão são parentes?

- Sim, são da mesma família. Cucurbitaceae. Como se fossem primos.

- Sabia que elas eram parentes! E as bananas, elas são parentes da sororoca?

- São, sim, são primos, mas de famílias diferentes. Primos distantes. Musaceae é a família da banana e Strelitziaceae da sororoca.

- As folhas são muito parecidas. E existem outras plantas menores com essas folhas. Um pessoal chama de helicônia.

- Também. Sabia que a banana não é nativa da América?

- Não?!

- Não, vieram com os colonizadores. Elas são de ilhas da Ásia.

- Muito interessante! Elas se deram muito bem aqui, porque tem em todo lugar. Uma vez me disseram que a bananeira não é uma planta de verdade. É verdade isso?

- Claro que não, ela é uma planta.

- Foi o que eu disse!

- Ela não é uma árvore verdadeira, pois o caule dela é subterrâneo, chamado rizoma.

- Hum!

- O que a gente vê é como se fosse um ramo que na verdade, são folhas. Quando a planta-mãe dá o cacho depois não a arrancamos?

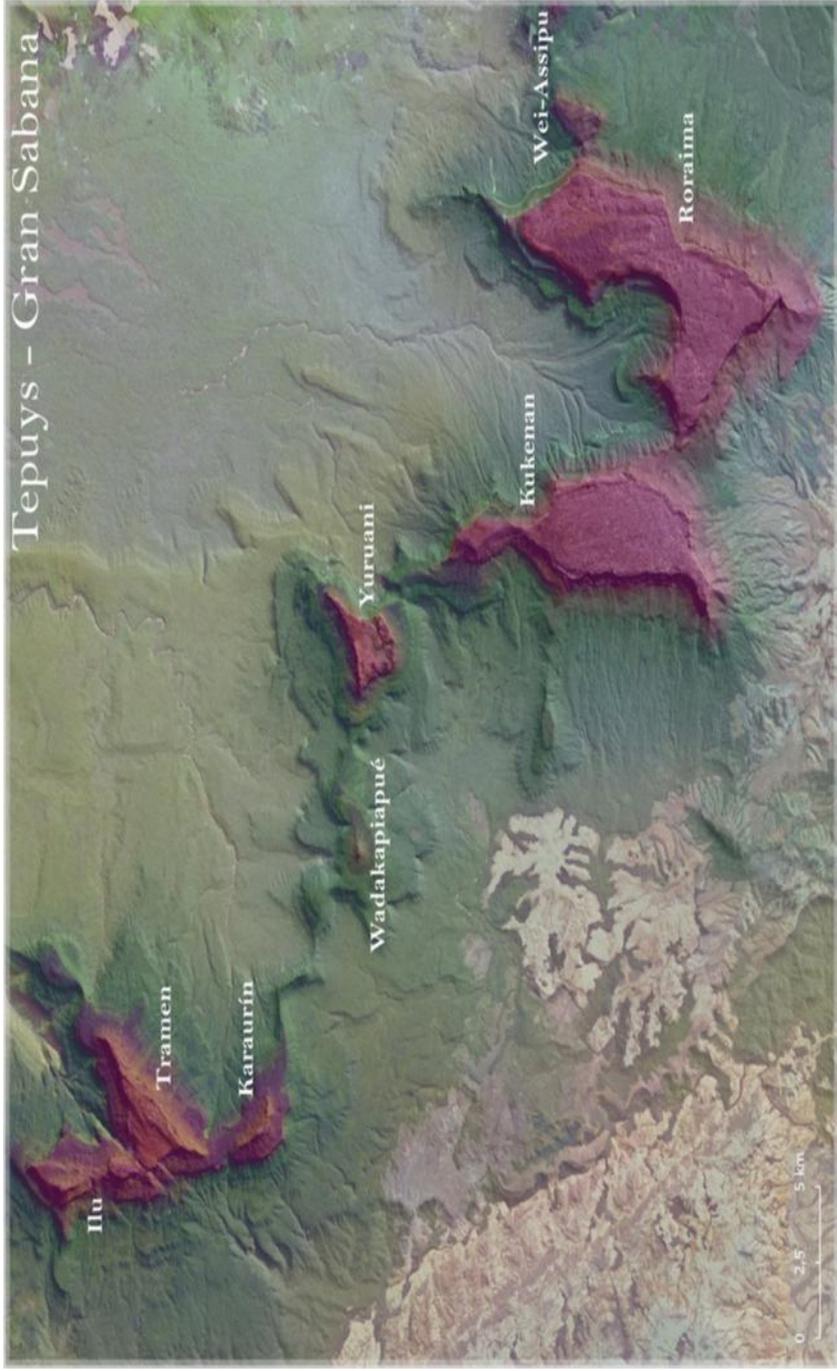
- Sim.

- Aquele ramo não vai dar mais frutos, então fica para os filhos, como são chamados.

- É mesmo!

Nesse momento da conversa ainda estávamos acima de uma pequena ladeira que subimos ao sair da comunidade Paraitepuy pela trilha convencional. Os carregadores dizem que ela é chamada de la prova, uma vez que é uma subida bem íngreme. Nesse local, podemos avistar a magnitude dos Montes Kukenán à esquerda e o Roraima à direita, bem como toda trilha à nossa frente. Após a parada para hidratação, continuamos a caminhada, sempre observando os dois grandes Tepuys. Mais à esquerda conseguíamos ver os demais, parcialmente encobertos por nuvens.

A caminhada seguia vislumbrante para mim, que estava ali pela primeira vez. A novidade se revelava a cada passo e eu tentava aproveitar ao máximo. Cada planta, cada flor, cada tom de verde, rochas de variados comprimentos por entre a relva savânica, nuvens que se formavam e se deslocavam ora cobrindo o Monte, ora revelando toda a sua magnitude



Os oito tepuys

com a volta dos raios solares. Tudo soava poesia, e eu estava ali para ouvi-la. Por vezes pensei na minha família em Pernambuco e a felicidade que sentiriam se estivessem lá.



**Kukenán à esquerda e o Roraima à direita bem como toda trilha à nossa frente**

*Era verão  
Comecei a escrever um Romance  
Não mais um Romance de Cordel  
Mas um relato que inventaria para sempre  
Era sobre o tempo  
Sobre os povos  
Sobre o sol e a lua*

Uma vez quando criança, meu pai nos fez caminhar, eu e meus irmãos, por uns 12 km até o sítio dele. Perdemos a condução por uns 10 minutos. Fomos andando até lá. Pelo que lembro essa foi a primeira grande caminhada que fizera na vida. Eu tinha 10 anos ou algo assim. Foi bastante proveitosa. Conhecemos um pouco mais de nosso pai naquela tarde de um domingo no início dos anos 90. Ele era muito fechado para sua história de vida. Guardei aquela caminhada como um grande

acontecimento. Risos. E de alguma forma, eu a lembrei durante essa caminhada ao Monte.

Por um momento no percurso encontramos um outro grupo que estava voltando do Monte naquele dia. Henrique parou e conversou com o guia deles. Momentos depois, ele me chamou para conhecê-lo. Disse que seu nome era Teodoro, indígena de Pacaraima.

Uma vez Henrique e eu fizemos juntos um levantamento de espécies arbóreas em 2 hectares de floresta em uma comunidade indígena em Pacaraima, contudo, em um certo momento da pesquisa, os indígenas desistiram de nos apoiar e tivemos que encerrar o levantamento. Houve um desentendimento na comunidade sobre a nossa presença, e em uma reunião com as lideranças fomos convidados a encerrar os trabalhos. No entanto, esse caso não nos causou nenhum incômodo, porque entendíamos como era uma relação comunitária e que nossos anfitriões poderiam desistir a qualquer momento. Teodoro era dessa comunidade.

Naquela ocasião, repassamos ao Teodoro o que tinha acontecido e ele disse para irmos juntos com ele se quiséssemos continuar. O fato era que já tínhamos traçado outro objetivo para a pesquisa, no entanto, em uma próxima oportunidade o procurariamos prioritariamente. Para realizarmos qualquer trabalho com a natureza, devemos contar com os povos da floresta. Esse respeito e entendimento é primordial para qualquer ação, e o Teodoro, como conhecia Henrique de uma considerável data, teria muito respaldo perante os demais membros da comunidade. Ficamos confiantes de retomar, algum dia, esta pesquisa.

Pelo caminho encontrei algumas espécies que não conhecia. Fotografei-as para tentar uma posterior identificação. Foi quando uma velha conhecida começou a me chamar a atenção. Era uma rubiácea, *Palicourea rigida*, que se fazia bem presente nas bordas graminosas ao longo do caminho. Além da presença de muitos indivíduos, alguns ostentavam o pendão da inflorescência repleto de flores amarelo-ouro. Daí que vem seu nome popular: douradão. Comentei com os demais que eu nunca tinha visto tanto douradão em um lugar só.

Nesse instante, Alfredo se aproximou e começou a ouvir com muita atenção.

- A família Rubiaceae geralmente tem as folhas opostas assim, e a inflorescência do gênero *Palicourea* é neste formato. Chamamos de inflorescência apical, porque aparece na ponta do ramo e as flores são pequenas e ficam dispostas desse jeito. Eu falava e mostrava cada parte da planta, na mais pura empolgação.

- Ela é uma planta, muito comum na savana, e eu desconfio que ela está bem presente aqui por conta do ambiente sem poluição, longe da cidade, eu acho. Li numa pesquisa que ela é uma planta essencialmente medicinal, não tem uso madeireiro, sabe. Usam principalmente as folhas e dizem que tomando o chá serve pra tudo que é doença.

Alfredo observou um pequeno pé de araçá ao lado e arrancou um ramo. Olhou para João e disse: ele também tem a folha oposta, não é?

- Confirmou, João, balançando a cabeça. Mas respondeu que o araçá não era Rubiaceae, e sim Myrtaceae. As flores são diferentes. Lembra como é a flor do araçá?

- Sim, são pequenas, brancas e não tem essa inflorescência.

- Isso mesmo! As duas famílias apresentam outra coincidência que é o ovário ínfero.

Naquela ocasião, todos já prestavam atenção.

- Como assim ovário?

- Sim, Alfredo. As flores têm ovários e, nesse caso, eles são ínferos, disse Joana, que também tinha formação em Ciências Biológicas.

- Veja bem, Alfredo. Sabemos que o ovário é ínfero quando o fruto se desenvolve abaixo do ponto de inserção dos verticilos, ou seja, abaixo das pétalas da flor e das sépalas, que são aquelas verdinhas.

- Certo.

- Lembra dos frutos do araçá e da goiaba, que têm aquele

chapeuzinho neles?

- Sim.

- Aquele chapeuzinho chamamos de cálice e é formado pelas sépalas. Nesses casos, eles não caíram com a formação do fruto, mas permaneceram nele, e também estão murchos.

- Alfredo balançou a cabeça positivamente, entretanto, com um semblante ainda confuso.

- Quer dizer, o fruto cresceu abaixo do cálice. Pois o ramo da planta que segura o fruto está do outro lado.

- Sim! Exclamou Alfredo. O fruto cresceu no meio do cálice e do ramo da planta.

- Certo.

- Esse ramo chamamos de pedúnculo.

- O outro tipo de ovário é o súpero, que é quando o fruto se desenvolve acima do ponto de inserção dos verticilos. Ou seja, das pétalas, sépalas e estames ou quando estão unidos, que é o chamado hipanto. Por exemplo, a laranja.

- Mas a laranja também tem o cálice nela. Não é aquele chapeuzinho?

- Muito bem, Alfredo! Mas o ramo que segura o fruto está na mesma posição do cálice, diferente da goiaba.

- Mira! É mesmo! Como nunca prestei atenção nisso?! Disse Alfredo sorridente.

Então, com um graveto desenhei uma goiaba e uma laranja no chão apontando as estruturas indicadas na conversa.

- Mas voltando para o douradão e a família Rubiaceae: um fruto bastante conhecido e que tem muito na região é o jenipapo.

- Sim, jenipapo tem muito mesmo! Mas a flor do jenipapo não é igual a do douradão. Digo, a inflorescência não é desse jeito. Disse apontando para o douradão.

- Isso mesmo. Não quer dizer, que a família inteira tenha o mesmo tipo de inflorescência, pode ser diferente. O café também é uma *Rubiaceae* e suas flores aparecem ao longo do ramo.

- Dessa forma, o jenipapo tá mais parecido com o araçá do que com o douradão.

- Realmente, parecem.

- E o fruto do douradão é bem pequeno, porque tem uma aparência semelhante.

- A diferença marcante entre *Rubiaceae* e *Myrtaceae*, nesse caso, está na presença das estípulas interpeciolares.

- É o quê?

Nesse instante até Joana fez uma cara de confusa.

- Tipo umas folhinhas, porém, não são folhas, que ficam entre as folhas do douradão. Veja elas aqui.

- Hum, é mesmo!

A feição de Alfredo foi enfim de contentamento, e abriu um sincero sorriso concluindo que ele aprendeu.

- Na van hoje cedo, você falou do mirixi-de-burro.

- Mirixi-orelha-de-burro.

- Isso! Ele também tem a folha parecida com a da goiabeira. Oposta.

- Você está me saindo um grande botânico, Alfredo! Ótima observação!

Alfredo sorriu, no entanto, esperava a resposta ansiosamente.

- O mirixi-orelha-de-burro é parente dos outros mirixis, normal.

- Sim, eles são muito parecidos mesmo!

- O orelha-de-burro é porque tem as folhas grandes e ele é bem pequeno. De longe, você pensa que é um pé de alface ou couve.

Risos.

- Ah, eu sei qual é! Eu o chamo de mirixi-anão.

- Hum, bom saber esse outro nome. Mas enfim, os mirixis, todos eles, são do gênero *Byrsonima*, isto é, são praticamente irmãos, e pertencem à família *Malpighiaceae*. A mesma família da acerola, que é do gênero *Malpighia*.

- Hum, mas qual a diferença dessa família para *Rubiaceae* e a da goiaba?

- *Myrtaceae*.

- Isso!

- Estou ficando cada vez mais admirado, sr. Alfredo!

- *Malpighiaceae* tem o ovário súpero e quase sempre tem as estípulas. Mas essas são na parte de dentro da folha. Bem no pezinho da folha, que chamamos de pecíolo.

- Aí é diferente mesmo.

- Nesse caso, chamamos de estípulas intrapeciolares.

- Quando voltar pra Boa Vista, eu quero ver uns livros de Botânica. Você me empresta?

- Claro que sim!

- Eu posso até te presentear com um.

Um outro guia, Carlos, se aproximou da conversa e disse conhecer algumas plantas da savana.

- Conheço a sucuba, congonha, angico, esporão-de-galo, caçari<sup>16</sup>.

Fiquei curioso pelo conhecimento de Carlos. Tínhamos agora dois parobotânicos treinados pela vida.

Carlos contou que era da mesma comunidade que Alfredo. Eram primos de 2º ou 3º grau.

- Na verdade, quase todos nós somos primos, disse Alfredo.

Todos rimos!

Eles explicaram que por um momento, mais ou menos uns 40 anos atrás, a comunidade sofreu a perda de muitos parentes, seja por doença ou conflitos por questão de terra com os não indígenas.

- Os mais velhos contam que muitas vezes as doenças chegavam pelos brancos e passava de um para o outro na aldeia. Muita gente morria em poucos dias e com muita febre.

Carlos, voltou a perguntar sobre os mirixis, uma vez que ele confundia o mirixi-orelha-de-burro com o mirixi-vermelho.

- Eu acho que no campo esses dois se misturam e o orelha-de-burro cresce mais e a folha fica igual ao vermelho.

- Parece que tem realmente essa questão. Um cruzamento do vermelho (*Byrsonima crassifolia*) com o mirixi-orelha-de-burro (*B. verbascifolia*), que origina um híbrido.

- Ah, então os cientistas já perceberam isso também?!

- Sim, esses cientistas/pesquisadores estão sempre coletando espécies no ambiente e fazendo observações. No caso, não é o orelha-de-

---

<sup>16</sup> *Himatantbus drasticus*, *Roupala montana*, *Anadenanthera peregrina*, *Xylosma benthamii*, *Myrciaria dubia*, respectivamente.

burro que cresce mais, pode ser um híbrido que é desenvolvido.

- Como assim um híbrido?

- Um híbrido é o indivíduo resultado do cruzamento de duas espécies diferentes, como nesse caso.

- Ah entendi, é igual ao caso da mula. Achei que isso só acontecia com animais.

- Não. Nas plantas isso acontece muito. O hibridismo, como é chamada essa área de estudo, pode acontecer não só com espécies diferentes, mas com outros grupos na classificação biológica.

- Tá me parecendo bem difícil agora.

- Realmente! Eu, particularmente acho um tema complexo.

- Mas no caso desse mirixi híbrido, ele não pode se reproduzir?

- Esperamos que não. No entanto, isso dele ser um híbrido é uma suposição, certo? Não vi nada confirmado ainda.

- Certo.

- Se interessar pelo tema, procure estudos sobre isso. Posso te indicar umas leituras em Boa Vista.

- Combinado.

- Lembrei de um artigo que diz que existem 19 espécies de mirixis aqui em Roraima<sup>17</sup>.

- Caramba! Achei que só tinham esses que você falou.

- Além do mirixi-vermelho, do orelha-de-burro e desse híbrido, existe o mirixi-branco (*Byrsonima coccolobifolia*).

---

<sup>17</sup> RODRIGUES, R.S., BARTSCH, G.R FLORES, A.S. A synopsis of *Byrsonima* (Malpighiaceae) in Roraima state, northern Brazil Phytotaxa 456 (1): 027–048. 2020.

- Certo.

- Pois é, o artigo ainda diz que dessas 19 espécies, três foram registradas pela primeira vez no estado de Roraima; duas ocorrem no Brasil apenas no estado e, existe uma espécie que só ocorre no estado de Roraima, e por isso dizemos que ela é endêmica.

- Muito importante isso!

- Pois é, esse é registro é fundamental para conhecermos nossas espécies e é um trabalho que leva tempo, capacitação de pessoas para fazê-lo e investimento na pesquisa.

- É o chamado investimento na Ciência que falam tanto, não é?!

- Isso.

- Mas endêmica, quer dizer que só ocorre aqui?

- No caso daquela espécie, sim. Endemismo quer dizer que a espécie tem uma distribuição restrita.

- E como isso pode acontecer?

- Na maioria dos casos, o endemismo é ocasionado por algum tipo de barreira física, como uma cadeia de montanhas, ilhas e outras coisas.

- Será que existem espécies que só tem aqui no Monte Roraima ou nos tepuys?

- Sim! Li sobre isso, existem sim. Porém, esse tipo de trabalho também é feito pelo mesmo profissional do hibridismo. E se quiser, posso procurar estudos como esse para você. Pois envolve muita história evolutiva.

- Quero sim! Mas isso é uma profissão?

- Sim, o nome desse profissional chamamos de taxonomista.

- Ta... o quê?

- Taxonomista. Ta-xo-no-mis-ta.

- Taxonomista.

- É o profissional que cuida de descrever as espécies. Pode ser planta, animal, fungo... E as classifica de acordo com sua semelhança, que indica o parentesco dela.

- Como assim?

- Você encontra uma planta desconhecida da Ciência. O taxonomista vai descrever essa planta e dizer de qual grupo ela pertence. Mais ou menos isso.

- Entendi. Parece ser bem interessante ser taxonomista.

- É sim, é uma das funções mais importantes da Biologia, visto que sem eles ou elas, não saberíamos a história evolutiva dos seres vivos.

- Ficou mais interessante!

- Imagine estarmos aqui e eu não saber o nome de vocês. Isso é algo muito ruim, não é?!

- É sim, parece que a pessoa não se importa em nos conhecer.

- Isso! Um professor na sala de aula e todos os alunos dela devem saber o nome de todos, não?!

- Sim, eu conheço todos os moradores da vila, por exemplo.

- Olha aí, daria um ótimo guia para me apresentar a todos.

Dessa forma, acabei percebendo mais a importância de tratar as pessoas pelo nome. Todos se sentem conhecidos e mais próximos. Será uma ideia de pertencimento também?! Do mesmo modo como dizem que uma comunidade ter dado os nomes das plantas ao seu redor. Dominação também?! Aí são outras explicações.

- Hoje em dia o trabalho do taxonomista é muito complexo. No passado, eles ficavam descrevendo as espécies de acordo com sua forma,

características. Hoje temos análise genética e molecular, que mostra com mais afinco as relações evolutivas das espécies.

- Gostaria de ser um taxonomista.

- Uns anos atrás, décadas. E até hoje. Pessoas são treinadas por taxonomistas mais experientes, seja um pesquisador botânico ou alguém que tem um grande conhecimento de árvores de uma região, por exemplo.

- Sei. Na vila temos muitos parentes que sabem de muitas árvores, e eu estou aprendendo.

- Olha que legal! Muito bom saber disso. Mas então, essas pessoas são chamadas de parobotânicos. Sabem qual é a espécie, para quê serve, quando flora, como é o fruto e por aí vai. Apesar de não ter formação acadêmica, são grandes conhecedores e sem eles a pesquisa não anda.

- Tá me parecendo um mateiro.

- Quase sempre são mateiros sim. Só que com grande conhecimento das plantas.

- Então, tô no caminho certo.

- Tá sim, os parobotânicos são as pessoas mais importantes para a Botânica na Amazônia. São pessoas que trabalham com os pesquisadores e podem comunicar à Ciência se uma espécie está ameaçada de extinção, por exemplo.

- Farei uma pesquisa na minha comunidade se existe alguma espécie em extinção. Você me ajuda a fazer?

- Claro, conte comigo.

- Beleza!

*Caminhei  
Ca mi nhei  
C a m i n h e i.*



Douradão pelo caminho

# No acampamento

Elimine a causa e o efeito cessa.

Miguel de Cervantes

A caminhada continuou. Fizemos mais uma ou duas paradas para hidratação até chegar ao nosso destino do primeiro dia, no acampamento à margem direita do rio Ték, a uns 12 km da vila Paraitepuy. Nosso guia preferiu que fôssemos acampar à margem esquerda do rio Kukenán, que seria cerca de 7 km mais adiante. Entretanto, para isso, teríamos que atravessar os dois rios.

O rio Ték e o rio Kukenán têm muitas pedras. A travessia por eles é basicamente andando por cima delas e quase sempre com os pés na água. Nos dois rios encontramos a companhia indesejável dos ‘puri-puri’, pequenos insetos que causam picadas mais incômodas que as dos carapanãs ou dos piuns. O momento da travessia de cada um dos rios é pouco diferente e, em ambos, é preciso muita atenção e cuidado.

O jantar no acampamento Kukenán foi preparado pelos guias e carregadores. Tudo bem feito e caprichado. Isso aconteceu após a montagem das barracas e banho na margem do rio. A noite foi muito tranquila. No dia seguinte, os carregadores estavam de pé antes mesmo de amanhecer e já preparavam o café.

Joana terminou rapidamente seu café e voltou para sua barraca que ainda estava montada. De lá, saiu com um pequeno abacate, e disse que gostava de comê-lo pela manhã. Ela ofereceu a todos, entretanto, ninguém aceitou. Estávamos satisfeitos com o café da manhã. Ela disse que gostava muito da comida durante a expedição, que é típica da Venezuela (como arepa, perico e domplin), no entanto, preferia o abacate como energia para a caminhada.

Então, eu comecei a cantarolar a música *Refaçenda* do Gilberto Gil, deve ser impossível alguém que conheça a música não a cantar nem que seja mentalmente quando escuta a palavra ‘abacate’ ou ‘abacateiro’. Alfredo achou a música bonita e tentou acompanhar batendo palmas, contudo, eu logo encerrei a cantoria, porque não sabia a letra inteira. João tentou continuar, porém da mesma forma esquecera boa parte da música. Joana deu uma risada amigável de nossa performance. Todos rimos na sequência. Curiosamente, Alfredo olhou para João e perguntou: e o abacate? João deu uma leve risada e passou a pergunta para os demais. Alfredo ficou um pouco desconfiado, e João, olhando para ele disse: pergunta à Joana, ela vai lhe dizer.

João tinha percebido que Joana se interessava por Botânica. Afinal, ela era bióloga e sempre estava atenta nas perguntas anteriores de Alfredo, e dava alguns sorrisos nas falas de João. Categoricamente, Joana respondeu: o abacate é da família Lauraceae, que é a família dos louros, seu nome científico é *Persea americana*. Alfredo fez uma cara de contente com a resposta de Joana. João demonstrou um semblante feliz e logo todos estavam reunidos para ouvir mais sobre o abacate. Joana continuou dizendo que ele era nativo do México e muito consumido no mundo inteiro.

João, feliz com toda a situação, disse que estava na hora de todos falarem das histórias botânicas do Monte. Afinal, ele era o único ali que estava fazendo a viagem pela primeira vez. - Eu vim para aprender sobre o Monte, além das histórias e registros que já vi. Li sobre Theodor Koch-Grünberg, os irmãos Schomburgk, Ernst Ule e tantos outros que aqui estiveram. E olhem que sorte a minha de ter vocês todos aqui. Então comecem a contar o que sabem!

Depois disso, arrumamos todo o material, desmontamos o acampamento e iniciamos o segundo dia de caminhada. No segundo dia, caminhamos sobre a ‘saia’ do Monte e montamos as barracas em um local já conhecido por acampamento base, aos pés do Monte. Esta caminhada dura em média 3 horas e, aproximadamente uns 7 km, entretanto, é uma caminhada quase sempre íngreme, que exige um pouco mais de esforço físico em relação ao primeiro dia. Durante a caminhada, Joana aproximou-se de João. Foi possível perceber um clima fraterno entre

todos do grupo e ainda um clima de amizade, sem receios, entre Joana e João. No início, mesmo nas reuniões de organização da expedição, parecia que ficava no ar um clima de receio. Acho que por conta de serem da mesma área de interesse, não sei ao certo. Se existia esse receio, tinha finalmente desaparecido.

Joana aproximou-se de João justamente para perguntar sobre o abacate.

- João, obrigado pela gentileza de hoje cedo sobre o abacate.

João sorriu.

- Mas eu queria tirar uma dúvida contigo que sempre me incomodou.

João um pouco confuso, apenas sorriu e perguntou: O que seria?

- O abacate é uma baga ou uma drupa?

- Realmente esse é um caso bem interessante.

- Por um tempo ainda tive dúvidas sobre ele. Na verdade, parece que algumas coisas na Botânica não ficam bem definidas, não é?!

- Sim, eu sempre tive essa dúvida comigo. Logo depois de formada, passei dois anos ministrando aulas para o Ensino Fundamental, e me dei conta desse caso. O abacate quando comparamos com a azeitona parece ter a mesma forma.

- Sim. A azeitona, *Olea europaea*, é o exemplo clássico da drupa. Inclusive o nome vem da palavra grega *druppa*, salvo engano, ou seria latim? Não lembro. Mas significa azeitona. Eu vejo o abacate como uma baga.

- Hum e tem aquela questão do número de sementes, não é? Daí, ele seria uma drupa mesmo.

- Pois é, eu acredito que existiu uma interpretação equivocada no passado em relação ao número de sementes e isso virou uma regra até

hoje. ‘Uma semente é drupa, várias é uma baga’. Não é bem assim. Uma drupa seria o fruto no estilo da azeitona, com a presença de um endocarpo coriáceo ou pétreo. E o abacate, que muitos acreditam ter o endocarpo fino e papiráceo, é na verdade a testa da semente. É muito fácil de confundir e, inclusive, isso foi alvo de muita discussão também. No entanto, espero que isto seja plenamente definido<sup>18</sup>.

- Faz sentido. Da mesma forma como o tucumã<sup>19</sup> é uma drupa, não é?

- Sim, exato.

---

18 OLIVEIRA, I. V. M., COSTA, R. S., MÔRO, F. V., MARTINS, A. B.G., SILVA, R.R.S. Caracterização morfológica do fruto, da semente e desenvolvimento pós-seminal do abacateiro. *Comunicata Scientiae* 1(1): 69-73, 2010.

19 *Astrocaryum aculeatum*

## Subindo o paredão

Nunca confunda movimento com ação.

Ernest Hemingway

Chegamos ao acampamento base, aos pés do Monte Roraima, no fim da manhã. Nossos guias rapidamente prepararam o almoço. Em algum momento vi um deles subindo numa árvore e, lá em cima, entre as folhas, havia uma mochila. Ao descer, ele abriu e retirou arroz, macarrão entre outros alimentos não-perecíveis. Disse que era uma estratégia das agências deixar alimentos guardados pelo caminho para evitar carregar peso. Achei muito interessante. Logo, Henrique sorriu para mim e disse: - É tudo esquematizado!

Risos.

Após o almoço, cochilamos nas barracas. Um pouco antes tínhamos ido a um local mais adiante onde caía uma fina cachoeira vinda do Monte e formava uma rasa piscina, que tomamos banho. Ao fim da tarde contemplamos a beleza do Roraima à nossa frente e a do Kukenán, ao lado esquerdo. O acampamento tinha um tipo de mirante em direção ao Kukenán e podemos avistar todo o vale ao qual caminhamos aquela manhã. Quando voltamos ao centro do acampamento, Alfredo estava com uma câmera fotográfica e fez questão de todos juntos tirarmos uma foto de costas para o Roraima.

Vimos a noite chegar de mansinho e a lua surgir por trás do Roraima, iluminando pouco a pouco a região e mostrando-se majestosa sobre o Monte, como uma coroa posta na cabeça de um rei. O Roraima estava ali diante de nós, dos meus olhos. Para mim, cada minuto era único e a leveza da realização do sonho de estar lá era cada vez mais relaxante e pacífica. Sentia-me mais e mais conectado ao lugar e não percebia a falta da turbulência do trabalho em frente ao computador.

No dia seguinte, após o café da manhã, por volta das 7h, começamos a subida do paredão, como é chamada pelos guias. Logo após a cachoeira que tomamos banho, que fica no caminho, encontramos um pequeno morro o qual temos que, praticamente, escalá-lo. Após o primeiro obstáculo, a subida segue pela trilha com a presença de muitas pedras, musgos, e muitas formas de vida encontradas nessa mata em contato com o Monte.

Cada passo em diante era uma atividade física mais exigente. Contudo, a vontade de chegar ao topo produz um ar de ansiedade e satisfação, o que torna tal momento único. Pelo caminho, fui observando cada tipo de planta que meus olhos podiam ver: samambaias, musgos, bromélias, orquídeas e tantas outras.

Durante a subida, meu objetivo inicial era chegar ao paredão do Monte. Achava que o encontraria rapidamente, no entanto, não foi bem assim. Acredito que durou mais de 1h de caminhada até, finalmente, encontrá-lo. A partir desse momento, pude observar uma espécie semelhante ao samambaiaçu, que era ocorrente no restante da subida. Confesso que fiquei encantado de ver essa espécie naquele lugar. Realmente, era tudo um segredo cada vez maior à cada passo.

Uma outra cachoeira de água fina que caía do paredão serviu para refrescar nossa sede e o cansaço de todo o esforço até aquele momento. A caminhada prosseguiu e chegamos a um local conhecido como primeiro mirante. Era uma área em que havia uma clareira na vegetação que acompanhava todo o caminho. De lá, pudemos ver o acampamento base diminuto, pouco à frente do Monte, e avistar a comunidade Paraitopy no alto de uma serra praticamente no horizonte.

Durante um tempo um pássaro parecia nos guiar pela trilha. Acredito que ele estava descansando e, ao sentir-se ameaçado com nossa presença, ia subindo pouco a pouco, à medida que caminhávamos em sua direção, até voar ao interior da mata.

A floresta na encosta foi ficando mais densa e a temperatura baixou, tornando o percurso agradável. Uma nuvem chegou ao paredão e a temperatura caiu mais um pouco. O caminho ficou quase que impossível de ser visto devido à névoa. Mais acima, encontrei flores

amarelas de uma Xyridaceae ou Rapateaceae (sempre confundo) e fotografei. Sua beleza me recobrou lembranças e pensei em minha pequena filha, há milhares de quilômetros de distância de mim (no estado de São Paulo). O que ela estaria fazendo naquele momento?

Houve uma descida profunda no caminho e depois voltamos a subir até chegarmos ao segundo mirante. Mais um momento de descanso e hidratação.

Naquela ocasião, não havia mais os melões e melancias do início da caminhada no primeiro dia. Após o descanso, a trilha seguia numa descida brusca e de imediato começava a última subida do Monte. Então, comentei com Joana e Henrique, que lembrara do filme *O Senhor dos Anéis – O Retorno do Rei*, onde as personagens Sam e Frodo estão a subir a Montanha da Perdição, uma subida íngreme quase que na vertical.

Cantarolei uma música que falava de um lugar onde o sol era mais brilhante e de uma montanha que chegava até as estrelas.

A subida deveria ser com mais cautela do que todas as anteriores. Não havia um caminho bem definido, e sim, deveríamos seguir subindo pelas pedras, que poderia ser pelo lado do paredão ou um pouco a frente dele. Logo no início passamos por um ponto conhecido como *paso de las lágrimas*, porque cai pingos de água vindo do alto do Monte. É refrescante, porém, as pedras podem ficar escorregadias. Nosso guia informou que estaria tudo bem, pois caía pouca água em comparação à outras épocas do ano.

# Sobre o Monte

Um homem da ciência não deve ter desejos, nem afeições, somente um mero coração de pedra.

Charles Darwin

Chegamos! Depois de muito cansaço e também disposição, por que não?! Conseguimos subir o Monte. Para mim, em princípio, veio uma sensação de tirar um peso das costas. Sim, finalmente eu estava ali. Cheguei juntamente com o Henrique, que era bem experiente com o percurso e após alguns passos em frente, disse-me que ali era conhecido como ‘Vale dos Guardiões do Monte’, e apontou a pedra da tortuga, que realmente lembra uma tartaruga-marinha, na minha longínqua lembrança das aulas de répteis.

Daí, ficamos dando uma olhada ao redor e observando a paisagem rochosa, esperando toda a equipe chegar para saber para qual acampamento iríamos. Logo após a chegada da equipe de campo e do guia principal, eles nos apontaram o acampamento Índio à nossa frente, e em direção ao penhasco que subimos, estava o acampamento Maverick, que realmente lembra o carro com esse nome quando estamos vindo pela trilha e observando o Monte lá de baixo. Os carregadores sempre saem do acampamento cerca de 1h depois do grupo. Eles conhecem muito bem o caminho e como andam rápido quase sempre chegam antes de nós. Continuamos a caminhada e vendo a real selva de pedra que é o Monte. Grandes formações rochosas de cor escura, em sua maioria. Mais adiante, o guia nos apontou do mesmo lado do Maverick, a pequena montanha de que era chamada de acampamento Principal. Acredito que esses três foram os primeiros a serem utilizados, além do acampamento São Francisco, que fica antes do que fomos, o Sucre.

Os locais dos acampamentos são chamados de hotéis pelos

guias e carregadores, e dessa forma, absorvemos a denominação. O hotel Sucre, como os demais, compreende numa grande formação rochosa, que sofreu e ainda sofre erosão na parte inferior ocasionando a formação de pequenos vãos, como cavernas. A mesma atividade da natureza ocorre nas demais cavernas/hotéis.

Recordo-me que estava realizado e vislumbrado com tudo o que via e que muito pouco falei. Eu mais ouvia o que Henrique, Joana, Alfredo e Alexandre o guia principal falavam. Acredito que eu sorria à toa subindo as rochas e procurando observar toda a paisagem.

Pouco antes do almoço sair, Henrique me mostrou um pé de amora (*Rubus urticifolius*) bem em frente ao acampamento. Certamente foi levado por turistas e desenvolveu-se bem naquelas condições. Alexandre estava junto e disse que tem em outros hotéis também. Comentei que apesar dos frutos serem bem apreciados, espécies exóticas poderiam ocasionar um problema para a flora do Monte. No entanto, aproveitei o ensejo e falei a Alfredo sobre o tipo de fruto da amora, que é um fruto composto, ao qual várias flores fecundadas formam uma estrutura só, um fruto só.

- Que coisa, não?! Disse Alfredo, espantado.

- É bem interessante, na verdade. Outro fruto composto é jaca.

- A jaca eu sei que não é nativa, veio da Índia.

- Muito bem, Alfredo. E a ata?

- É mesmo, né?! Tem os carocinhos e fica um fruto só, com várias sementes.

- Aí que tá, a diferença tá na flor. No fruto composto, várias flores se unem. Certo?

- Sim.

- E nos frutos agregados, é apenas uma flor.

- Como assim? É tudo parecido.

- Esses têm mais de um ovário e eles são separados.

- É mesmo, a flor da ata (*Annona squamosa*) só bota uma flor. Ou melhor, o fruto vem de uma só flor. Caramba! Muito bom!

- É muito curioso!

Aquela noite foi um pouco diferente das outras. Estava bem frio, e café era praticamente a água no deserto. Os guias e carregadores conversavam alegremente, visto que se conheciam há anos e a cada piada do Alexandre, que era uma pessoa muito divertida, era uma festa para todos. Os carregadores nos tratavam muito bem, com muito respeito. Recordei que quando os grandes pesquisadores do passado passaram por essa região da savana da Amazônia foram bem recebidos. Deviam ser sim, o relato de Ernst Ule deixa isso bem evidente. Entretanto, além de todo o tratamento houve uma grande confiança dos indígenas, conforme narrado nos registros dele. Comecei a me perguntar, desde quando os Pemón fazem esse trabalho de carregadores, se era desde daquela época. Acho que não, lembrei que tinha lido sobre a maior procura pela subida ao Monte a partir dos anos de 1980.

Alfredo pôs-se a contar sua história.

- A história da minha comunidade é bem antiga. Ela começou por vontade de alguns moradores da aldeia em buscar novas terras para plantar. Isso foi há muito tempo. No tempo de meu bisavô. Dizem que os primeiros moradores haviam saído da antiga aldeia de barco e desceram o rio até encontrar um local que foi aprovado por todos. Eles o chamaram Andirá.

Antes de sair de lá e vir trabalhar com o turismo aqui no Monte Roraima, nós tínhamos uma rotina. Acordávamos cedo, umas 4h – 5h da manhã. Comíamos algo forte, como mingau de banana ou mandioca e íamos para a roça. Trabalhávamos até umas 10h, devido ao sol já estava muito quente. Aí, tinha almoço e voltávamos pra roça umas 15h30 – 16h. E ficávamos até escurecer.

Para nós, na comunidade, abríamos uma área no meio da mata pra botar a roça. Mandioca de vários tipos, milho, inhame, cará, banana,

pimentas, jerimum que é abóbora, batatas diferentes dessas que tem só doce e a amarela, e muitas coisas. Tudo o que a gente tinha, a gente plantava lá.

Os mais antigos diziam que não era pra plantar uma coisa só. A floresta tem muitas coisas, de muitos tipos. E a roça estava no meio da floresta. Tinha que ser como uma floresta.

E assim, na comunidade, toda família pode botar um roçado desse. Tudo é decidido em reunião com todo mundo. Se um filho já crescido quer se casar com alguma moça da comunidade ou de fora, pode pedir na reunião pra botar uma roça. Às vezes, as famílias botam roça junto. Porém, às vezes não dá certo, porque uma reclama da outra.

Risos.

Ah, também pode botar um roçado junto do outro para não ficar derrubando muito a mata. De tempos, essa área é abandonada e planta em outro lugar. Depois essa área vira uma capoeira, que o pessoal também chama de juquirá, e depois vira mata de novo. Isso pelo menos uns cinco anos, pode até ser mais também.

A atenção que Alfredo nos contava sua história também tinha um ar de saudosismo, orgulho e respeito com suas origens e reconhecimento de saber usar a floresta sem destruí-la.

- Minha avó conta que no tempo da avó dela, os parentes começaram a criar cachorro. O branco levou para a comunidade e eles começaram a criar também. Ela também conta que aparecia filhote de macaco, de veado, e aí também começavam a criá-los. Hoje em dia, tudo é gado. Muitas coisas são diferentes. No entanto, acaba tendo um sustento, um alimento, né?!

A conversa com Alfredo reuniu todos, que se sentaram em um grande círculo no acampamento. Fazia um pouco de frio. Em comparação com Boa Vista, estava muito frio! Contudo, revezávamos em quem fazia café ou chá e passamos algumas horas proseando, falando de sonhos, histórias no Monte e claro, de plantas!

Após a fala de Alfredo e depois das perguntas que fizemos sobre

como era a vida na comunidade, os plantios, pesca, caça, outros ainda se prontificaram a falar. E assim fomos construindo uma aproximação com todos eles. Ríamos de situações engraçadas, ora ficávamos pensativos, preocupados e até tristes sobre histórias de ameaças de fazendeiros, ora dividíamos nossas histórias na cidade, na escola, no trabalho. Particularmente, fui enxergando o mundo de uma forma mais igual, embora os nossos mundos fossem bem diferentes. A simplicidade da vida é apenas vivê-la. O maior objetivo é acumular alegria, coisas boas, bons momentos como aquele, construir amizades. Foi a grande lição da noite.

Em um momento, uma das carregadoras que estava conosco quis se pronunciar. Falou que seu avô, quando ia para a mata ou no campo mesmo, falava de muitos tipos de plantas e para cada coisa que ela servia. Uma raiz que era boa como remédio. Ele dizia: essa é boa para dor-de-cabeça, é só cheirar que a dor passa; essa é boa para a vista, é só deixar as folhas de molho e depois pingar a água nos olhos, muitas plantas que podia usar como a folha, que dava fruto bom, que tinha leite e muitas outras. E ele nem precisava andar muito para encontrá-las.

Após a fala dela, os demais ainda tinham histórias semelhantes de parentes mais velhos, como tios e avós, e alguns deles traziam um certo conhecimento sobre roças e uso de plantas nativas.

A noite estava prazerosa e de repente, Joana resolveu contar uma história também. Ela disse que era uma história antiga, mas que já tinha ouvido outras pessoas contarem e que ela achava muito bonita e interessante. - É uma história que muita gente conta, não sei se realmente é verdadeira, entretanto, curiosamente, li um cordel dela.

Nisso, ela retira debaixo do agasalho um livreto de cordel, que tinha levado para leitura na viagem.

- Eu trouxe porque ele é bem simples, é leve e não iria pesar na bagagem. Chama-se *O último caimbé*.

## O último caimbé

As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples... Quem me dera saber escrever essas histórias...

José Saramago

*Minha pena hoje traz  
Poesia neste encarte  
Conto a métrica nos dedos  
Vejo rima em toda parte  
E transcrevo num cordel  
O que bem chamo de arte.*

*Quero contar nesses versos  
Tal beleza que vos trago  
História dum curumim  
Que ocupou o tempo vago  
Emocionou esta prosa  
Me contou um velho mago.*

*E atrevo-me escrevê-los  
Com teste de paciência  
Pois não quero atropelar  
Deste conto sua essência  
Vos trarei o que ouvi  
Como prova de decência.*

*Um dia eu saí bem cedo  
Mas saí bem apressado  
E no caminho encontrei  
Um velho senhor sentado  
Na calçada da pracinha*

Lia muito concentrado.  
Era um pequeno papel  
Que me chamou atenção  
Logo cedo da manhã  
Ele tomava lição  
Puxei o meu celular  
Pra registrar tal ação.

Depois fui em direção  
Ao lugar onde ele estava:  
— Bom dia, e como vai?  
Olhou-me e esbaforava  
Voltou à sua leitura  
E nem atenção me dava.

Fiquei um pouco sem graça  
Mas perguntei-lhe o que lia?  
E enfim me respondeu  
— Eu sou José, um bom dia  
E perguntei se era carta  
De novo ele interagiu:

— Um pedaço de papel  
Que achei bem aqui no chão  
Tem letra muito miúda  
E não consigo ler não  
Parece jornal de missa  
Com nome de São João.

E me mostrou tal papel  
Pois bem de fato era um  
Jornal da missa deixado  
“Missa do tempo comum”  
E ele então falou  
Sobre ter valor algum.

A tal história da bíblia  
Foi escrita há muitos anos  
Assim até hoje a lemos  
Sobre nós, seres humanos  
Deixe me contar história  
Que eu me guardo sem enganos.

E eu pensei que ele iria  
Contar alguma memória  
Mas para mim esta foi  
Uma tão bonita história  
Começou a me contar  
Uma grande trajetória.

Então peço seu carinho  
Aos meus versos sem idade  
Pois sou de novo criança  
Vivo pela novidade  
E vos conto esta aventura  
Sem ter nenhuma vaidade.

E nosso conto começa  
Numa pequena maloca  
Eu peço vossa atenção  
Às palavras que lhe toca  
Quebrando dificuldade  
Como milho pra pipoca.

Nessa pequena maloca  
De savanas bem lavradas  
Vive curumim herói  
Aventuras bem tramadas  
É o tempo de criança  
Brincadeiras bem trilhadas.

E todo dia ele sai  
Pelos fundos do quintal  
E de árvore em árvore  
Voa como cardeal  
Ou talvez umas curicas  
Que será bem afinal?

Correndo em trilhas na mata  
Seguindo igarapé  
E vai sempre com sorriso  
Sentindo seu chão no pé  
Tá junto com outras crianças  
Na sombra dum caripé.

Corre pela plantação  
Imita todos os passarinhos  
Come beiju inda quente  
Encontra novos caminhos  
Traz mirixi para lenha  
Bebe caldo bem quentinho.

E também treina arco-e-flecha  
Pra poder ir na caçada  
Das folhas de buriti  
Pega pra nova morada  
Aprende fazer paneiro  
Pela tarde ensolarada.

Pula dentro da canoa  
Logo vai descendo o rio  
Ao sabor daquelas águas  
Cantando num assobio  
Um espelho d'água verde  
Das matas com céu anil.

*Prefere pegar os peixes  
Na volta quando subindo  
Vai descendo vendo rio  
E o som que vai ouvindo  
São araras ao redor  
Que aos poucos vão sumindo.*

*Mas talvez por um descuido  
Ou por pura distração  
Nosso herói curumim  
Perde sua direção  
Então chega na fronteira  
Do seu amado rincão.*

*Dessa forma se depara  
Com duvidosa questão  
Ir além daquelas terras  
De sua população  
Descobrir um mundo novo  
E viver outra emoção?*

*Ou voltar subindo rio  
Tendo suas pescarias  
Voltar pra perto dos pais  
Sem fazer estripulias  
O preço da liberdade  
É o que lhe desafia.*

*Mas antes de responder  
A canoa não parou  
E seguiu descendo rio  
Foi assim que ele aceitou  
Uma tão nova aventura  
Que neste dia tratou.*

E as matas ciliares  
Foram ficando maiores  
Árvores muito mais altas  
Do que os seus arredores  
Ele pulou da canoa  
E seguiu sem por menores.

Neste momento lhe deu  
A vontade de voltar  
Pois ter ficado distante  
Fez a saudade brotar  
E responsabilidade  
O fez se questionar.

Foi então cortou a mata  
Procurando o seu Lavrado  
E por que ele bem sabia  
Que estava bem muito errado  
Sair da comunidade  
Sem deixar nenhum recado.

Naquela localidade  
As matas eram disformes  
Muito distantes do rio  
Caminhada desconforme  
Não existiam caminhos  
Por entre as relvas enormes.

Caminhou por meio dia  
Em um silêncio medonho  
Sem escutar qualquer pássaro  
Nem sequer canto tristonho  
Mas começou a chover  
Parecendo até um sonho.

Após a chuva passar  
Veio um cheiro de lenha  
E cobrindo toda mata  
Sitiando toda brenha  
Porém firme o curumim  
Andava sem ter resenha.

O cheiro de breu na mata  
Perfumava tal local  
Certamente animais  
Passaram no carrascal  
Pelas ervas espinhentas  
Um fechado matagal.

E pouco tempo depois  
Um urro de onça ele ouviu  
Num instante ficou pálido  
E sentiu um calafrio  
Quando uma paca gritou  
Sendo a presa que serviu.

Numa mistura de dúvida  
E também felicidade  
Nosso curumim seguia  
Com tal curiosidade  
Até ver que mais a frente  
Se tinha uma claridade.

Daí as árvores deram  
Uma tão esquisita trégua  
Foi quando nosso herói  
Viu por mais de cem léguas  
A vegetação queimada

Até a baixa-da-égua.  
E seguiu a caminhada  
Por aquele chão cinzento  
Sem nenhum sinal de bicho  
De planta ou alimento  
Sem uma flor para ver  
E nenhum aldeamento.

E viu solo empobrecido  
Sem ter o cheiro de vida  
E no céu nenhuma nuvem  
Uma terra desvalida  
Nem mutuca nem mosquito  
Lhe saudavam recebida.

Continuou seu caminho  
Só vendo seu horizonte  
Pois era uma vastidão  
Até ver o grande Monte  
Sem água também sem sombra  
E nem tampouco uma fonte.

Até que distante viu  
Uma planta persistente  
Chegou perto percebeu  
O seu caule resistente  
Era um grande caimbé  
A grande remanescente.

E ele ouvira falar  
Da força do caimbé  
Também que ele foi extinto  
Na morte de outro pajé  
Que vivo o protegia

Dos estios da má fé.  
O caimbé nasce fino  
Parecendo com um cipó  
Porém com o passar da seca  
Pela base cria um nó  
Vai passando pro seu tronco  
Só a casca vira pó.

Percebeu que suas folhas  
Estavam amareladas  
E pensou que não durasse  
A noite já esperada  
Pois não amanheceria  
Desta forma maltratada.

Então outro desafio  
Lhe tomava por questão  
Salvar este caimbé  
Sem nenhuma condição  
Pois o rio estava longe  
Era algo sem razão.

Mas após grande suspiro  
Curumim se fez heroi  
Não salvar o caimbé  
Era algo que destroi  
Pensou numa solução  
Como muro que constroi.

Pois não importa a distância  
Daquilo que desatina  
O rio estava longe  
Então era esta sina?  
- Eu irei assim cumpri-la

Pois é o que me destina.  
E o curumim correu  
Cruzando campo queimado  
Correu, correu e correu  
Para chegar d'outro lado  
E sentiu seus pés sangrarem  
Mas não se fez derrotado.

E lá chegou num segundo  
Catou base d'uma folha  
De uma palmeira seca  
Fez dela a sua escolha  
Juntou água como balde  
Vetou que a missão encolha.

Ele já voltou voando  
Pra salvar o caimbé  
Então correu o quanto pode  
Como com asa no pé  
Não parou nenhum segundo  
Porque nele tinha fé.

Chegando no caimbé  
Só poucas gotas restaram  
Mas a planta reagiu  
Com aquelas que molharam  
E o curumim partiu  
Em busca das que faltaram.

Por muitas e muitas vezes  
Ele assim foi e voltou  
E até que anoiteceu  
Quando então ele parou  
Caiu exausto, dormiu  
E o escuro chegou.

Esta hora na maloca  
Todos eles procuravam  
Cadê nosso curumim?  
Os índios se perguntavam  
A escuridão seguia  
Mas eles não encontravam.

Por diferentes caminhos  
Os índios se dividiram  
E nas casas mais distantes  
Eles bem como seguiram  
Cruzaram buritizais  
Nas roças também não viram.

Foram em todos os cantos  
Existentes na maloca  
Passaram a madrugada  
Olharam tudo que é toca  
Em armadilhas no mato  
Na roça de mandioca.

Nem sinal do curumim  
E eles então partiram  
Para além do território  
Todos eles decidiram  
E os homens da maloca  
Com tochas nas mãos seguiram.

E a madrugada toda  
Sucedeu como um segundo  
E no caminho encontraram  
Um buraco bem profundo  
Desceram por uma corda  
Mas ele não tinha fundo.

Pensaram em desistir  
Dessa difícil missão  
Mas o pai pensou na mãe  
E não ousou rescisão  
Seguiu em frente nos campos  
E foram em união.

Encontraram um brejão  
Coberto pela juquira  
O índio mais velho disse:  
Podia ser curupira  
Mas logo seguiram em frente  
A lua estava na mira.

Depois daquele lugar  
Houve silêncio profundo  
Não ouviram mais os pássaros  
Nem o barulho do mundo  
Só havia matagal  
O breu de pano de fundo.

Eles então concluíram  
Que era um lugar já sem vida  
Onde os animais viveram  
Mas seguiram em saída  
E ficava cada vez  
Mais de verde desprovida.

E alguns deles pensaram  
Não se pode ir além  
Faltaria água e comida  
Isso não os faria bem  
E pensaram em retornar  
Mas ao líder não convém.

E o dia já raiava  
Foi quando eles perceberam  
Aqueles campos queimados  
Onde eles nunca estiveram  
Sem nenhum sinal de vida  
Na terra que receberam.

Andaram algumas horas  
E viram o caimbé  
Todos partiram em busca  
De sombra para o café  
Mas quando enfim chegaram  
Viram na base do pé.

O seu curumim dormia  
Estando muito cansado  
As folhas do caimbé  
Lhe cobriam no solado  
E eles compreenderam  
O que tinha se passado.

A árvore reluzia  
Já com uma nova folhagem  
E a sombra protegia  
O curumim na paisagem  
E era uma recompensa  
Em meio dessa estiagem.

O curumim foi levado  
Pelos braços dos mais velhos  
Então por todo o caminho  
Por aqueles chãos vermelhos  
Protegeram o herói  
E lhes deram bons conselhos.

E já de volta à maloca  
Foi recebido com festa  
E os mais velhos dos índios  
Pintaram a sua testa  
Representando respeito  
Que ele tinha da floresta.

E muito foi celebrado  
Com danças e rituais  
Dessa forma o curumim  
Relembrou seus ancestrais  
Já incluindo no meio  
Das plantas e animais.

E mesmo dias depois  
Já brincando com seus bichos  
Os índios reconheciam  
O seu enorme capricho  
Com toda sua bravura  
Em salvar aquele nicho.

O curumim era agora  
Um adulto da aldeia  
Que teve a sua passagem  
Correndo na sua veia  
E com toda aflição seguiu  
Com seu pé firme na areia.

Para todas as pessoas  
O curumim tinha ganho  
Algo que era muito maior  
Do que qualquer tamanho  
Maior que todos os índios  
Pois amor não é estranho.

E assim na assembleia  
Ele foi reconhecido  
Mesmo sem permissão  
Ele foi absolvido  
Seus olhos veem ao longe  
Tal qual um velho sabido.

Após o tempo das chuvas  
O curumim retornou  
Em busca do caimbé  
Pra ver o que resultou  
E viu tantos outros filhos  
Da árvore que salvou.

Daí deste caimbé  
Os outros todos vieram  
E cobriram as savanas  
Que por anos estiveram  
Resistindo tais queimadas  
E assim se mantiveram.

Então naquele lugar  
Os pássaros voltaram  
Os caimbés deram frutos  
E eles se alimentaram  
Levaram suas sementes  
E mais e mais se espalharam.

E para este curumim  
Foi a primeira aventura  
Vivida na sua terra  
Como conta escritura  
E que resiste às queimadas  
Imortal para cultura.

Mas seu novo pensamento  
Vai além da sua terra  
Porque queimadas chegaram  
Como cenário de guerra  
A estiagem é forte  
Mas a vida não encerra.

Este conto não está  
Em nenhuma livraria  
Nem também biblioteca  
Que talvez ele devia  
Mas o trouxe pra você  
E assim você recria.

E o velho me olhou  
E disse que concluiu  
Perguntei do curumim  
Timidamente sorriu  
E pensei que seria ele  
Mas logo me desmentiu.

O curumim dessa história  
Não se chamava José  
Mas que pelo homem branco  
Foi chamado de Thomé  
E ele era o meu pai  
O mais antigo pajé.

Este conto do passado  
Deve ficar bem guardado  
Na ponta de sua língua  
Para ser sempre lembrado  
Pois numas poucas palavras  
Vai ser sempre recontado.

*E já com muita emoção  
Agradei a história  
Ele me olhando pediu  
Que guardasse na memória  
E que depois escrevesse  
Contando esta trajetória.*

*Convidei-o pra um café  
E ele logo aceitou  
Mas depois queria andar  
E nunca mais retornou  
Então dez anos depois  
Vos trago o que ele contou.*

*Eis que assim eu vos trouxe  
Esse conto ancestral  
Nesse cordel que criei  
Onde o bem que vence o mal  
Que se guarde na memória  
O peso dessa moral<sup>20</sup>.*

Alfredo disse ter ouvido a história em Boa Vista. Outros carregadores ainda não a conheciam, contudo, gostaram bastante e se sentiram incluídos nela. Alguns disseram que parecia histórias que ouviam dos mais velhos, quando crianças.

Essa noite foi muito interessante para todos. A interação entre todos nós ficava cada vez melhor. Ainda tínhamos trabalho pela frente e essa fraternidade era importante para cumprir todas as metas com satisfação.

Henrique, antes de se levantar e sair do grupo para a barraca e dormir, perguntou-me se eu poderia falar sobre o que escrevia. Eu respondi que sim, que escrevia textos em cordel, como esse que foi lido,

---

<sup>20</sup> OLIVEIRA, R.L.C. O Último Caimbé e outros cordéis científicos. Boa Vista: UERR Edições. 2021.

e que procurava adaptar contos e tentava inventar boas histórias que passassem uma ideia de conservação da natureza, principalmente.

- Parece bem interessante. Daí, você trabalha com crianças?

- O objetivo é colocar essa importância de cuidar do meio ambiente bem cedo nas crianças, para elas crescerem com essa consciência criada e amadurecida. Porém, você sabe, tem adulto que precisa ver, ouvir e conhecer as realidades que estão bem à sua frente e não fazem ideia do que se passa.

- Exatamente! Daí criam discursos falaciosos, que só servem para se enganar e enganar os outros.

- Não tem uma discussão e nem uma avaliação do que é falado, e acabam criando desavenças e insegurança em tudo.

- É assim que nascem as teorias da conspiração. Vi alguns documentários na TV e fico me perguntando como é que o povo acredita naquilo.

## Na gruta do Quati

Quem não tiver debaixo os pés da alma, a areia de sua terra, não resiste aos atritos da sua viagem na vida, acaba incolor, inodoro e insípido, parecido com todos.

Câmara Cascudo

O Parque Nacional do Monte Roraima foi criado em 1989 e marca geograficamente a tríplice fronteira entre Venezuela, Guiana e Brasil. O marco tríplice, como é chamado, ou marco Brasil – Venezuela número zero (BV – 0), encontra-se na porção leste do Monte. O território pertencente ao Brasil é a menor porção entre os países, no qual se encontra o município brasileiro chamado Uiramutã, que na língua local significa “Local de espera de aves”. O Parque abrange uma área de 116.747,8 hectares e sua gestão é dividida entre o Instituto e a Terra Indígena Raposa/Serra do Sol.

Na manhã seguinte, havia um clima de alegria no ar. Acredito que o bate-papo da noite anterior realmente fez bem para todos. Os carregadores sorriam e contavam histórias, brincavam uns com os outros, mesmo sem a presença de Alexandre, que demorou um pouco a se levantar.

Aquela era a terceira manhã que tínhamos que desmontar a barraca e recolher o saco de dormir. Para mim, era uma guerra pessoal. Eu teria que enrolar o meu de saco de dormir! Ainda dentro da barraca, cautelosamente, abri todo o saco de dormir e fiz as duas dobras laterais e comecei o procedimento, como Henrique havia me ensinado na primeira manhã, ainda no acampamento Kukuénán. Não deu certo!

Respirei fundo e recomecei todo o processo. Nesse momento, suava bastante dentro da barraca. Do lado de fora, a temperatura estava

baixa e eu ali morrendo de calor. Dessa vez, não dei trégua para o saco de dormir e consegui tirar todo ar dele e finalmente consegui guardá-lo dentro de uma sacola que o acompanhava. Fiquei feliz da vida! Mais uma lição aprendida na viagem.

Ao sair da barraca, contei minha proeza para Henrique e Joana, que disse ter conseguido tal façanha pela primeira vez. Olhamos o saco que guarda o saco de dormir dela e estava bem melhor que o meu. Todos nós rimos. E nada tirou a alegria daquela primeira manhã após dormir no Monte Roraima.

Nossa caminhada até a gruta do Quati, hotel no lado brasileiro do Monte, começou com o guia principal Alexandre à frente e, em seguida, Henrique, Joana e eu. Seria uma caminhada de até 6h, alertou Alexandre. No entanto, tudo dependia de nossa velocidade. Era uma manhã brilhosa, o céu estava limpo e os raios solares esquentavam nossas cabeças. Suávamos. Todavia, as coisas no Monte Roraima são mais imprevisíveis do que em toda a Amazônia, dali a pouco tempo poderia estar nublado ou até mesmo cair um temporal.

Na paisagem, cada metro à frente, era um passo para se encantar com a biodiversidade. A espécie *Orectanthe sceptrum* me chamou a atenção desde o dia anterior, quando ficamos explorando os arredores do hotel Sucre. A identifiquei quando voltei para Boa Vista, assim como todas as outras que citarei. Era uma espécie bastante chamativa pelo excesso de indivíduos, quase em toda parte. Ela possuía um pendão por inflorescência e seu corpo lembrava uma bromélia, apesar de pertencer à família Xyridaceae.

Outras espécies que igualmente chamaram bastante atenção pela abundância foram *Stegolepis guianensis*, da família Rapateaceae, a bromélia *Brocchinia reducta*, e *Maguireothamnus speciosus*, uma Rubiaceae. Além dessas, pude observar outras espécies de orquídeas, muito belas e encantadoras como as utriculárias da família Lentibulariaceae<sup>21</sup>.

O chão é negro no Monte, porém, os caminhos, acredito que pelo uso, são mais claros. Parecem lixados pela passagem dos visitantes.

<sup>21</sup> CORDEIRO, J.M.P.; FELIX, L.P. Riquezas naturais no topo dos Pantepuys: flora do Monte Roraima, Roraima, Brasil. Geoambiente on-line. 37. 2020.

Quando estamos em pontos mais elevados conseguimos observar a longa planície acidentada de pedras de diferentes formas. A caminhada segue ativa, estamos todos muito bem. A noite anterior foi muito agradável, com a temperatura e abrigo adequados. No meu caso, sinto-me ainda como um turista, admirando toda aquela visão que tenho. Henrique e Joana tiram fotos mais elaboradas para servirem de divulgação em material impresso e digital do instituto.

Passamos por uma formação rochosa que lembrava elefantes e fizemos registros, inclusive, turísticos, conosco aparecendo. Mais à frente, encontramos uma ventana. Trata-se de uma área de menor altitude no Monte, como se fosse uma baixada, que abre todo o horizonte adiante, onde observamos a grandeza do tepuy Kukenán e logo atrás dele, o tepuy Yuruaní. A vista da cadeia de montanhas é impressionante desse ponto. A imagem em minha mente, ainda na vila Paraitepuy com os sete tepuys, é maravilhosa, entretanto, no momento observei a grandeza da região e imaginei como ela pode ter estabelecido uma barreira ecológica na para as espécies da região.



A sensação que nos tomou foi a infinita grandeza da natureza e da poeira que somos neste planeta, e como tão rápido passaremos, parafraseando Carl Sagan. Afinal, cerca de 2 bilhões de anos é a estimativa de formação da cadeia. Li isso em algum lugar. Apesar da ausência de fósseis na região pelo histórico de formação, fica fácil imaginar porque Sir Arthur Conan Doyle criou o seu *Mundo perdido*.

A caminhada prossegue um pouco silenciosa. O sol, o calor e a ampla paisagem parecem nos deixar reflexivos sobre a vida.

Caminhamos limpando a mente, os pensamentos furtivos, o peso dos problemas em Boa Vista. Ali era hora de fazer as pazes com nossos corpos, nossas emoções. Afinal trata-se de um lugar sagrado.

Então, chegamos em uma formação muito bela, chamada de *El foso*. Alexandre nos contou desse ser um lugar que atrai turistas para banho. E, ainda, fez um alerta sobre acidentes que aconteceram no local, onde foi preciso o uso de helicóptero. A atitude tomada pelo turista foi imprudente, e teve que desembolsar um montante de dinheiro pelo deslocamento até Santa Elena de Uairén, além de passar um dia pela espera da aeronave para resgatá-lo. Ao lado esquerdo, avistamos formações rochosas que nos lembraram esculturas. Confesso que recordei da oficina de Francisco Brennand, no Recife.

Um pouco mais de caminhada encontramos uma passagem entre uma formação rochosa, que parece um portal, onde vimos a imagem de um primata sentado e de uma galinha, e é nessa localidade que está o marco tríplice Venezuela, Guiana e Brasil. O marco foi instalado em 1931 na expedição de verificação de fronteiras de Cândido Rondon.

Nesse ponto, aguardamos a chegada de todos os carregadores, onde tiramos muitas fotos. Ao lado direito, olhando em direção ao lado brasileiro do Monte, temos o Vale dos Cristais. Um registro antigo relata que os Pemón acreditam que todos os pajés, ao falecerem, têm seus espíritos transformados em cristais no Monte.

No lado brasileiro, Henrique me disse que logo mais adiante e estaríamos na gruta do Quati, porém, passaram-se quase 40 minutos. Atravessamos uma pequena ponte de madeira, onde percebi a

profundidade daquele local. Depois de ter visto *El foso*, suspeitei que o Roraima tem o processo de erosão também em seu interior. Nisso, Joana aproximou-se de mim e disse que o Monte era chamado *La madre de todas las águas*, pelos Pemón, que falam espanhol fluentemente. Não sei se há nascentes em seu interior, contudo, tanto o rio Kukenán e o Ték provêm de cachoeiras que descem de cada Monte, conforme as chuvas que caem. No entanto, isso o caracterizaria como uma fonte de água para o vale abaixo. Joana relembrou que dali saía *artérias fluviais para o Amazonas, Orenoco e Essequibo*<sup>22</sup>.

Quase chegando à gruta do Quati, passamos pelo local onde será construída a pequena ponte de alumínio por Henrique e os demais. O material de construção foi deixado no local para posteriormente ao almoço darem início à atividade. O local de montagem das parcelas e do pisoteio por parte dos turistas realmente está bastante prejudicado tendo em vista as fotos anteriores, de quando a área ainda estava praticamente intacta e registros de um ano atrás do Instituto, já com os prejuízos. Este ano está bem pior! Exaltou, Joana, assustada com a velocidade da degradação. Alexandre nos mostrou onde é a área do “heliporto”. Local onde geralmente helicópteros pousam para fazer algum resgate ou realizar em visitas turísticas.

A gruta do Quati é um verdadeiro tesouro de hotel no lado brasileiro. É uma caverna formada no interior de duas grandes rochas. Existem algumas fendas, que lembram corredores, um tipo de varanda com vista ao leste, e um exemplar natural de jardim de inverno, ao qual há uma fenda na junção das rochas no teto, onde penetra a luz do sol, a chuva e neblina quando as nuvens invadem aquela parte do Monte. É um acontecimento incrível. A maioria das barracas foram montadas nas laterais desse jardim, que apresentam algumas espécies lenhosas, como a *Crepinella chimantensis*, briófitas e samambaias. É de modo geral, um lugar com temperatura baixa e que requer o uso de roupas de frio durante a madrugada. Na entrada, à direita do jardim, está a chamada ‘cozinha’ pelos guias e carregadores. Lembra uma grande estante ou armário que ficava nas paredes de casas antigas, formando um grande balcão. Nesse, foi montado o fogão portátil e alocado todo tipo de comida que foi

---

22 KOCH-GRÜNBERG, T. Do Roraima ao Orinoco. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

levado. É claro que esse seria o nosso local preferido para conversas nas horas de refeição.

O almoço saiu rápido, visto que eram quase 14h e todos estávamos famintos. Então foi feito algo de rápido preparo e todos puderam comer e descansar. Por volta das 16h, Henrique chamou a mim e alguns dos carregadores, que além de outros serviços, foram contratados para atuarem na instalação da ponte. Nesse grupo também estava Alfredo, que pelo seu interesse na Botânica, teria sido indicado por Henrique para também me ajudar na alocação da parcela e levantamento das espécies da área prejudicada.

Falei para Henrique que poderia ir com o pessoal para o local da ponte, porque, primeiro, estava interessado em observar as plantas presentes no jardim, primeiro. Ele concordou e disse que muitas delas estão na região da ponte, que eu não me preocupasse em iniciar algo substancioso hoje, pois começaria a esfriar bastante e logo escureceria.

Após observar algumas espécies e predominância das lenhosas, fotografei-as para uma posterior indicação e fui fazendo simples descrições para que pudesse reconhecê-las no trabalho na área da ponte, bem como identificá-las quando estivesse em Boa Vista, munido de material bibliográfico. Na sequência, dirigi-me ao local da ponte e chegando lá, percebi que todos estavam empenhados para o serviço.

Observei-os, olhei a paisagem em volta e vi uma pequena formação com espécies lenhosas e uma outra que achei ser o samambaiçu, que tinha visto indivíduos na subida do paredão. Fui até o local, voltando pelo caminho que viemos, e observei que era uma pequena, porém esplêndida formação de uma pequena floresta, digamos assim. Predominava a *Crepinella chimantensis*, contudo, existiam muitas outras espécies. As espécies dessa formação desciam um espaço entre as rochas no piso e seguiam pela fenda em direção ao leste, onde seria construída a ponte. Imaginei que toda aquela formação devia ter se originado e se desenvolvido pela matéria orgânica produzida ao longo do tempo. Briófitas, samambaias, pequenas bromélias e demais indivíduos de famílias monocotiledôneas formavam como se fosse um tapete nas bordas com a rocha exposta. Pode ser que na própria fenda, além do acúmulo de matéria orgânica, o material da rocha erodida em si esteja lá.

Aquela noite, fomos dormir por volta das 19h, estávamos enfadados da caminhada e do trabalho ao sol quente, além das variações de temperatura no fim da tarde. O banho, logo após as atividades, aconteceu em pequenos lagos formados na rocha por águas que desciam de uma parte mais alta do Monte. Era congelante, ótima para descansar os pés antes de mergulhar de cócoras, porque era muito raso. Meu pé direito começou a doer na parte interna, no entanto, nada de grande incômodo.

Durante o banho, eu observava as nuvens que pareciam vir da Serra do Sol. Chegando ao Monte, invadiam todo o cenário e paravam por instantes na região, resfriando a gruta do Quati e o local do banho. Ficava muito frio.



Yuruani visto do Roraima.

# A ponte

A ciência é muito mais que um corpo de conhecimentos. É uma maneira de pensar.

Carl Sagan

Acordei cedo, por volta das 5h30, quando já percebia a luz do sol no jardim. Escutei Joana conversando com Alfredo, disse que iria ao mirante do Roraiminha, ver o nascer do sol. Não me demorei e, em dois ou três minutos, estava pronto e indo em direção ao mesmo lugar. O Roraiminha, como é conhecido, é um tepuy menor que fica por trás do Roraima, no lado leste. Seu nome, dado pelos Pemón é Wei Assipu. Da comunidade indígena do Povo Ingarikó, Caramambatai (Karumanpaktëi - Mapaé), no Brasil, é possível vê-lo à frente do Roraima. Essa é a visão que se tem do Monte Roraima estando em solo brasileiro. O Instituto estampa esse desenho no uniforme de trabalho.

Curioso é que a imagem do brasão de armas do Estado de Roraima é a imagem do Kukenán e do Roraima, vistos da trilha Paraitepuy, e não a face brasileira do Monte Roraima. O Kukenán está totalmente em território venezuelano.

O sol vinha subindo lentamente no horizonte, avisando a todos da aurora. Os raios dourados iam clareando a escuridão e revelando a imensidão esverdeada da planície amazônica do território guianense. Aos poucos, foi se revelando a continuação dessa cordilheira que tanto nos magnetiza com suas histórias e lendas e, uma a uma, cada montanha se apresentava para o novo dia. E eu só consegui perceber até a Serra do Sol no horizonte, outro local que me atrai e que ouvi falar logo quando cheguei ao estado de Roraima.

Do mirante eu via todo aquele vale no Brasil e significava para mim, que todo país começava ali, na Terra Indígena Raposa/Serra do Sol.

É claro que, continuando a cordilheira chegaríamos ao Monte Caburaí, o ponto setentrional. A paisagem foi única. Tirei duas ou três fotos da cordilheira. Logo, nuvens vinham em direção a nós, trazidas por um vento frio. O café, coado esfofaçante, devia estar pronto no Quati. Regressamos.

Fazia frio na gruta e o café quente era um alívio. Mais do que isso, era o momento de socialização e descontração na cozinha, com Alexandre contando histórias engraçadas, de viagens passadas ao Monte, e fazendo brincadeiras com os carregadores. Todos riam. Após a refeição, chamei Henrique e lhe mostrei minhas anotações das espécies do jardim. Ele, como engenheiro florestal, interessava-se muito pelo nome das espécies e sempre perguntava atualizações do sistema de classificação. Confesso, que não lembrava de todos, ou melhor, não aprendi todos, todavia, o que recordava eu lhe passava.

Como nos conhecíamos havia um bom tempo e tínhamos realizado alguns trabalhos juntos, nos sentíamos bem à vontade para discutir a metodologia a ser empregada na área pisoteada em que iríamos trabalhar. Isso desde as reuniões de organização em Boa Vista. Ele sempre me deu ótimas dicas e sugestões. Naquele tempo em que todos ainda se aprontavam, eu continuei observando as espécies do jardim e acabei encontrando uma que não vi no dia anterior. Continuei com as fotos e anotações.

Alfredo, apesar de todo o interesse pela Botânica e da indicação para me ajudar, ainda se mostrou como a pessoa principal para conduzir a instalação da ponte com Henrique. Não fiquei muito preocupado, o trabalho não seria tão pesado como os que costumava fazer no Lavrado e florestas de Roraima. Claro que ajuda é sempre bem-vinda, no entanto, seria tranquilo. A temperatura estava boa e não teria desgaste físico como seria no calor de Boa Vista. Henrique sempre dava uma passada para trocar uma ideia sobre a parcela, o tamanho da área e falar algo sobre as espécies que havia observado.

A instalação da ponte teria que ser feita em três dias no máximo. Além da ponte, Joana e Henrique realizariam uma inspeção em todo o lado brasileiro e fariam indicações de segurança para os visitantes. Toda

a organização da viagem foi feita em Boa Vista. Afinal, uma viagem dessa, até o lado brasileiro, para além dos custos é preciso ter uma ótima administração do tempo e, claro, todos os cuidados possíveis com acidentes. Aquele era o quinto dia de viagem e teríamos mais três para chegar em Paraitepy. “A volta é mais rápida, pois é só descendo”, diziam todos os guias e carregadores. Então, esse era o prazo para a instalação.

Planejei realizar o trabalho em dois dias. No terceiro, ajudaria no que fosse preciso para a instalação da ponte. Comecei com a medição de toda a área desde a ponte, que seria posta ao lado do pisoteio, para que assim eu pudesse trabalhar no local e que ainda fosse possível monitorar ao longo dos meses ou anos a recuperação da vegetação. Uma atividade muito instigante para mim. De certo modo, já pensava na possibilidade de retorno para acompanhar esse experimento.

Fiquei assustado com o tamanho da área degradada, aproximadamente 400 m<sup>2</sup>. A instalação da ponte estava altamente justificada e recomendada. Isso era o bastante! Durante esse breve período de medição, rapidamente o tempo mudou e o sol, enfim, dava as caras, mostrando quem era de fato o rei. Todos nós retiramos os casacos e chapéus de proteção. Dentro de pouco tempo, já podíamos sentir as orelhas queimando e o suor escorrendo. Porém, o trabalho me alegrava bastante e comecei a catalogar as plantas, utilizando-se da mesma forma que fiz no jardim. Descrevendo e fotografando.

Este quinto dia e o sexto seguiram de trabalho árduo de todos para a instalação da ponte. Almoçamos lá no local, não voltamos ao Quati. As carregadoras tinham feito o almoço e levado para nós. No início da tarde, uma nuvem chegou e ficou sobre a grande parte do lado brasileiro. A temperatura caiu com a cerração e não podíamos enxergar muitas coisas. Recordo-me de estar ao lado de Henrique e pedi-lo para tirar uma foto minha, uma vez que havia visto um documentário sobre a vida das plantas do David Attenborough<sup>23</sup> e um episódio era no Monte Roraima, sob as mesmas condições climáticas daquele momento. Uma leve chuva caiu, porém, em uns 20 minutos o sol estava de volta.

---

23 The Private Life of Plants. BBC. 1995.

Estava terminando todo o levantamento, e já reconhecia algumas espécies por sua morfologia e fazia comparações com o jardim do Quati. Decidi que assim que concluísse, eu me dirigiria à formação vegetal maior onde deveria estar bem constituída. Muitas dessas espécies, eu tinha visto pelo Monte. No entanto, uma que me chamou a atenção ao vê-la pela primeira vez foi *Psychotria concinna*, por se tratar de uma Rubiaceae. Chamei Alfredo e Carlos para verem-na e compará-la com o douradão.

- Realmente elas têm um jeito muito parecido, disse Carlos.

- Mas percebo que elas são diferentes. A inflorescência é bem parecida, contudo tem diferença.

- Observe a filotaxia composta e as estípulas.

- Sim, estou vendo!

- Tá me lembrando uma planta que vi em muitos jardins de Boa Vista. Só que a inflorescência é diferente e as folhas menores.

- Como é a inflorescência?

- Parece um buquezinho com as flores vermelhas. Já vi da amarela e com as folhas grandes. Mas vejo mais da folha pequena mesmo.

- Ah, sei qual é. Deve ser a *Ixora coccinea*. Mas têm muitas espécies desse gênero. São todas irmãs.

- Legal.

- Estou terminando aqui e vou lá naquela matinha ali.

- Lá parece ser muito bom mesmo. Se terminarmos aqui hoje, passaremos lá com você.

- Tranquilo, sem pressa.

E fui para a formação vegetal, ou seja, a matinha. As espécies lenhosas sempre foram meu forte na Botânica, e também observaria novas ocorrências em comparação ao local do pisoteio.

Tive receio de adentrar na pequena matinha, porque não sabia como seria o solo. Se realmente fosse uma fenda, talvez tudo pudesse ser um material não muito firme de se pisar. Todavia, observei muitas *Crepinella chimantensis*, como já indicado, bromélias ou xiridáceas, um estrato graminoso bem desenvolvido, samambaias e outras. Algumas espécies não pareciam ocorrer em relação às que tinha observado no pisoteio. Devo ter tirado umas duas fotos de uma ou outra espécie que não tinha visto ainda.

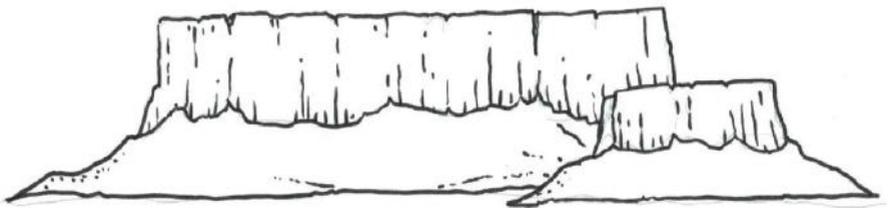
Decidi ajudar na ponte. Chegando lá, me deparo com um imprevisto. Uma das cordas havia arrebentado três vezes no momento de erguer a estrutura. A ponte era formada por pranchas e tubos de alumínio e por entre os tubos seria passado um cabo de aço trançado em todas as pranchas e esse cabo preso em dois pontos dos dois lados da ponte. Era um momento delicado para todos, uma vez que o trabalho poderia dar errado e não seria concluído no prazo programado. Enquanto pensava na solução do caso, Henrique estudava a possibilidade de passar mais um dia no Monte ou de, na semana seguinte, voltar para terminar a instalação. A noite estava chegando e todos estavam cansados do trabalho e das mudanças do tempo, que a cada 30 minutos saía de um calor típico da savana para temperaturas bem baixas. Henrique decidiu então encerrar o dia e voltar ao Quati para resolver com todos no jantar o que faria na manhã seguinte.

Nas noites seguintes, continuamos dormindo bem cedo, por volta das 19h. Contudo, no jantar todos conversamos. Henrique e Alfredo sabiam bem o que fazer e na possibilidade de realizar o trabalho no dia seguinte. Era uma tentativa para armar a ponte. Daí, seria possível fazer os trabalhos de monitoramento e uso seguro do parque no dia posterior. Eles estavam confiantes. Parece que o grupo precisava daquela parada para recuperar os dois dias de trabalho. A noite estava mais fria que as anteriores e uma cerração tomava conta do interior da gruta.

Portanto, fomos dormir e acredito que por volta das 2 ou 3h da manhã, acordei com muita vontade de ir ao banheiro itinerante, digamos assim. No acampamento, esse lugar era instalado fora do hotel desde o primeiro dia, no Kukenán. Nele havia uma cadeira com uma tampa de vaso, onde só era permitido defecar. A urina poderia ser feita em outro

lugar, de escolha livre, fora do acampamento. Lembro que levantei, calcei minha bota, que estava do lado de fora da barraca, saí, fechei-a, e me dirigi para a entrada do Quati para urinar ao lado direito da saída. Aquela hora, eu acreditava que ninguém estaria acordado para uma abordagem involuntária.

Naquele momento, relaxado, lembro de observar a lua bem vistosa, que não estava cheia, logo acima do caminho para o mirante do Roraiminha. Seu brilho refletia sobre as rochas e repousava uma luz pálida como a neve. Pensei que um dia toda a Terra foi daquela forma. Coberta de rochas, poucas plantas, bactérias, fungos e etc. Parei por um momento e me perdi nos pensamentos sobre minhas aulas, em tempos de faculdade, nos amigos, professores e acredito que tenha adormecido ali mesmo por alguns minutos, recobrando lembranças naquela paisagem única. Até que fui acordado pelo brilho mais intenso de uma luz que sumiu subitamente, assim como o reflexo nas rochas. Voltei para a barraca.



**Roraima e Wei-Assipu (Roraiminha)**

# Um pouco de descanso

Everyone smiles as you drift past the flowers  
That grow so incredibly high

John Lennon e Paul McCartney

Acordei para o terceiro dia na gruta do Quati (e sexto dia da viagem) muito disposto para terminar a instalação da ponte. Estava empolgado. Não era para menos, tinha concluído o levantamento das espécies! Estava muito feliz. Henrique, Alfredo e os demais estavam prontos para sair. Fiquei me perguntando por que perdi a hora assim? Joana brincou dizendo que era devido à conclusão do levantamento. Todos riram. Porém, fiquei confuso, pois sempre me levantava antes deles, na mesma hora que os carregadores.

Alexandre acabara de abrir o zíper da barraca e todos riram da cara de sono dele. Nisso, ele perguntou quem havia ido lá fora de madrugada e demorado para voltar. Ele tinha ficado preocupado pela demora e pensou em ir atrás, porém, estava com preguiça de levantar-se e acabou dormindo novamente. Até que acordou quando ouviu uma barraca se abrindo por volta das 4h da manhã. Isto é, para ele não teria sido eu que tinha levantado anteriormente e demorado para voltar.

Todos brincaram com quem teria sido, e os carregadores, falando na língua Pemón, começaram a brincar com uma suposta dor de barriga de Carlos, o carregador era alvo de brincadeiras de quase todos eles, inclusive, de Alexandre.

No caminho para o local da ponte fui conversando com Henrique sobre o que seria feito. Ele tinha um plano combinado com Alfredo e tinha fé que daria certo. O plano era simples e contaria com a ajuda de todos. Deveríamos suspender a ponte inteira, elevando-a por baixo, enquanto Henrique e Alfredo puxariam o cabo de aço, com o

auxílio do puxador, sem utilizar as cordas. Na primeira tentativa, a ponte ficou em sua devida posição. Foi uma vitória de todos! Alegria contagiante. Alfredo, muito sorridente, falava para Henrique: eu disse, eu disse! Eles se cumprimentaram com as mãos erguidas e saudaram todos. Em seguida foi posto o corrimão da ponte e todos puderam testá-la, indo e voltando. Esse trabalho estava concluído. Era hora de inspecionar o restante do parque.

O trabalho de inspeção estava sendo realizado por Joana e algumas carregadoras que a acompanhavam. A região em volta da gruta do Quati estava toda bem marcada e orientada para uso dos turistas. Passamos por todos os locais fazendo uso das orientações e Henrique e Joana aproveitaram para tirar em novas conclusões, onde poderiam instalar placas de atrações turísticas e fazer marcações de trilhas via GPS. Passamos o dia inteiro nessas atividades.

A noite foi muito tranquila. Não fazia tanto frio como na noite anterior, no entanto, uma leve chuva caía. Todos estavam aliviados com a conclusão do trabalho e jantávamos felizes, contando histórias sobre o dia. Alexandre disse que o governo venezuelano, recentemente, havia bancado uma limpeza geral no Monte, onde todo o lixo encontrado foi retirado por helicóptero. Ele disse que cerca de 3 toneladas de lixo foram retiradas.

- Aqui mesmo, uma vez, encontrei um frasco de querosene de 1971, escondido entre as frestas da parede.

- Pois é, embora todo trabalho de conscientização e sensibilização seja feito, muita gente ainda se livra do lixo que traz aqui mesmo. Hoje andei em volta e catei uma sacola com latinha de cerveja, refrigerante, frascos plásticos, bituca de cigarro. Encontrei garrafas PET derretidas, ou seja, usaram e tentaram queimar para não ter que levar, entretanto, não queimaram. O lixo ficou.

Curiosamente, nesse instante, Carlos aparece na cozinha trazendo uma sacola plástica com um material desconhecido que encontrou fora da gruta. Era uma sacola com fezes que foi deixada escondida entre os arbustos, provavelmente, a alguns meses. Impressionante.

Todo o lixo fora levado pela equipe de carregadores para ser descartado em local apropriado na rodovia que segue para a cidade de Santa Elena de Uairén, no dia de nosso retorno.

Após esses infortúnios, Henrique e Joana programaram o dia seguinte, para irmos ao lado guianense.

- Os brasileiros que chegam ao hotel do Quati gostam muito de visitar essa região. Porém, como é do lado guianense, não podemos usar marcações, mas podemos utilizar o GPS e dar orientações de como chegar aos pontos turísticos via guia digital ou impresso, ressaltou Joana com muita propriedade.

Na manhã seguinte, Alexandre disse que estava com dores nas pernas e escalou Alfredo para ser o guia. Com orientação de Alfredo, fomos em direção ao lado guianense do Roraima. Nesse quarto dia comecei a ter uma dor insuportável no pé direito. As dores haviam continuado, contudo eram suportáveis e a cada banho eu o deixava de molho na água gélida dos pequenos lagos nas rochas. Entretanto, naquele momento, estava beirando o impossível de andar, porém continuei. Não poderia perder aquela oportunidade de conhecer mais sobre o Monte. Fiz algumas paradas, tirava a bota, repunha, e assim fui seguindo o passeio. Após umas duas horas de caminhada voltei a sentir mais intensamente a dor.

O lado guianense, certamente, é o mais belo de todo o parque. A predominância de espécies lenhosas e fontes d'água é maior. Pude observar três espécies insetívoras, igualmente chamadas carnívoras, a *Drosera roraimae*, que apresenta pelos mucilaginosos e pegajosos, que prendem o inseto ou pequenos animais e depois produzem enzimas digestivas para absorvê-lo; e as *Heliamphora glabra* e *Heliamphora heterodoxa*, as quais os pequenos animais caem no interior de sua ânfora e lá são digeridos.

Um fato muito curioso me veio à mente. Darwin estudou por um bom tempo as plantas insetívoras. E a drósera (*Drosera* sp.) foi uma delas, assim como a dioneia (*Dionaea* sp.). Ele observou que a drósera crescia em ambientes ácidos, pobres em nitrogênio e sem matéria orgânica. Então, para ocupar aquele nicho, a espécie buscava nitrogênio

diretamente dos insetos e não do solo. Quanto à dioneia, Darwin cogitou que o processo de fechamento dela estivesse ligado à eletricidade. Fato esse corroborado por um amigo físico. Darwin, admirado pelo comportamento das espécies insetívoras, decidiu investigar as trepadeiras que se enroscavam e as que tinham gavinhas. Essas observações e questionamentos de Darwin levaram, anos mais tarde, ao descobrimento dos hormônios vegetais, como a auxina.

Em alguns locais parecia haver um grande rio, que segundo Joana seria a nascente do rio Cotingo. E ela me lembrou: *La madre de todas las águas*.

- O Cotingo nasce no Monte, corre o município de Uiramutã até desaguar no rio Surumu, esse no Tacutu, que encontra o Uraricoera para formar o rio Branco. O Branco até o Negro, o Negro com Solimões, Amazonas e daí o Atlântico.

Seguimos adiante e fomos observando os abismos, a paisagem, as nuvens, as plantas e as águas. Muita água! E chegamos ao lago Gladys. Assim chamado por conta de um lago que é citado no livro *O Mundo Perdido* de Sir Arhur Conan Doyle. É uma ‘cratera’ enorme no Monte com um lago formado ao fundo. Pudemos observar a presença de muitas espécies vegetais e também outras fendas nas paredes do lago. A espécie *Bonnetia roraimae* se faz fortemente presente no Monte, principalmente do lado guianense.

Alguém lembrou de irmos ver os destroços do helicóptero onde, na década de 1990, ocorreu a morte de dois tripulantes e precisou de outros dois helicópteros para realizarem o resgate, porque o primeiro que veio fazê-lo quebrou ‘o pé’ na hora do pouso. Até hoje os destroços estão lá marcando este fatídico dia. Os guias e carregadores disseram que muito foi levado pelos turistas como lembrança. Com certeza, isso é a única coisa que se é permitido levar do Monte.

Logo após os destroços, fomos em direção à chamada *La proa*. Para chegar até lá é preciso descer uma parte de rapel, pois não há onde se segurar com firmeza.

Após conhecer o lado guianense, era hora de voltar ao Quati. Meus pés me lembravam que teria todo esse retorno. Contudo, a sensação de felicidade, adrenalina, serotonina e boas risadas fazia o tempo passar mais rápido, a dor sarar e até a sede passar despercebida. Acredito que chegamos por volta das 15h.

Um banho e um descanso eram fundamentais. Seria nossa última noite no Quati e, certamente, todos queriam confraternizar nesse momento.

Muito conversamos, sorrimos e bebemos café. Alfredo, que outrora tinha se interessado por Botânica, procurou-me para ver o resultado do levantamento. Mostrei-o as anotações e fotos, e ele ficou bem surpreso. Foi relembando algumas espécies que já conhecia e dizendo se havia muito ou pouco delas. Ele prometeu que me procuraria em Boa Vista para aprender mais sobre essas plantas do Roraima. Sinto que a Botânica o interessou bastante.

A conversa sobre as plantas observadas foi chamando a atenção dos demais. Joana estava conosco e Alexandre e Henrique se aproximaram. Logo todos se surpreendiam com uma ou outra planta que nunca tinham percebido.

Carlos levantou a mão, como se estivesse em uma escola, e perguntou como funciona esta ideia dos nomes científicos.

- Certo. Vamos lá. Na sua comunidade tem muitos tipos de ingá?

Pensou um pouco e respondeu que sim.

- Diga os tipos pra gente.

- Tem ingá-branco, ingá-de-metro, ingá-cabelo, ingá-macaco, ingá-grande. Disse, pausadamente, recordando os nomes.

- Muito bom. Cada nome desse, foi dado pela comunidade pelos mais velhos, ancestrais, pajés... Certo?

- Certo.

- Cada nome foi dado pela característica que cada tipo de ingá tem. Para diferenciar foi usado um termo complementar ao nome ingá, como ingá-branco, ingá-de-metro e por aí vai.

- Certo.

- O nome científico é bem parecido. Só que o nome que é escolhido para a planta passa a ser usado no mundo inteiro, na Ciência.

- Hum então, por que não usaram nomes que os próprios indígenas deram?

- Certo. Tem duas coisas. O cientista que criou esse método, Carl Linnaeus, ou Lineu, pra gente, usou o latim por ser uma língua muito usada em sua época. Em outra época, a principal língua na Ciência era o francês, hoje é o inglês, e já foi o alemão.

- Certo.

- A segunda coisa: o nome popular. Não só os indígenas têm dado nomes para plantas. Outros povos nomeavam as plantas de seu meio. Pode ser que um nome de planta na sua comunidade, seja diferente em outra. Ou ainda, em uma comunidade, uma planta pode ter mais de um nome, acontece.

- Pior que tem mesmo. Vi um caso assim.

- Dessa forma, existem nomes científicos que foram inspirados em nomes populares também. Por exemplo, esse ingá-cabelo que você disse, tem um nome científico *Inga cabelo*, não sei se é a mesma espécie. Mas tem.

- Ah, muito bom. Então os cientistas também usam informações populares<sup>24</sup>.

- Isso. E temos mais exemplos também. Como o nome da carambola. Conhece?

---

24 BARBOSA RODRIGUES, J. Mbaé Kaá: o que tem na mata: Tapyiyeta Enoyndaau: a botânica nomenclatura indígena. 2 ed. revista ampliada. Rio de Janeiro: Dantes, 2018

- Sim, não é aquela estrelada.

- Isso. O nome é *Averrhoa carambola*. E existem vários outros nomes. Os nomes científicos são, na maioria das vezes, baseados na característica da planta. Como o pau-brasil, que se chama *Paubrasilia echinata*. Esse *echinata* significa espinho. Como várias outras características. Tudo isso está no momento em que a espécie é descoberta, ou descrita pelo autor. Inclusive, pode ser também em relação ao lugar em que ela foi encontrada ou até uma homenagem a uma pessoa.

- Como a *Bonnetia roraimae*, que você falou!

- Exatamente!

- Entendi. Você explicando agora faz sentido pra mim.

- Massa! E qualquer dúvida é só perguntar. Se eu souber eu respondo, senão eu digo que não sei.

Todos riram.

- Lembrei de uma coisa. É importante! Na Botânica, por exemplo, temos um livro de regras para nomear as espécies que se chama Código Internacional de Nomenclatura Botânica. Ele traz como escrever um nome novo e muitas outras coisas.

- É, pensando que no mundo todo se faz isso, tem que ter uma regra mesmo. Mas quem inventou isso?

- O quê, as regras?

- Sim. Quem achou que tinha que ter isso?

- No século XVIII, em 1700 e... não me recordo o ano exato, Lineu mesmo começou a descrever as espécies vegetais, se eu não estiver enganado. Ele publicou com poucas plantas, mas foi aumentando muito rápido. E outros naturalistas, que são esses pesquisadores, começaram a surgir e viajar para diferentes lugares do mundo, e todos seguindo essas mesmas regras. E assim foi...

- Esses naturalistas foram os que vieram por aqui no passado?

- Sim! Eram profissionais que estudavam quase todos os grupos de seres vivos e geografia, geologia e etc. Hoje os profissionais estudam basicamente cada um uma área. Botânica, Zoologia, Geologia e dentro de cada uma dessas outras áreas mais específicas. Pois a biodiversidade é muito complexa e precisa cada vez mais de profissionais bem especializados.

- Poxa vida! Começou a ficar complicado agora.

- Ficou nada! Escolha uma área e siga nela. Você não gosta das plantas?

- Sim.

- Ah, sim! Também existem Códigos Internacionais de Nomenclatura de Zoologia, Plantas cultivadas, Bactérias e outros.

João Barbosa Rodrigues fez o seguinte comentário em 1905:

Designam as espécies por nomes tirados dos caracteres das folhas, flores, dos frutos, ou de propriedades como o cheiro, o sabor, a dureza, a duração, a cor, o emprego etc. etc. nenhum caráter essencial lhe escapa. Denominadas as espécies, as reúnem em gêneros, dão a estes o nome da planta que lhes parece típica. Com a reunião dos gêneros formam seções ou famílias. Desta divisão formam grupos que dividem em ybá madeiras de lei; ibyrá ou muryá, paus; kaá, ervas; e icipós ou cipós, trepadeiras.

São tão exatas as suas observações, que se encontram gêneros e subgêneros em uma só família, como se fossem grupados por um verdadeiro botanista.

Henrique considerava muito importante todos conhecerem as plantas, visto que poderia ser um tipo de informação do próprio turismo. Ele pediu um momento para todos e foi à sua barraca, voltando com um caderno em mãos.



O lago Gladys

# Uma história roraimense de Botânica

O passado é lição para se meditar, não para se reproduzir.

Mário de Andrade

Em 2017, vi uma palestra na UERR intitulada "Uma história roraimense de Botânica", que fazia referência a uns artigos do Prof. Reinaldo Imbrozio Barbosa<sup>25</sup> que tratavam de expedições científicas em Roraima, que muitas delas tinham fins de coletas botânicas e zoológicas, com cientistas estrangeiros, e brasileiros também. Na palestra foram só relatadas as expedições botânicas. Eu as anotei no meu caderno e levo para onde vou. Eu as anotei no meu caderno e levo para onde eu vou. Acho que João conhece esses artigos, no entanto, lerei para todos. Certo?!

Todos concordaram.

- A primeira expedição botânica foi realizada pelo naturalista brasileiro Alexandre Rodrigues Ferreira, em 1786, ou seja, ainda no Brasil Colônia, e tinha por objetivo avaliar o potencial econômico das terras do vale do rio Branco e aldeamentos indígenas. Além do Branco, navegou pelos rios Uraricoera, Tacutu, Surumu, Maú e Pirara, descrevendo grande coleção da Fauna e Flora e material iconográfico do Forte São Joaquim. O relato de viagem foi registrado em seu livro *Viagem filosófica pelas capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá 1783-1792*<sup>26</sup>.

No Brasil Império, o estigma de fronteira continuava a conceder-lhe status de 'região problema' quanto a delimitação dos

---

25 BARBOSA, R. I.; FERREIRA, E. J. G. Historiografia das expedições científicas e exploratórias no vale do Rio Branco. In: BARBOSA, R. I.; FERREIRA, E. J. G.; CASTELLON, E. G. Homem, ambiente e ecologia no Estado de Roraima. Manaus: INPA, 1997.

BARBOSA, R.I. Expedições Naturalistas e Exploratórias na Construção Histórica do Vale do Rio Branco. MENS AGITAT | HISTÓRIA DA CIÊNCIA 3 Volume 5, Número 1 e 2, 2010.

BARBOSA et al. Notes on an exploratory expedition to the headwaters of the Mau (Ireng) river, Northern Brazilian Amazon. Bol. Mus. Int. de Roraima V. 7(2): 45 - 54. 2013

26 FERREIRA, A. R. Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

domínios. Foi um período extremamente rico para a formação de coleções zoo-botânicas na Amazônia. No Vale do Rio Branco, começava-se a conhecer melhor sua riqueza zoobotânica, embora toda a região continuasse no processo de cicatrização das fronteiras internacionais.

Trabalhos muito importantes foram dos irmãos alemães Schomburgk (chamados de ‘Samburuku’ pelos Pemón), primeiro Robert, em 1839, naturalista que se fixou na Guiana Britânica. Coletou pelos rios Maú, Surumu, Unamara, Tacutu e proximidades do Monte Roraima. Realizou estudos de Geografia física e ocupação do norte e nordeste do Estado. Depois veio Richard, que realizou coletas botânicas e faunísticas na Guiana, nos rios Surumu, Cotingo e Tacutu.

Em 1904, ocorreu entre a recente República brasileira e a Coroa Britânica uma disputa de terras na fronteira com a Guiana que ficou conhecida como a Questão do Pirara.

Sir Robert Schomburgk, no início de sua passagem pela a região, observou que o então Império do Brasil não cuidava muito daquela fronteira, ele hasteou a bandeira britânica em solo brasileiro e deu início a todo o processo que só se findou mais de 60 anos depois, quando o rei da Itália, Vitor Emanuel III, foi escolhido como juiz. Ele deu um ganho de terras de cerca de 19 mil km<sup>2</sup> para os bretões e pouco mais de 13 mil km<sup>2</sup> para os brasileiros. Anos depois, a Itália saldava dívidas com a Coroa Britânica repassando colônias suas.

Em tal episódio é lembrado o nome de Joaquim Nabuco, outrora conhecido ministro do Imperador Pedro II apelidado como o “Tigre da Abolição”, na luta pela libertação dos escravos brasileiros. Embora o caso tenha resultado negativamente ao Brasil, muito foi feito por Joaquim Nabuco, observando-se que a perda de território poderia ser bem maior. Em todo o caso, o Brasil perdia uma importante saída para o Atlântico no norte Sul-americano, e em Boa Vista, a praça do Centro Cívico leva o seu nome, porém, nem todo mundo sabe disso.

Nesse instante, Alexandre e Alfredo nos falam que também existe uma discussão, uma reclamação por parte da Venezuela sobre uma grande área territorial da Guiana. E que salvo engano pega essa parte que o Brasil reclamou. Eles disseram que é algo forte na Venezuela e que os

mapas indicam tal região como área reclamada e não da Guiana. É uma discussão conhecida por Guayana Esequiba, mais antiga que a brasileira, no caso. É a oitava estrela na bandeira venezuelana. Perguntei se seria por isso que o Marco tríplice se chama BV – 0, não incluindo a Guiana. No entanto, ninguém soube responder.

De 1851 a 1854, foi a vez de Richard Spruce, naturalista inglês, realizar coletas botânicas na fronteira com a Venezuela, além de coletas de plantas com valor industrial e terapêutico no rio Branco e afluentes.

Tanto Spruce quanto Alfred Russell Wallace (esse não esteve em Roraima) puderam observar o uso da bebida *caapi* por indígenas na região de Uaupés e no Negro. Entretanto, também é considerado brilhante e pioneira a observação de Villa Vicêncio no rio Napo, na Amazônia equatoriana. A ayahuasca seria o nome utilizado no Equador. O *caapi*, é um tipo de cipó, *Banisteriopsis caapi* (Malpighiaceae), e a bebida ainda conta com o uso da chacrona, *Psychotria viridis* (Rubiaceae).

- Li também que outras espécies vegetais podem ser adicionadas, completei.

Gustav Wallis foi um naturalista alemão. Esteve aqui em 1863, trabalhou na serra Pacaraima, nos rios Branco, Tacutu e Parima. Estudou Botânica, Geografia, Economia regional e indígena.

João Barbosa Rodrigues, de 1871 – 1874. Naturalista brasileiro, estudou Botânica, Etnografia e Zoologia. Veio para a Amazônia em uma missão científica do governo imperial. Aqui em Roraima, esteve no rio Jatapu e Jauaperi, onde coletou uma série de espécies, principalmente orquídeas e palmeiras. Depois em 1883, organizou e dirigiu o Jardim Botânico em Manaus, com patrocínio da Princesa Isabel e extinto após a República. Em 1890, foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, o qual dirigiu até a sua morte.

Publicou uma vasta obra e uma de suas mais importantes contribuições foi o trabalho sobre orquídeas, em três volumes, *Genera et species orchidearum novarum* (1877 – 1881). Deixou ainda uma Iconografia das Orquídeas. Em 1935, foi criada a *Rodriguésia*, revista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, em sua homenagem. No centenário de seu

nascimento, em 1942, foi homenageado dando nome ao Museu Botânico Dr. João Barbosa Rodrigues no Instituto de Botânica de São Paulo.

Outra presença marcante por essas terras foi a de Henri-Anatole Coudreau, de 1883 – 1885. Geógrafo francês que percorreu parte dessa região a serviço do Ministério da Marinha e das Colônias da França. Ele caminhou longas distâncias em companhia quase que exclusiva dos indígenas locais. Descreveu os campos naturais do rio Branco (savanas), fazendo comentários sobre sua gente e as relações sociais. Aprendeu a se comunicar com os índios locais (principalmente os Wapichana), quando permaneceu por cerca de 10 meses na Aldeia da Malacacheta por causa de uma febre que o acometeu, provavelmente malária.

Em 1844, vieram Sir Everard Im Thurn, então presidente no Museu Nacional da Guiana, e Harry Perkins. Eram ingleses, funcionários públicos, botânicos, etnólogos e geólogos, e lideraram a primeira escalada oficial ao Monte Roraima, até então, considerada inacessível.

- Eu, particularmente, acredito que os indígenas haviam subido, anteriormente. Não sei.

- Mas, Joana, no livro ‘Do Roraima ao Orinoco’, uma indígena idosa diz que Shomburgk (Samburukú) não subiu o Monte, porque eles ainda não conheciam o caminho.

- Ah, sim, existe uma pequena planta da Família Ericaceae nominada *Bejaria imthurnii* em homenagem a ele, completou Joana.

Agora, entramos no Brasil República e havia um sentimento nacionalista para determinação e proteção das fronteiras e riquezas do Norte. Lembrando que a Questão do Pirara foi no início da República.

No governo de Getúlio Vargas, entre 1920 – 1950: buscou-se conhecimento sobre aspectos geográficos, houve um aumento nas expedições científicas.

Aqui, ressalto um fato muito importante na pesquisa científica, que foi a Fundação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, o INPA, em Manaus, que apoiou e continua apoiando vários pesquisadores

brasileiros e estrangeiros.

A presença de Ernst Heinrich Georg Ule (1908 – 1909), botânico alemão, igualmente foi marcante. Trabalhou no Jardim Botânico de Berlim e aqui esteve no Rio Branco e Monte Roraima, Serra Grande, de Mucajá e Murupu.

Contudo, talvez o mais importante de todos agora. Eu o incluí nessas anotações pela sua importância histórica. O Senhor Theodor Koch-Grünberg. Estudou Geografia humana e Antropologia aqui na Tríplice fronteira. Publicou o livro *Vom Roraima zum Orinoco* (Do Roraima ao Orinoco) em 5 volumes<sup>27</sup>, que traz descrições culturais dos indígenas, detalhes e uma real imagem da forma de vida, além de documentação fotográfica<sup>28</sup>.

Existe um pequeno filme, com cerca de 12 minutos, rodado na Vila Surumu, com danças, trabalho e outras atividades. Foi o primeiro registro cinematográfico dos povos indígenas em Roraima e possivelmente, na América do Sul. Foi ele que fez o primeiro registro sobre o Makunaima entre os Pemón e o Monte Roraima, o que anos depois inspirou Mário de Andrade a escrever Macunaíma.

Koch-Grünberg esteve no Brasil quatro vezes entre 1896 e 1924<sup>29</sup>. Duas foram no período de 1903 a 1905, na região do alto rio Negro e Yapurá<sup>30</sup>. A terceira, de 1911 a 1913, no atual estado de Roraima e na Venezuela. A quarta e última, retorna a Roraima a bordo do avião hidromotor na expedição de Hamilton Rice<sup>31</sup>. Ele faleceu vítima de malária, em 8 de outubro de 1924, e foi enterrado na vila Vista Alegre, na margem esquerda do rio Branco, município de Caracaraí. Décadas depois, seus restos mortais foram retirados e levados para o cemitério São João Batista, em Manaus. Todavia, o local de seu sepultamento ainda existe lá na vila. E a lápide que foi colocada quando a expedição de Rondon

27 KOCH-GRÜNBERG, T. Do Roraima ao Orinoco. Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913. São Paulo: UNESP/Instituto Martius Staden, 2006.

28 KOCH-GRÜNBERG, T. A distribuição dos povos entre rio Branco, Orinoco, rio Negro e Yapurá. Tradução de Erwin Frank. Manaus: Editora INPA/EDUA, 2006.

29 FRANK, E. Objetos, imagens e sons: a etnografia de Theodor Koch-Grünberg (1872-1924). Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 5, n. 1, p. 153-171. 2010.

30 KOCH-GRÜNBERG, T. Dois anos entre os indígenas: viagens no noroeste do Brasil. Manaus: EDUA/FSDB, 2005.

31 RICE, A. H. Exploração da Guiana brasileira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1978.

passou por aqui, o Museu Integrado de Roraima a exibe, que salvo engano foi colocada por Rondon e comitiva, em sua homenagem.

- Falando do Museu, este se encontra abandonado pelas autoridades, disse Joana<sup>32</sup>.

João Geraldo Khulmann, botânico brasileiro, veio em 1912, e percorreu a região integrando a comissão do Serviço de Defesa da Borracha (Ministério da Agricultura), realizando coletas nas proximidades de Boa Vista. Voltou em 1923-1924, onde coletou em localidades de Boa Vista, Vista Alegre e Bem-Querer. De 1944-1951, foi Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Continuando, George Henry Hamilton Tate, de 1927 – 1928. Naturalista do Museu Americano de História Natural, esteve na Expedição Lee Garnett ao Monte Roraima, assim como no Rio Branco e Miang. Realizou anotações científicas, coletas botânicas e zoológicas. Estudou os relevos tabulares e recebeu ajuda de Rondon.

- Eu não conheço a biografia do Cândido Rondon detalhadamente, para além da demarcação da fronteira. Ele conheceu bastante gente e se fez presente nessas expedições, pelo que vejo.

Phillip Freiherr von Luetzelberg, em 1928, coletou a flora amazônica. Integrou a expedição de Rondon. Navegou pelo Rio Branco, Uraricoera e Tacutu e ainda veio ao Monte Roraima.

Um pesquisador importante e conhecido de vocês agora, Adolpho Ducke, o nome da reserva florestal do INPA, em Manaus. Representa a fase dos grandes botânicos desvendando a flora regional. Ele foi um botânico altamente qualificado que teve sua carreira iniciada no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém, terminando-a no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Esteve por três oportunidades no vale do Rio Branco. Em 1933, Ducke realizou coletas aos arredores de Caracarái. Depois, em 1937, ele percorreu o rio Branco, a cidade de Boa Vista, as serras Grande e do Murupuzinho e a Fazenda Nova Olinda. Nessa oportunidade, Ducke se

---

<sup>32</sup> O prédio do Museu Integrado de Roraima foi demolido em abril de 2023.

encontrava a serviço da Comissão Demarcadora de Limites como adido botânico.

- Eu acredito que fui nessa Fazenda uma vez. Fiz um passeio por toda a região da Serra da Lua e acho que fui lá. Ela fica na margem do rio Tacutu, se não me engano. Disse, João, demonstrando algum conhecimento daquela região.

E finalmente em 1943, em sua última excursão, Ducke coletou em Boa Vista, Caracará, rio Cauamé e Fazenda São Marcos. Como resultado disso, várias publicações sobre a Flora Neotropical foram realizadas sob a sua coordenação, sendo comum a citação de espécies coletadas em Roraima.

Entre 1950-1960 ainda houve uma enorme contribuição ao conhecimento da flora de Roraima savanas (Lavrado) e áreas florestais de contato.

George Black, em 1951, esteve nos rios Branco e Cauamé, igarapés Caranã e Caxangá, em Boa Vista, além das fazendas Bom Intento e São Marcos, serra do Cantá e um trecho da antiga estrada que ligava Boa Vista à Caracará.

Depois, em 1954, Bassett Maguire, do New York Botanical Garden, alcançou localidades próximas à Boa Vista, serra do Tepequém e rio Cotingo.

Ainda em 1954, William A. Rodrigues, pesquisador do INPA, realizou a expedição oficial desse órgão com Francis Ruellan. Estiveram em localidades de Boa Vista, Normandia, Pedra Branca, Maturuca, rios Uailã, Cotingo e Surumu. A partir dessa excursão e, somando coletas nas proximidades de Manaus, iniciou o acervo do Herbário INPA. Nessa oportunidade, inclusive, Renato de Siqueira Jaccoud participou com Rodrigues nas coletas de campo, iniciando o que é hoje a xiloteca do INPA.

Andre Aubréville, fitogeógrafo francês muito ligado ao INPA, percorreu a região do Taiano e a cidade de Boa Vista em 1958.

Em 1959, Masayuki Takeuchi, botânico da Universidade de

Tóquio e ligado ao INPA, descreveu a estrutura das áreas abertas de Roraima (Lavrado) em sua excursão à região. Suas observações delimitaram toda essa paisagem em dois grandes ambientes divididos pelo relevo e estrutura da vegetação.

Sir Ghilleen Tolmie Prance (de 1967 – 1969), junto a Enrico Forero, realizou estudos pelos arredores da cidade de Boa Vista e localidades da serra da Lua, Surucucus, Tepequém, Auaris, além dos rios Branco, Mucajá, Apiaú e Uraricoera. As coletas do projeto *Plants of Brazilian Amazonia* foram depositadas no Herbário INPA, incrementando a coleção de plantas para toda a Amazônia e, em especial, para Roraima.

- Eu conheci o Prance, lá no INPA em Manaus. Importante frisar que as coletas em Roraima, foram na companhia do grande parobotânico do INPA, José Ramos. Não tenho certeza agora se foi nesse mesmo período ou depois, completei.

Enfim, a coleta de informações biogeográficas e do uso das plantas por comunidades indígenas, podem ser considerados como um marco do etnoconhecimento local. Além disso, Prance também foi um dos construtores da Teoria dos Refúgios Florestais (1969-1974), juntamente com Jürgen Haffer, Paulo Emílio Vanzolini e Keith S. Brown.

- Percebam a importância do INPA aqui na região, meus amigos. Instituto muito importante para o nosso país!

Ainda temos em destaque a presença constante de Dorval de Magalhães, agrônomo roraimense, em várias dessas excursões, em especial na de Black. Esteve na realizada por Guerra, Ruellan e Ignácio de Oliveira.

Nas décadas de 1970 – 1980, houve outro ciclo de expedições e atividades científicas em Roraima, apoiado por uma forte política federal de aproveitamento dos recursos naturais na Amazônia.

- Projeto RADAMBRASIL (1972-1974), que foi um reconhecimento de larga escala e ajudou a ampliar o nível de conhecimento sobre os recursos naturais regionais;
- A criação de uma base de pesquisa do INPA em Boa Vista em

1984, que existe até hoje e formou vários estudantes em graduação e pós-graduação;

- E o projeto Maracá (1987-1989) – um estudo multidisciplinar envolvendo o INPA e a Royal Geographic Society, na Estação Ecológica de Maracá.

Em 1985 houve o Projeto Lavrado. Articulado pelo Museu Integrado de Roraima (MIRR), possuía uma linha mestra voltada para a identificação da diversidade vegetal desse ecossistema de Roraima. Nesse mesmo ano, foi inaugurado oficialmente o Herbário do MIRR, com um trabalho excepcional de Edileuza Lopes Sette-Silva.

Em 1989, veio a criação da Universidade Federal de Roraima e, conseqüentemente, a criação do Herbário UFRR. Ressalto aqui, o empenho e profissionalismo de Andreia Flores e Rodrigo Schutz Rodrigues, que também estiveram a frente dos dois herbários existentes em Roraima. Isso nas duas primeiras décadas do século XXI. Organizaram muitas coletas, atividades de pesquisa e divulgação científica.

Segundo o Professor Reinaldo Imbrozio Barbosa<sup>33</sup> no seu artigo: *é importante reconduzir a ideia de que os ensinamentos pretéritos dados pelas diferentes visões das expedições exploratórias e naturalistas (científicas) é parte integrante das discussões sobre a atual formação histórico-cultural da população local.*

*Os ensaios de exploradores e naturalistas sobre recursos naturais e povos indígenas, no que é hoje o estado de Roraima, são o berço desta construção histórica, servindo de base para a geração de políticas públicas neste novo contexto populacional que se formou em Roraima a partir do intenso processo migratório ocorrido nas últimas décadas.*

*Sem esta base de conhecimento assegurada, a estrutura do desenvolvimento fica frágil e são gerados conflitos difíceis de serem resolvidos por causa de interesses pessoais se sobrepujando aos coletivos.*

33 BARBOSA, R.I. Expedições Naturalistas e Exploratórias na Construção Histórica do Vale do Rio Branco. MENS AGITAT | HISTÓRIA DA CIÊNCIA 3 Volume 5, Número 1 e 2, 2010.

- Muito bom, Henrique! Só complemento com as viagens de Wallace<sup>34</sup> e Bates<sup>35</sup> no rio Negro e Amazonas, que viveram em Manaus, e a viagem de Martius e Spix<sup>36</sup>, que vieram na comitiva que trouxe a futura imperatriz Leopoldina para casar-se com Dom Pedro I. Martius e Spix (zoólogo) realizaram a viagem desde o Sudeste, passando pelo Nordeste e chegando até a fronteira do Brasil com a Colômbia. E graças a isso, o dia da Botânica no Brasil é o dia de nascimento do Martius, 17 de abril. Martius aponta a localização de povos indígenas entre a região do Uraricoera e do Branco, no entanto, acredita-se que foi por base de relatos de ouros pesquisadores. Ele nunca esteve no hoje estado de Roraima. Uma pena! Ele passou vários anos coletando espécies vegetais, publicou uma coleção de livros de quase 1m de comprimento e fez mais de 70 mil coletas.

- Caramba, João! Esqueci completamente dessas informações. Conheço elas. Li os registros de Wallace na Amazônia. Vou acrescentá-las no meu texto, será um material muito rico.

- Ah, sim, lembrei dos trabalhos de William Milliken com os Waimiri-Atroari e outros povos indígenas<sup>37</sup>. Eu o conheci!

- Parabéns, Henrique! Vou querer uma cópia para mim.

Joana pediu uma cópia para ela e complementou:

- Vocês pararam pra pensar que muitos exploradores e cientistas vieram para a Amazônia no período da Rainha Vitória?! Era o período de discussão sobre a origem das espécies, considerado pelo próprio Darwin como o assombroso mistério.

- Sim. Respondemos.

- Então, ainda li também que nesse período muito foi discutido sobre a ideia da invenção da Amazônia<sup>38</sup>, pois essa observação da flora,

<sup>34</sup> WALLACE, A. R. Viagens pelo Amazonas e Rio Negro. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.

<sup>35</sup> BATES, H.W. Um naturalista no rio Amazonas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

<sup>36</sup> SPIX, J. B. von; MARTIUS, C. F. P. von.. Viagem pelo Brasil (1817-1820). Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2017.

<sup>37</sup> MILLIKEN, W.; MILLER, R.P; POLLARD, S.R.; WANDELLI, E.V. Ethnobotany of the Waimiri Atroari Indians of Brazil. London, UK: Kew Royal Botanic Gardens.

<sup>38</sup> Veja em GONDIM, N. A invenção da Amazônia. Manaus: Editora Valer, 2019.

fauna, povos indígenas foi dada pela lente europeia, de como era o continente americano, o Brasil e etc.

- Bem interessante isso!

- Por um lado foi positivo, com o avanço da Ciência e do mesmo modo, numa fala do Bates, salvo engano, com a afirmação que diz que os brasileiros faziam com os índios o que os ingleses tinham feito com os africanos, asiáticos e oceânicos, durante a colonização.

- Ou seja, já se tinha todo esse olhar.

- Acaba que isso pode até explicar a presença estrangeira na luta pela abolição, que demorou 30 anos após a publicação da Origem das Espécies, que foi uma pressão inglesa, né?!

- Eu nunca li sobre isso e nem fazia essa ligação. Mas, certamente, deve ter a ver sim!

- Muito boa reflexão, Joana!

## Poeira que vai no ar

A natureza é o único livro que oferece um conteúdo valioso em todas as suas folhas.

Goethe

A saída foi marcada pelo desmonte do acampamento. Saímos à frente, guiados por Alexandre, enquanto os carregadores e demais guias juntavam toda a bagagem. O retorno era mais leve, visto que o material da ponte não voltaria, isto é, tão rápido os carregadores nos alcançariam. Durante o trajeto fomos revendo as paisagens que tanto me surpreenderam na vinda e agora eu tentava guardá-las, o máximo possível, em minha memória. Passamos pelo marco tríplice, revelando as três vertentes da savana amazônica. ‘Três coisas ao mesmo tempo’. Cada lado, um país, uma língua. Por todo lado, os povos indígenas, o mesmo tronco, a mesma lenda, a mesma mata. É o limite da savana. Além da cadeia de tepuys, florestas que vão até o oceano Atlântico. Em uma das narrativas colhidas por Koch-Grünberg, essas florestas teriam se originado da copa da árvore do mundo, que dava todos os frutos que caíram. O tronco caiu por cima do rio Caroni e o cepo ou o toco seria o Roraima, deixando a savana seca e *somente com muito trabalho é que os indígenas tiram alimento solo*. A árvore teria sido derrubada por Makunaima<sup>39</sup>. Logo depois, a entrada para o Vale dos Cristais, um lugar sagrado. Baixadas e subidas. Nesse instante, Carlos e Alfredo estavam conosco. E mais à frente, marcamos uma corrida para subir em uma formação rochosa que lembrava ‘a taça’ de Ponta Grossa, no Paraná.

Finalmente pelo caminho, em uma parada para hidratação, Alexandre nos mostrou o sapinho preto do Roraima (*Oreophrynella quelchii*). É uma espécie primitiva e que não pula.

<sup>39</sup> KOCH-GRÜNBERG, T. Do Roraima ao Orinoco. Observações de uma viagem pelo norte do Brasil e pela Venezuela durante os anos de 1911 a 1913. São Paulo: UNESP/Instituto Martius Staden, 2006.

Agora, a chegada ao Sucre não foi tão emocionante quanto na vinda ao Monte. Estava exausto. Estávamos exaustos. O sol daquela manhã foi ardido. As barracas foram montadas não muito rápido desta vez. Procuramos um local para lavar as mãos próximo ao hotel. Impressionante como a água no Monte sempre brota. Talvez seja acúmulo de água das chuvas. O Monte é muito extenso e estando no lado brasileiro não temos ideia do que se passa no lado venezuelano, nem no guianense e assim sucessivamente.

Henrique e eu conversávamos sobre algum assunto da volta para casa e percebemos a chegada de dois pequenos pássaros, dois tico-ticos, que pareciam estar bem à vontade no hotel. Ele disse que alguns animais, do mesmo modo o quati, ficaram de certa forma acostumados com a comida dos hotéis. Questionei-o por que ali existira realmente um quati.

*As luzes na rota escura  
Num vai e vem solitário  
Os olhos estreitos só  
Minando o imaginário  
Sorriso desconfiado  
Às vezes tão bem guardado  
Na regra do meu lunário.*

*E a flor de luz brilhante  
Tão certa traz o dia  
O café num fim de tarde  
De palavras, poesia  
As cores pela montanha  
Marcante necessidade  
Numa qualquer todavia.*

*E a lembrança perdida  
Tão insistente pensar  
Talvez seja este motivo  
Que escrevo para marcar  
A pressa de cada história  
Ou rapidez da memória  
Poeira que vai no ar.*

Alexandre estava perto e atravessou nossa conversa falando que certamente foi levado por alguém. E, por isso, não se deve deixar comida com cheiro forte nas barracas, visto que eles sentem e rasgam a barraca para pegá-la, urinam, defecam, enfim, a destroem.

Lembrei dele ter falado isso na primeira noite no acampamento Kukenán, porém havia esquecido. Durante o almoço, perguntei ao Henrique se poderíamos ir à Pedra Maverick e à Jacuzzi, pois queria conhecê-las. Henrique escalou Alfredo, que muito empolgado aceitou a empreitada.

Após a sesta, fomos Alfredo, Carlos e eu. Por duas vezes durante a caminhada sobre as rochas, para cortar caminho, segundo eles, pedi para me esperarem. Eles andavam muito rápido e tão logo os perderia de vista. Primeiramente, fomos à Jacuzzi. Fiquei impressionado com a beleza. Cristais se acumulavam ao fundo dando um toque a mais de suavidade. A água era abundante e encontrava-se numa área aberta, sendo um local bastante procurado para banhos. Quem fica no hotel São Francisco toma banho na Jacuzzi, disse Carlos. Tirei algumas fotos e pedi para me levarem à Maverick. Ela estava à nossa frente, no sentido sul, em direção ao paredão e ao vale por onde viemos.

A escalada na Maverick durou cerca de 15 minutos, contudo, quase no topo fomos surpreendidos por uma forte chuva, que nos obrigou a procurar um abrigo. Em cinco minutos, o céu estava aberto novamente e chegamos ao topo. As pequenas rochas estavam empilhadas. Aproveitamos para tirar fotos no ponto mais alto de todo o Monte. Pude observar os hotéis e a toda extensão desse lado. Logo depois, as nuvens se aglomeraram no paredão e não podíamos ver o vale novamente. Aos poucos a paisagem foi surgindo e pude ser fotografado pelo Alfredo, com a cordilheira em minhas costas e parte do paredão.

Estávamos na Maverick, ponto mais alto do Monte, observando todo o vale que caminhamos e que caminharíamos no dia seguinte.

- O verde é muito lindo. A savana, o campo é onde meu pensamento é mais forte, disse Carlos.

- Tem verde claro, verde-escuro, verde que parece azul, verde-

amarelado.

- Tem mesmo! Muitas tonalidades de verde. Já pensaram que, se a gente chegar mais perto, podem aparecer mais tons de verde?

- Não tinha pensado nisso, disse Alfredo.

- Daqui de longe a gente podia dizer que cada tom de verde é uma espécie, não é?! É tudo igual.

- Sim, é tudo igual, responderam.

- Mas ali onde só tem árvores ou naquele lado que só tem capim. A gente sabe que não tem só um tipo de árvore ali. Talvez lá tenha só um tipo de capim, ou ele seja a grande maioria. Vai que a gente chega lá e aparecem outros tipos de capim da mesma cor ou de cor diferente?!

- Tem muito tipo de planta, não é?! É isso que você quer dizer pra gente, certo? Disse Carlos.

- O mais importante vocês já sabiam.

- É?!

- Os tons de verde.

- Os tons de verde!

- Vocês foram capazes de perceber os tipos de verde. - Isso mostra que estão atentos ao ambiente ao meio em que vivem.

- Quando nem isso conseguimos perceber e muito menos não saber os nomes das plantas que passaram a vida toda utilizando, seja para sombra, pra remédio ou outra coisa, o caso é muito grave.

- Ah, não. Não tem como uma pessoa, por exemplo, não saber o que é uma mangueira.

- Ah, acredite que tem sim. No entanto, pode realmente ser difícil. Por exemplo, se eu perguntar para os dois se vocês conhecem uma copaíba, vocês me dirão que sim, certo?

- Certo.

- Mas se eu pergunto: Como vocês sabem que é uma copaíba e não um jatobá?

- Ah, eles são bem diferentes!

- Você acha que são bem diferentes. Eu os acho bastante parecidos, mas têm suas diferenças.

- Como você acha parecido?! Os frutos são bem diferentes!

- E se estiver sem frutos?

- Eu vou saber pelo tamanho.

- E se forem do mesmo tamanho?

- Ah, cada um tem um jeito seu. Eu olhando sei dizer.

- Tá vendo, têm coisas que você vendo sabe diferenciar. Se eu te mostrar só uma delas, você certamente vai saber qual é, não vai?

- Vou, eu sei, eu conheço.

- Pronto. Mas quais características dela que você olhando sabe que é ela? Essa é a grande questão.

- Hummm, entendi.

- É desse jeito que você faz sua pesquisa?

- É assim que eu tento fazer as pessoas se interessarem por plantas.

- Ficou claro pra mim, João. Muito legal!

- Legal mesmo. Vou fazer aqui na vila com as crianças. É claro, que antes vou procurar ver todas pra quando chegar na hora eu saber responder qual é.

- A savana é dentro da gente, concluiu Alfredo.

- Muito bem! Fico feliz com vocês dois! Vamos voltar para o hotel que tá escurecendo, fazendo frio e eu quero tomar um cafezinho.

Todos sorrimos e começamos a descida.

Pelo caminho, fui explicando que muitas pessoas realmente não percebem os diferentes tons de verde, não sabem o nome das plantas de casa, da rua, da praça do bairro, e que a Ciência chama isso de impercepção botânica<sup>40</sup>.

- Impercepção botânica. Nome engraçado.

- É mesmo! Olha aí, eu nunca tinha pensado nisso.

Todos rimos.

- Vocês sabiam que alguns dos povos não faziam diferenciação do verde para o azul?

- Acho que sim. Acho que uma vez vi meu avô confundir as cores.

- Não é curioso isso?!

- É sim.

- Lá em cima você falou: “verde que parece azul”, daí eu lembrei disso. E se a gente pensar que a percepção das cores desses povos do passado estava toda na paisagem. No céu, na água, no capim, nos animais e outros.

- Poxa, isso é muito interessante mesmo!

- Obrigado por essa informação, João.

- Obrigado mesmo, foi muito legal.

- Essas coisas podemos contar quando estivermos trabalhando

---

40 URSI, S.; SALTINO, A. 2022. É tempo de superar termos capacitistas no ensino de Biologia: “impercepção botânica” como alternativa para “cegueira botânica” DOI: 10.11606/issn.2316-9052.v39ip1-4 Bol. Bot. Univ. São Paulo, v. 39, p. 1-4.

de guia aqui.

- Sim, vocês devem ressaltar para todos a importância de preservar e manter o ambiente vivo. Lembrei de um fato bem simples. Teoricamente simples. O nome do país: Brasil. Vem de uma árvore. Certo?!

- Certo!

- Vocês viram um pau-brasil?

- Caramba, eu nunca vi, disse Carlos.

- Eu vi um. Uma vez, disse Alfredo.

- Na escola que estudava, em Boa Vista, tinha um pau-brasil e a professora nos mostrou.

- Muito bem. Mas é o caso de grande parte da população brasileira, onde não conhecem a planta que dá nome ao próprio país. Entendem o caso?

- Hum?

É tipo: Vocês que são da comunidade Andirá<sup>41</sup>. Andirá é uma árvore, não é?!

- É.

- E as pessoas que nascem em Andirá, mas nunca viram um andirá. Entendem?

- Sim. Realmente é muito grave.

- A questão é que o pau-brasil é uma planta da Mata Atlântica, e o Brasil é um país muito grande, com diferentes tipos de ambiente. Como é o nosso caso. Estamos na Amazônia, e pensamos logo na floresta. Porém, aqui existe uma savana.

---

<sup>41</sup> Andira spp.

- Pois, é.

- João, só pra lembrar, andirá também se refere a morcego.

- Ah é?! Muito legal. O morcego come as frutas do andirá, por isso o mesmo nome?!

- Parece que é isso mesmo. Parece que chamam a planta de morcegueira também.

- Muito bom saber disso. Agora sou eu que vou falar sobre isso nas aulas!

Os dois guias sorriram. Começamos a voltar para o acampamento. Durante a caminhada, fomos conversando:

- Outra coisa legal, que vocês podem falar, é do que chamamos de fitofisionomias da savana.

- Como é isso?

- É o tipo de vegetação que ocorre em diferentes locais da savana. Por exemplo: tem lugar no Lavrado que é só grama. A gente olha de longe vê aquele 'gramado' rasteiro.

- Sei.

- E tem lugar que tem uns caimbés, mirixis, e mesmo assim é predominante o 'gramado'. Nós chamamos de savana gramíneo-lenhosa. Tem lugar que tem mais árvores, mais arbustos, e vão aparecendo mais espécies. Chamamos de savana parque.

- Savana parque. Que nome legal!

- E com mais árvores e mais espécies, chamamos de savana arbórea.

- Certo, entendi.

- Entendi também.

- Da mesma forma, temos essas fitofisionomias se apresentando nas regiões serranas. Nesses casos, acrescentamos o nome ‘estépica’. Por exemplo: savana arbórea estépica.

- Que nome diferente. Estépica.

- Lembrando que nas regiões de serra o solo vai se apresentar pedregoso em sua composição.

-Sim.

- Existem ainda, os ambientes florestais da savana, que são ilha de mata, buritizal, mata de galeria e mata ciliar<sup>42</sup>.

- Esses a gente conhece pelos nomes.

- A madeira pra construir casa, cerca e outras coisas vem dessas áreas.

- É onde tem árvore.

- Lembrando que os tipos de solo ainda estão associados com as fitofisionomias<sup>43</sup>.

Chegamos ao Sucre, e o café já estava saindo. Jantamos todos e conversamos. Lembrei de ter contado ao Henrique que, tinha visto no registro do Ernst Ule<sup>44</sup>, que ele ficou numa casinha ao pé do Roraima:

*Para ficar longe das perturbações do trânsito com os índios, me transferei com dois servidores para uma pequena e velha casa que se encontrava no próprio pé da montanha. Depois de recuperada, morei lá durante sete semanas e escalei várias vezes as alturas da montanha. A cabana se encontrava a uns 1000 metros acima do nível do mar e, por atrás dela, a subida era quase vertical. Era necessário subir, pegando em ramas e raízes. Em seguida, tinha o*

42 BARBOSA, R.I.; MIRANDA, I.S. Fitofisionomias e diversidade vegetal das Savanas de Roraima. 2005. In: BARBOSA, R.I.; XAUD, H.A.M.; SOUZA, J.M.C. (Eds). Savanas de Roraima: Etnoecologia, Biodiversidade e Potencialidades Agrossilvipastoris. FEMACT, Boa Vista, 202p.

43 VALE-JUNIOR, J. F.; SOUSA, M. I. L. Caracterização e distribuição dos solos das Savanas de Roraima. In: BARBOSA, R.I.; XAUD, H.A.M.; SOUZA, J.M.C. (Eds). Savanas de Roraima: Etnoecologia, Biodiversidade e Potencialidades Agrossilvipastoris. FEMACT, Boa Vista, 202p.

44 KOCH-GRÜNBERG, T. A distribuição dos povos entre rio Branco, Orinoco, rio Negro e Yapurá. Tradução de Erwin Frank. Manaus: Editora INPA/EDUA, 2006.

*alto de um cerro, antes de chegar às mesmas paredes rochosas que, em todas as partes, subiam verticalmente de 200 a 400 metros. Uma única parede destroçada permite acesso difícil até o plateau acima.*

Peguei esse registro e mostrei-o para Henrique, pensei que poderia ser aquele primeiro barranco que subimos logo após a pequena cachoeira na trilha, e que a cabana do Ule poderia ser o próprio acampamento base ou mais próximo do barranco. Pelo fato de ter subido o Monte várias vezes, como ele diz, Henrique ficou desconfiado, no entanto, não tínhamos nenhuma certeza. Continuamos contando algumas histórias e depois fomos para as barracas.

A noite foi de descanso, realmente o dia foi pesado. Afinal, estávamos exaustos de toda a estada e o dia seguinte seria de caminhada até o acampamento do rio Ték. Seria outra vez puxado. Nesse ritmo, recolhemo-nos cedo, às 19h como de costume. Os guias e carregadores estavam na cozinha e sorriam muito. Acredito que só eu estivesse deitado, contudo, não saí da barraca. Adormeci na barraca comendo minhas castanhas e amendoins esquecidos na mochila.

Novamente, por volta das 2h ou 3h da manhã levantei-me com vontade de urinar. Saí do acampamento e tive a visão completa daquele vale da montanha. Como antes, a lua brilhava. Estava cheia. E assim, tive a mesma visão da outra noite com o seu reflexo sobre as rochas e percebendo a Pedra Maverick e o hotel Principal na escuridão. De repente, comecei a perceber a intensidade do clarão e senti-me adormecer outra vez.

- *Capoi imumpé*, ouvi.

Acordei em um dia de sol, contudo, não estava mais no Monte Roraima. Eu via toda a savana e observava algumas poucas aldeias indígenas. Estava acima de um Monte, todavia não parecia um tepuy como o Roraima.

Decidi sair caminhando e observando o que havia ao redor. Vi muitos pássaros de diferentes cores. Vi muitas plantas desconhecidas, com flores coloridas e vibrantes e cheguei a uma enorme árvore, que acreditei ser a árvore do mundo do Makunaima. Porém não observei os

diferentes tipos de fruto, como é mencionado pelo Koch-Grünberg. Próximo à árvore havia uma pedra ovalada e nela estava marcada uma enorme pegada em relação aos meus pés, que naquele momento me reclamava sua dor novamente. A árvore era muito frondosa e suas folhas tocavam o chão. Quando o vento soprava, via o sol brilhando por trás dela. Fui até lá e o vi reluzente no horizonte. Virei meus olhos para o lado esquerdo e percebi o Roraiminha e o Monte Roraima. Dessa forma, concluí que deveria estar na Serra do Sol.

Nesse instante, eu estava virado em direção aos tepuys e comecei a perceber uma maior intensidade de brilho do sol em minhas costas. Olhei para trás e não conseguia enxergar nada devido ao brilho intenso. Fechei os olhos e percebi a luz cessar. Abri os olhos e o vi à minha frente.

Makunaima estava diante de mim.

Pedi para me sentar sobre a pedra e começou a me contar uma história. A partir desse momento uma imagem se formou à minha frente e vi o que ele falava acontecer.

Makunaima estava na Serra do Sol exatamente onde eu estava quando acordei.

# Makunaima e o diabo na Serra do Sol



A arte é tão difícil quanto o amor.

Glauber Rocha

A grande terra corria  
Por léguas e seus rincões  
Reluzia nela o sol  
Nos verdes, marrons torrões  
Areia quente fervia  
Nela vida não se via  
Nem nas matas e serrões.

Era um tempo de estiagem  
Não se tinha alimento  
Mas a noite era o conforto  
Para todo sofrimento  
Os animais se matavam  
E as coisas se acabavam  
Tudo era um grande tormento.

Eu me encontrava sozinho  
Equilibrando a natureza  
As aves, anfíbios, répteis  
Conforme minha destreza  
De repente percebi  
Que o tempo parou, senti  
A presença da tristeza.

Ao meu lado escureceu  
Um grilo parou no ar  
O eco d'água sumiu  
Nem sentia mais suar  
O silêncio tomou conta  
Seu olhar firme me aponta  
Começou a esfriar.

Ele tinha em seu semblante  
Um olhar indefinido  
Trazia a sua certeza  
Sem se fazer preterido  
Com seu traje desonroso  
Também muito tenebroso  
Da treva tinha surgido.

Quem é você? Perguntei  
O que faz em minhas terras?  
Eu nunca o vi por aqui  
Se perdeu por estas serras?  
Não gostei da intromissão  
Sem pedir a permissão  
E por acaso quer guerra?

Calma, bravo deus guerreiro  
Você sabe quem eu sou  
Estive sempre ao seu lado  
E agora aqui estou  
Para lhe fazer oferta  
Pois eu tenho a mão tão certa  
Pra tudo que lhe restou.

O sol é o dono da terra  
E tudo que nela há  
Não se pode esconder dele  
Nem sombra e taperebá  
É só poeira e carvão  
Buriti seco e sertão  
Lagarto e caracará.

Que há de ainda perder  
Se não apenas seu ego  
Pois aceite minha oferta  
E não se finja de cego  
O chão todo secará  
E a mata queimará  
Restando cravos e pregos.

Não quero negociar  
Isto aqui é o meu chão  
Não há lugar pra você  
Não tem nenhuma razão  
E volte já pra onde veio  
Pois não me faça aperreio  
Bem aqui no meu rincão.

Assim um brilho cegou  
E os dois foram parar  
Na praça do garimpeiro  
Bem na hora de almoçar  
Pois ninguém tava na rua  
E ele fez que era sua  
Onde não pode parar.

O que fazemos aqui?  
Nós estamos no futuro?  
Diga que lugar é esse  
Não me tenho tão seguro  
Já lhe faço num instante  
Um pangaré, seu tratante  
Pois bem saiba que lhe furo.

Calma, nobre Makunaima  
Lhe trouxe pra Boa Vista  
Que carregará seu nome  
Sem nem saber que assista  
Pois no meio da cidade  
Se tem por identidade  
Um garimpeiro na vista.

O garimpo acabará  
Poluindo todo rio  
Mata também cairá  
Quando transpassar o fio  
Pois na cobiça do ouro  
Servirá qualquer tesouro  
Para a cadela no cio.

O garimpo iludirá  
A todo povo em geral  
E verão nele a saída  
Do comércio natural  
Quem lucra, não saberão  
Muito menos a lição  
Dessa história sem moral.

Depois ele me levou  
Para o meio da savana  
Vi o rio Surumu  
Logo abaixo da serrana  
Muita gente branca vindo  
E o campo destruindo  
Avançando caravana.

Vi muitos povos morrerem  
Vi rio ser poluído  
Uma nuvem poeria  
Deixava tudo esquecido  
Abelha da flor sumia  
Ilha-de-mata caía  
Estava tudo perdido.

E depois vi que entre eles  
Uns eram mais traiçoeiros  
Pois criavam confusões  
Intrigas de sorrateiros  
Assim um outro ia embora  
E aquele sem demora  
Virava novo posseiro.

E em pouquíssimo tempo  
A terra era só de um  
Os outros também saíram  
Não restou tostão algum  
Então virava empregado  
Ganhando pouco trocado  
Do que era seu em comum.

Manoel cruzou o sol  
Num rasgo mais amolado  
Quando caiu arrebol  
Senti corpo laminado.

Então eu vi Severina  
Cruzar o Capibaribe  
Como soldado na sina  
Que a guerra com fel inibe.

*Depois vi o Conselheiro  
Na frente da multidão  
Levantava o vermelheiro  
E inundava o Sertão.*

*Tinha verso e cantoria  
Tinha folguedo e paixão  
Um rastro de poesia  
Viola, rima e canção  
Mas tinha um cheiro de mato*  
QUE SÓ LEMBRO NO RETRATO  
DO MEU AMADO SERTÃO.

*De longe ouvi Virgulino  
Acordando madrugada  
Da igreja ouvi Silvino  
E fugia em disparada.*

*Cancão pintando miséria  
Em uns cabrabestalhados  
João Grilo passando a perna  
Em rico e pobre coitado.*

*Senti o cheiro do chão  
E a semente não vinga  
Foi rastro de solidão  
E fumaça na Caatinga.*

*Tinha verso e cantoria  
Tinha folguedo e paixão  
Um rastro de poesia  
Viola, rima e canção  
Mas tinha um cheiro de mato*  
QUE SÓ LEMBRO NO RETRATO  
DO MEU AMADO SERTÃO.

O verdadeiro eldorado  
Está acima do solo  
É a rica fauna e flora  
Todos a querem no colo  
Pois a destruição vem  
Sem a luta de ninguém  
A morte chega sem dolo.

Todos parecem sorrir  
E aceitam muito bem  
Consumismo é poder  
Pra mostrar o quê pra quem?  
A queimada consumindo  
O ar que vai se esvaindo  
Nas festanças de ninguém.

Você não é Henrique  
Ela não é Joana  
Eu não sou João  
Eles não foram, só estavam  
Além dos entretantos  
Era o dia, era a noite  
Era o frio, era o calor  
Era a chuva, era o sol  
Era água, era o suor

Não era enquanto, nem era assim  
Era só eu procurando por mim.

# Sob o brilho do Setestrello

Mas o tempo, o tempo caleja a sensibilidade.

Machado de Assis

Acordei dentro da barraca e fiquei pensativo, no entanto, voltei a dormir rapidamente. Pela manhã, acordamos cedo e daríamos início à grande caminhada que era chegar até o acampamento Ték, com pausa para o almoço e descanso no acampamento base aos pés do Monte. A descida do paredão foi muito rápida para mim. Desci com tamanha pressa que, em alguns momentos, não tive onde me segurar para frear e caí. O esforço, tanto da subida quanto da descida, é bem intenso e em ambos os casos meus joelhos ficaram bem trêmulos, como as pernas por inteiro.

Ao chegar no acampamento base, sozinho, fui descansar no mirante em que se vê o vale e o tepuy Kukenán. Após uns 20 minutos, e os primeiros carregadores estavam chegando. Acredito que em uma hora todos estavam no acampamento. O almoço foi de rápido preparo, comemos salada e atum enlatado. Em pouco mais de 40 minutos nos aprontávamos para ir até o Ték.

Antes do Ték, passaríamos pelo acampamento Kukenán e teríamos que atravessar o rio. Henrique e eu nos lançamos à frente, andando com muita velocidade a descida da saia do Monte. Chegando ao rio Kukenán, Henrique preferiu atravessá-lo da forma tradicional, que é cruzando-o com os pés na água e procurando equilíbrio nas pedras. O uso de meias é muito importante para não escorregar.

Eu fiquei observando as pedras um pouco mais acima do local da travessia e suspeitei que era possível atravessá-lo sem molhar os pés. E consegui. Cheguei ao outro lado da mesma forma que estava. Mas aproveitei e refresquei a cabeça e tomei bastante água. O calor estava castigante. Na margem, encontrei um exemplar da família *Malvaceae*, *Pachira* sp., diferente da conhecida *Pachira aquatica*<sup>45</sup>.

45 *Pachira aquatica* é empregada como espécie paisagística em praças de Boa Vista, Roraima.

Henrique e eu seguimos juntos a caminhada até o Ték e chegamos cerca de 2 horas antes dos demais. Após atravessá-lo, encontrei um arbusto do que me parecia um urucum (*Bixa* sp.) Aí sim, tomamos banho e curtimos a paisagem dos tepuys Kukenán e Roraima, e ao lado direito desse, a Serra do Sol, Wei tepuy, um pouco mais afastada.

Havia uma pequena construção de taipa ou pau-a-pique, e o morador, que era do povo Pemón da vila Paraitepuy, vendia algumas cervejas venezuelanas em garrafas de 300 ml. Depois de tomarmos umas três cada um, perguntamos pelo preço e custavam R\$ 10 cada. As cervejas estavam praticamente quentes e custavam esse preço! No entanto, estávamos muito mais felizes de cumprir a missão, que não nos importamos. O rapaz ainda nos disse que vendia bastante. ‘Todo grupo que desce o Monte acaba com meu estoque’. Todos sorrimos. Ele ainda contou algumas histórias sobre o Monte.

O acampamento foi armado, entretanto, todos mal conseguiram dormir aquela noite. Havia um clima no ar de ansiedade para chegar em casa. Às 5h da manhã saímos do Ték em direção a Paraitepuy após um rápido café da manhã. Eu estava tão empolgado da caminhada do dia anterior que acelerei o passo e disparei na frente de todos. Caminhando pela estradinha era possível avistar a Serra do Sol e o astro-rei surgindo por trás. Tive a impressão de a serra parecer a esfinge do deserto de Gizé sem a cabeça. Uma cena linda que marcaria a despedida da viagem.

Os caminhos que chegam  
Não são os que vão  
Os caminhos que chegam  
Só passam o chão  
São caminhos que passam,  
que sendam  
Os caminhos que se andam  
Caminhos, ve  
re  
das  
ver  
ten  
tes

Estradas, entranhas  
São beiras, belezas, surpresas  
Estranhos, atalhos, fraquezas  
Descaminhos, tristezas  
São pontes estreitas

São só sendeiros, festejos  
Caminhos que se perderam  
Paisagens vistas inteiras  
Colagens que se-esqueceram  
São só sendeiros noturnos  
Os trilheiros que partiram  
São os vareios confusos  
As quebradas que sumiram.

Acredito que cheguei com uma hora de antecedência em relação aos demais. Estava com muita vontade de andar e andei. Cheguei na vila, procurei uma cerveja venezuelana para hidratar. Todo esforço ao povo Pemón é válido, ainda mais que tentam criar um ambiente que receba o turista. Nesse local, havia um restaurante, que também fazia pratos típicos da Venezuela para almoço, além de outros pratos.

Não havia montarias  
Só carregadores de sonhos  
Montanhas  
Corri  
Corri  
Corri  
Corri

Não me aguentava parado  
Não suportava andar  
Corri  
Corri  
Corri  
Corri

Após todos chegarem, conversamos em um clima amistoso e um dos carregadores nos levou para ver a sola do Makunaima. Era exatamente a pedra que vi em meu sonho, duas noites atrás. Fiquei impressionado com aquilo.

De volta à vila e sentado em um banco desse restaurante, esperávamos o carro da agência de turismo chegar para nos buscar. Ficamos conversando e perguntei sobre a árvore da vida do Makunaima para eles. Indaguei que seria o Monte Roraima<sup>46</sup>, como ouvi diversas vezes em Boa Vista. Eles me corrigiram e afirmaram que a árvore da vida é Wadakapiapö, que realmente tem uma base de árvore, parecendo um toco que sobrou do corte. E o nome Wadakapiapö significa árvore da vida. Conte para eles que recentemente foi medida a maior árvore do Brasil, era um angelim-vermelho (*Dinizia excelsa*), na Floresta Estadual do Paru, no estado do Amapá. Na lenda, *a árvore do mundo e a grande enchente*, a árvore é chamada Wazaká.

Fiquei imensamente feliz pela informação e me senti colecionando conquistas com a viagem. Nesse instante, Henrique foi ao posto do Instituto venezuelano e os comunicou da nossa chegada, encerrando de fato nossa viagem ao Monte Roraima. Um dos carregadores me trouxe caxiri de batata-doce. Nunca havia tomado desse tipo, apenas o da própria mandioca e o pajuaru. Acredito que fiquei um pouco embriagado. Lembrei das palavras de Ernst Ule, em sua passagem por aqui há quase 100 anos: Cheguei para tomar Kaschiri e me embriagar.

Daí, começamos a falar sobre a agricultura indígena.

E desde já, Carlos, que acabara de chegar, perguntou-me sobre a mandioca. Qual o nome dela? Qual a família dela?

- Aqui se planta mandioca?

- Sim, e muito!

- Olha aí, vocês não tinham me falado isso! *Manibot esculenta*, família Euphorbiaceae.

---

46 Relatado por KOCH-GRÜNBERG, T. Do Roraima ao Orinoco. São Paulo: Editora UNESP. 2006.

- Aqui vocês têm a mandioca-braba e a mandioca-mansa?  
Perguntou, Henrique.

- Sim. Mas não só esses dois tipos, tem vários tipos comestíveis também.

- E como a comunidade tem esses vários tipos comestíveis?

- Ela é a principal planta alimentícia da região Norte do Brasil, e por que não, de todo o país.

- Lá em Pernambuco, meu pai aprendeu com o pai dele, que aprendeu com pai dele e, assim, sucessivamente, como se deve plantar a macaxeira. Lá chamamos de macaxeira, a comestível.

- Falamos da mandioca-brava e a mansa, que é a comestível.

- Em Roraima, nem fazem distinção. Não que eu saiba.

- Alguns falam mandioca-doce.

- Vi que a mansa, ou macaxeira, tem a propriedade de perder o ácido cianídrico no cozimento.

- Por isso que ela é mansa.

- E aqui na Amazônia, os indígenas usam o tipiti e com um pedaço de pau vão girando, torcendo para sair todo o líquido.

- Não, não vai girando, não. Passa um pau embaixo e faz força pra baixo.

- Não é daí que o tucupi é feito?

- É. Daí, o líquido é separado do amido. Da massa da mandioca. E esse líquido é cozido, não sei por quantas horas, e vira o tucupi. Tem um molho de tucupi com pimenta, que os índios fazem, que substitui o molho inglês industrial.

- Um molho natural, sem industrialização. Um molho shoyu natural. E ainda tem o cumaañi, que se faz do tucupi. Ou será o mesmo tipo de molho?

- E da massa se faz tudo, né?! Bolo, beiju. Eu vi num artigo que o beiju seria o pão dos indígenas da Amazônia.

- Putz! Eu nunca tinha pensado nisso. É mesmo!

- Tipo o pão árabe, sírio que vende no supermercado.

- Faz todo sentido. E o tipiti é feito de arumã (*Ischnosiphon polyphyllus*).

- Lembrando que a mandioca dos índios é quase sempre sem agrotóxicos. Ou seja, é agroecológico, sem conservantes, orgânica e com selo indígena.

- Lembrei do caxiri com essa descrição.

- Orgânico, agroecológico, não industrializado, sem conservantes, sem um monte de coisa, e é indígena. Viva um bom caxiri!

- A cerveja natural dos índios!

- Caramba, se você parar pra pensar: a mandioca é uma planta venenosa. Tem o ácido cianídrico, que os alemães usaram nas câmaras de gás para matar os judeus. Aí, os indígenas conseguem manejá-las e transformá-las em cerveja natural.

- Impressionante! Os indígenas são impressionantes.

- É muita vivência com a mata, com seu ambiente, com suas plantas.

- E pense que a mandioca/macaxeira estava no Brasil inteiro há muitos e muitos anos. Não era uma coisa da Amazônia.

- É mesmo, bem lembrado. É por causa da origem dela, que é a Amazônia.

- Sim, tem a lenda da *Mani*.

- Mas já estava em todo Brasil. Os indígenas a usavam pra tudo isso.

- E na América Central tinha o milho. Centro de origem, o México.

- México é América do Norte!

- É mesmo. América Latina.

Risos.

- É por causa dos países latinos, aí eu sempre faço confusão.

- Tranquilo.

- E nos Andes, teve a batata.

- Exatamente! A batata que na guerra salvou os irlandeses da fome.

- Cara, tá vendo que esses cultivos passaram pelo mundo inteiro. As coisas que vieram para a América, e as que daqui foram pra fora.

- É meu velho, e não foram só os portugueses e espanhóis não. Isso já era desse jeito bem antes deles. No comércio entre os países no Mediterrâneo, nas rotas para as Índias e etc.

- Depois disso tudo é que chegam ao continente americano.

- Lembrei de outra história sobre ser levado para outros países.

Qual?

- A seringueira.

- Caramba, mesmo! A seringueira.

- Mas suas sementes quando foram levadas da Amazônia para a Ásia, todo mundo sabia disso.

- Será que teve inocência, ingenuidade do pessoal?!

- Eu acho que sim. Mas não só isso. O Brasil não tinha uma lei de proteção desse patrimônio. Então, isso devia acontecer

tranquilamente, sem crime, sem nada.

- Pois é, meu velho. Eu estava lendo os registros de Wallace na Amazônia, e eu sempre me perguntava como ele se mantinha aqui. Uma expedição muito grande, gastos, né?!

- A gente vem aqui e é essa organização toda. Gastos. Controlar gastos. Economizar aqui e ali. Imagine com eles naquela época.

- Nessa leitura dizia que em Londres era bem comum haver colecionadores de aves, primatas, plantas e outros. Então, eles coletavam, vendiam para esses colecionadores e se mantinham aqui trabalhando e pesquisando. Quer dizer, era um tipo de contrabando legalizado que existia.

- Caramba, é mesmo. Era uma terra sem lei.

- Da mesma forma, a gente vê esse pessoal com comportamento e opiniões que dizem que é retrocesso. É por aí também, a mesma ideia. Quer ganhar o seu e o resto que se dane! Tão nem aí.

- Não se importam.

- Não mesmo.

Dali passamos em Pacaraima, novamente fomos ao Instituto e depois almoçamos no mesmo lugar do jantar da semana anterior. Estávamos nós quatro de volta ao Brasil e partiríamos para Boa Vista. Descansamos um pouco após o almoço e partimos. Antes de chegar à cidade, paramos novamente na lanchonete 100 km antes, e fizemos uma leve refeição com sucos e queijo. A conta foi toda dividida, para alívio de Joana. Henrique me deixou em casa perto das 20h.

- Nossa, levamos o dia inteiro para poder chegar em casa. Mas a volta é sempre mais prazerosa e a conversa na viagem foi sem ansiedade.

De volta à casa, retorno à minha velha rotina e à velha companheira solidão. Pergunto-me se sou tão antissocial assim, pois se fosse, como poderia ter vivido aqueles dias cercado de pessoas diferentes, culturas diferentes, em um lugar diferente. As frustrações que me prendi

antes da viagem seriam fruto de meu isolamento proposital ou realmente as condições aqui acabam nos isolando?! Pensado nisso, comecei a refletir sobre espécies endêmicas. Li alguma vez que elas podem ocorrer em altas altitudes, como picos e os tepuys. Distribuição restrita ao longo do tempo, diferentes condições... Estive lá para melhor me adaptar?! Ponho-me a rir dessa analogia. E aquele encontro com Makunaima, o que devo fazer agora? De todo modo, sinto que voltei mais ativo, mais comunicativo com a vida. Olho meu quintal e jardim de casa e percebo que é a única casa do bairro que não tem um espaço gourmet, moda na vizinhança. Talvez porque não tenha tomado o devido cuidado comigo ou com a casa toda. Contudo, olho o meu íntimo e percebo que minha essência é por um quintal mais floresta, com árvores e suas sombras. Até penso em fazer uma pequena horta.

O coado e esfofante café, sempre em minha mão, traz-me sua presença amarga. Contemplo o vento sacudir as copas de cajueiros e caibés em frente à minha casa. Penso na poeira do Saara e do Sahel, que trazem fósforo para a Amazônia, durante a estação chuvosa<sup>47</sup>. Vejo que há novas plantas no meu jardim, algumas floradas, todas espontâneas. São córdias, solanáceas e cucurbitáceas. Erva-baleeira, jurubeba e maxixe, em verdade.

Relembro de uma pesquisa em Boa Vista que compara um bairro antigo e um bairro recente sobre as árvores que existem nos quintais das casas. O bairro antigo apresentou árvores de sombra e de frutos, como manga, caju, jambo e outras. Nos recentes, pouquíssimas árvores e maior número de plantas ornamentais, uso de grama no jardim e espécies exóticas para paisagismo<sup>48</sup>. É claro, que a situação financeira e o tamanho do terreno podem determinar a presença de árvores. Ou não. Pode ser uma questão de pertencimento, de lembranças de um momento da vida que teve maior relação com sítios, fazendas, casa dos avós no interior com um grande quintal, como no meu caso, ou outras coisas.

Percebo que as pessoas dessa forma parecem estar próximas às

47 SANTOS, R.M. O aporte de poeira do Saara aos aerossóis na Amazônia Central determinada com medidas in situ e sensoriamento remoto. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Clima e Ambiente. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. 2018.

48 SEMEDO, R. J. C. G.; BARBOSA, R. I. Árvores frutíferas nos quintais urbanos de Boa Vista, Roraima, Amazônia brasileira. *Acta Amaz.* [online]. 2007, vol.37, n.4.

plantas de acordo com o uso que elas podem oferecer. Temos que valorizar as plantas por serem plantas! São organismos que dividem este momento conosco. Não podemos dar importância só pela classificação do uso. Será que fazemos isso com pessoas próximas a nós? De certo, já devo ter feito isso em alguns momentos de minha vida. Momentos tristes, inseguros e depressivos.

Decido rapidamente arrumar a casa. Uma vassoura, um pano molhado. Na pouca mobília, ou nas paredes da sala e do quarto, estão fotos de um passado recente que não me cabe mais. Minha pequena filha, tão amável e carinhosa, sorri sempre para mim. Relembro toda a caminhada de Paraitepuy até o acampamento Kukenán. As noites na gruta do Quati. A caminhada no lado guianense. O sol. A chuva. Esqueço as angústias da vida, estresse, ansiedade, tristezas. Percebo que sou outra pessoa.

É tarde da noite, deito-me em minha rede, artesanalmente feita com fibra de buriti pelos indígenas venezuelanos Warao. Lembro que uma vez li sobre plantas mágicas nas lendas Taurepáng e Arekuná<sup>49</sup>. Deitado, vejo o setestrela ao lado de Órion. Recordo-me da lenda de Jilikawá ou Jilijoáibu, do povo Taurepáng, personagem de uma perna só e que subia aos céus para fazer parte das plêiades<sup>50</sup>, que correspondem ao setestrela. Os indígenas daqui as chamam de Tami'kam. Lembrei, ainda, de Ceiuci, no Macunaíma de Mário de Andrade. E o próprio Macunaíma, que virou a Ursa Maior.

Depois, penso em minha avó, neta de uma indígena que fora levada do mato para uma casa de branco, como ela dizia. Relembro sua história de poeira, fome e lágrimas numa infância perdida e salva ironicamente pelos plantios de macaxeira. Ela cantava uma melodia sobre o setestrela. O setestrela está no coração da constelação de Touro, faz parte de uma cantiga aprendida por minha avó em sua infância, na década de 1920. Acredito que deve ser uma cantiga do século XIX, ainda nos tempos dos engenhos de cana-de-açúcar na Zona da Mata pernambucana.

49 KOCH-GRÜNBERG, T. – Mitos e lendas dos índios Taulipáng e Arekuná. Revista do Museu Paulista. Nova Série. Volume VII. São Paulo, 1953.

50 MOURÃO, R.R.F. Astronomia do Macunaíma. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Editora Itatiaia. 2000.

*Eu subi no setestreló aprumado  
Descambei do outro lado  
E vi o sol gemer com frio  
Vi o rio, vi a Arca de Noé  
E vi São José  
Passeando num navio<sup>51</sup>.*

O setestreló já está quase no horizonte a oeste, é sinal de que estamos perto do início da época chuvosa.

*Inventei  
Voei*  
Adormeço.

*Boa Vista, estiagem de 2021.*

---

51 OLIVEIRA, R.A.C. LiterAtos: Ordem dos Cavaleiros do Setestreló. Editora Coqueiro: Recife. 2016.



Concriz

## O autor

**Rodrigo Leonardo Costa de Oliveira** nasci em Vitória de Santo Antão, Pernambuco, em 1981. Desde a infância, tive contato com diversas manifestações culturais do Nordeste, dentre elas a Literatura de Cordel.

Sou Professor de Botânica do Curso de Ciências Biológicas e do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências (PPGEC), ambos da Universidade Estadual de Roraima. A partir de 2008 comecei a escrever cordéis sobre lendas, mitos e belezas de Roraima. E desde 2011, desenvolvo ferramentas para o ensino, popularização e divulgação da Ciência.

Ministro palestras e cursos sobre Cordel em Escolas de Ensino Fundamental e Médio, em Cursos de graduação e pós-graduação de Instituições públicas e privadas, e eventos científicos regionais e nacionais. Já escrevi mais de 100 cordéis de diferentes temáticas e estilos. Fui homenageado pela quadrilha Zé Monteirão, junto com demais cordelistas, no Boa Vista Junina em 2012. Meus cordéis já foram tema de trabalhos de conclusão de curso de graduação e dissertação de Mestrado em Letras na UERR e na UFRR.

Contato do autor: [rodrigo@uerr.edu.br](mailto:rodrigo@uerr.edu.br)  
cordel\_de\_botanica



Venezuela

Río Caroni

Monte Roraima

Río Uraricoera

Serra da Moça

Río Tacaré



Brasil

Serra Grande

Serra da Lua

Río Branco

ISBN 978-65-89203-50-6



9 786589 203506 >